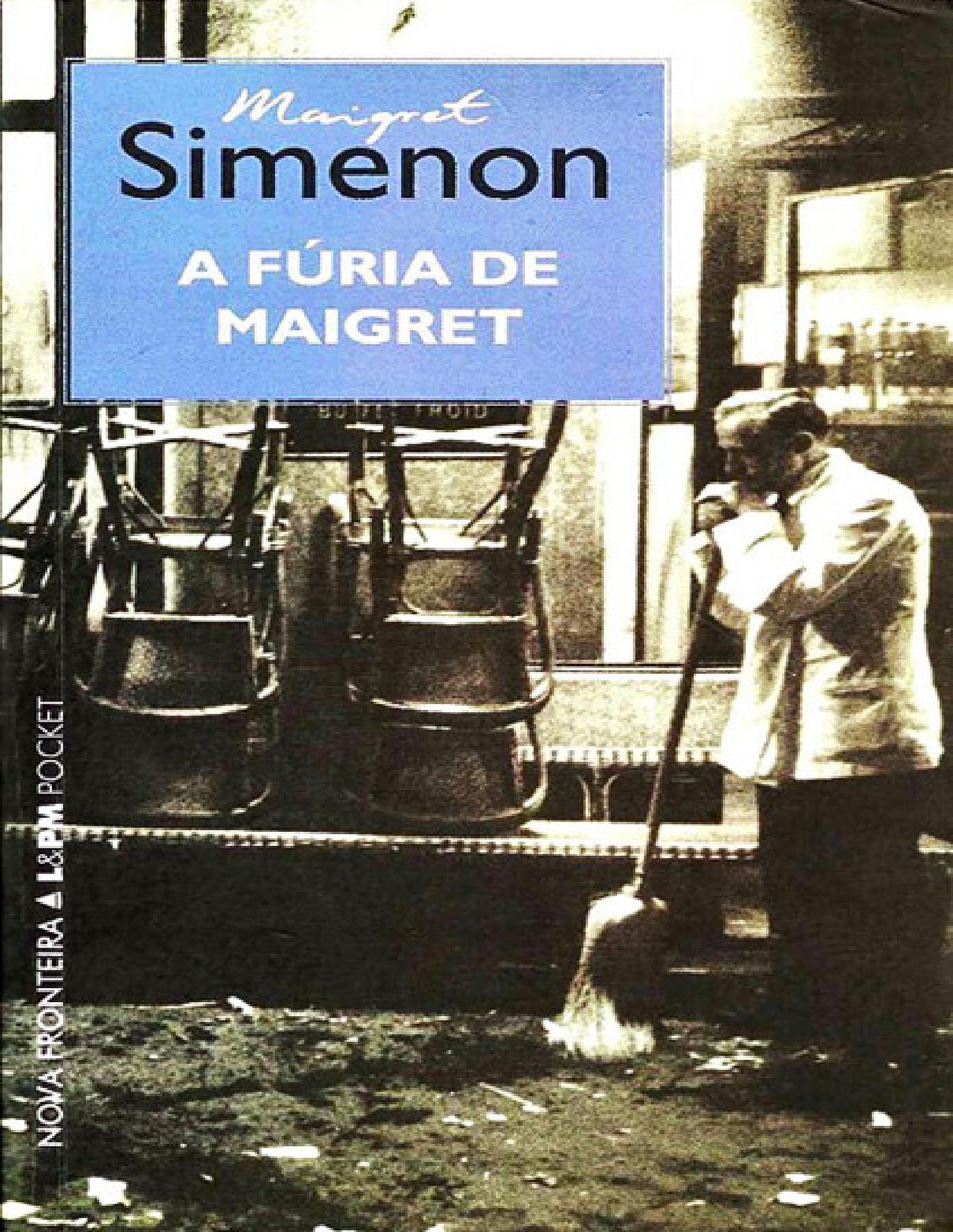


Maigret
Simenon

**A FÚRIA DE
MAIGRET**

BUFFET FROID

NOVA FRONTEIRA ▲ L&PM POCKET



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Georges Simenon

A FÚRIA DE MAIGRET

Tradução de

Rita Braga

2ª edição

NOVA FRONTEIRA - L&PM POCKET

SUMÁRIO

Sobre o autor

Apresentação

A Fúria de Maigret

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

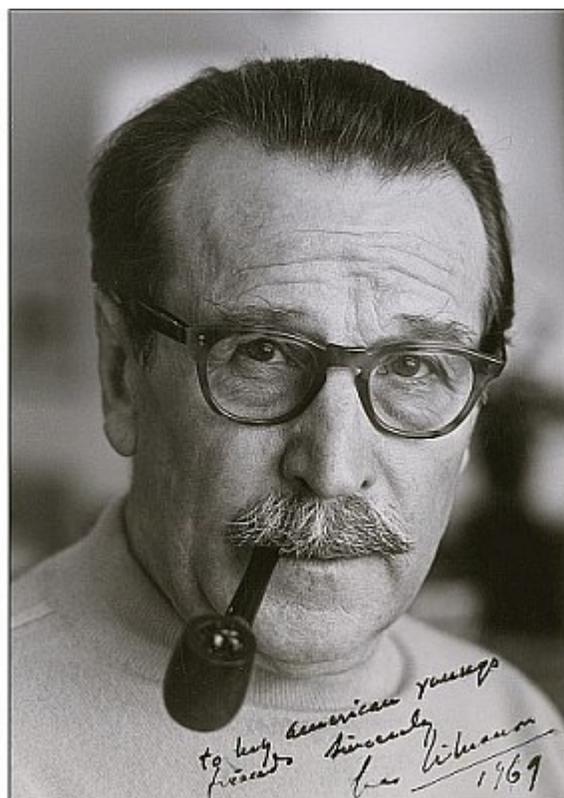
Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Créditos

SOBRE O AUTOR



GEORGES JOSEPH CHRISTIAN SIMENON nasceu em Liège, na Bélgica, no dia 12 de fevereiro de 1903, filho do contador Désiré Simenon e Henriette. Abandonou os estudos antes de completar o secundário, revoltando-se contra o meio medíocre em que vivia. Aos 15 anos tornou-se repórter no jornal *Gazette de Liège*. Seus textos eram apreciados pela fluidez e pelo tom cáustico. Escrevia também colunas humorísticas e colaborava com outros periódicos, demonstrando proficuidade precoce.

Em 1920, escreveu o seu primeiro romance, *Au pont des arches*, publicado sob o nome de Georges Sim. Mudou-se para Paris, onde sobrevivia como secretário particular e escrevendo romances

populares - histórias melosas ou de aventuras - em ritmo industrial e sob diversos pseudônimos. Em 1931, foi lançada a coleção Maigret, com os títulos *Monsieur Gallet, decedé* e *Le pendu de Saint- Pholien*. Foi imediato o sucesso das histórias em que o comissário da Polícia Judiciária francesa desvenda vários tipos de crimes, combinando o desenvolvimento da trama com um profundo mergulho na alma humana e um olhar cético sobre a sociedade. Parisiense, fumante de cachimbo, sempre com o sobretudo de gola de veludo acompanhado do chapéu, Maigret rivaliza em prestígio com os mais famosos detetives da literatura, como Sherlock Holmes e Hercule Poirot, e é, sem dúvida, o mais humano deles.

Simenon faleceu em 4 de setembro de 1989, aos 86 anos, em Lausanne, na Suíça. Escreveu, ao todo, 75 romances e 28 contos com seu mais célebre personagem, além de 120 romances psicológicos, 200 romances populares, alguns livros de memórias e inúmeros artigos de jornal. Grande parte da sua obra ficcional foi adaptada para teatro, televisão e cinema. Seus livros são publicados em mais de 50 línguas.

APRESENTAÇÃO

CAPTURAR O LEITOR DA PRIMEIRA À ÚLTIMA PÁGINA: eis o grande talento do belga Georges Simenon, que revolucionou a literatura policial sem se afastar da tradição clássica universal. Simenon surge entre os cultores do gênero como um dos escritores de maior qualidade literária. Mais do que um crime a ser desvendado, é a correta colocação de cada personagem em seu ambiente e a valorização dos dramas humanos que fazem dele um autor tão consagrado (mais de 1,4 bilhão de livros vendidos em todo o mundo).

No final da década de 1970, a Nova Fronteira trouxe para seu catálogo o nome de Georges Simenon e alguns de seus maiores clássicos como *O homem que via o trem passar* e *A casa das sete meninas*, numa atitude inédita - em nenhum outro país Simenon e Agatha Christie são publicados pela mesma editora. A coleção, com 48 títulos, marcou a década de 1980 com grandes sucessos e aumentou o prestígio e os fãs de Simenon no Brasil. Agora, mais de vinte anos depois, a Nova Fronteira e a L&PM Editores lançam em parceria a Coleção Simenon Pocket, com reedições e títulos inéditos que se juntarão aos mais de 350 da já consagrada Coleção L&PM Pocket; num trabalho conjunto das duas editoras, da tradução à comercialização dos livros.

O comissário de polícia Jules Maigret, protagonista de 75 dos 400 romances do escritor, não é apenas um detetive envolvido com crimes impossíveis. Perplexo, hesitante, não raro desajeitado, apaixonado, comove-se com as grandezas e misérias do ser humano. Maigret, a mais célebre criação de Simenon, está de volta às livrarias para reencontrar antigos leitores e conquistar uma nova geração deles. Acompanhando-o, os leitores podem penetrar no

cerne da questão que atormenta o insólito comissário: por que o homem mata?

Em *A fúria de Maigret*, o famoso comissário da Polícia Judiciária está diante de um misterioso assassinato. A vítima é um homem cuja maior preocupação era a integridade de seus negócios e de seu nome. Maigret não dispõe de muitas pistas e precisa agarrar-se à sua intuição. Ele está prestes a descobrir o quão baixo o ser humano é capaz de descer movido pela ambição. Um caso em que o mais importante não é prender o assassino, mas esclarecer uma questão de honra.

A FÚRIA DE MAIGRET



Capítulo I

ERAM 12H15 QUANDO MAIGRET ATRAVESSOU a arcada sempre fresca, o portal guardado por dois agentes uniformizados que se mantinham encostados à parede para aproveitar um pouco a sombra. Cumprimentou-os, ficou parado por um momento, indeciso, olhando para o pátio, depois para a Praça Dauphine, em seguida novamente para o pátio.

No corredor lá em cima, depois na escada poeirenta, tinha parado duas ou três vezes, fingindo reacender o cachimbo, na esperança de ver surgir um de seus colegas ou inspetores. Era raro que a escada estivesse deserta a essa hora, mas no dia 12 de junho desse ano, a Polícia Judiciária já estava em clima de férias.

Alguns, para evitar as multidões de julho e agosto, tinham saído no início do mês, e outros se preparavam para as férias anuais. Nessa manhã, repentinamente, após uma primavera chuvosa, o calor chegara, e Maigret tinha trabalhado em mangas de camisa, com as janelas abertas.

A não ser pela reunião com o chefe e uma ou duas visitas à sala dos inspetores, ficara sozinho, dando prosseguimento a um entediante trabalho burocrático começado há muitos dias. A sua frente empilhavam-se relatórios e, de vez em quando, ele erguia a cabeça como um colegial, voltando-se para a folhagem imóvel das árvores, ouvindo o zumbido de Paris, que adquiria a sonoridade particular dos dias quentes de verão.

Há duas semanas fazia todas as refeições em casa e não fora incomodado uma única vez no fim da tarde ou durante a noite.

Normalmente, deveria ter virado à esquerda no cais, em direção à ponte Saint-Michel, para tomar um ônibus ou um táxi. O pátio

continuava deserto. Não encontrou ninguém.

Então, com um leve sacudir de ombros, virou-se para a direita e chegou à Praça Dauphine, que atravessou em diagonal. Ao sair do escritório, viera-lhe subitamente o desejo de ir à Brasserie Dauphine e tomar um aperitivo, apesar das recomendações de seu amigo Pardon, o médico da Rua Picpus, em cuja casa jantara na semana anterior com a Sra. Maigret.

Há semanas que se comportava ajuizadamente, contentando-se com um copo de vinho às refeições e, às vezes, um copo de cerveja à noite, quando saía com a mulher.

De repente, sentia falta do cheiro do bistrô da praça Dauphine, do gosto de anis dos aperitivos que tão bem combinavam com a atmosfera do dia. Esperara em vão encontrar alguém que o levasse lá e sentia a consciência pesada ao subir os três degraus da brasserie, em frente à qual estava estacionado um carro vermelho, comprido e baixo, que ele olhou com curiosidade.

Paciência! Pardon recomendara que ele poupasse o fígado, mas não o proibira de tomar um aperitivo, um só, após semanas de quase total abstinência.

Reencontrava junto ao balcão rostos familiares, pelo menos uma dezena de homens da Polícia Judiciária, que também não tinham mais trabalho do que ele e que haviam saído cedo. Acontece de tempos em tempos: um vazio de alguns dias, calma, alguns casos comuns, como se diz, e, de repente, outros que explodem num ritmo acelerado, deixando todos sem tempo para respirar.

Cumprimentavam-no; apertavam-se para lhe dar um lugar ao balcão e, apontando os copos cheios de uma bebida azulada, ele resmungou: - A mesma coisa...

O dono da *brasserie* já estava ali havia mais ou menos trinta anos, quando o comissário entrou para o Quai des Orfèvres, mas naquela época era ainda o "rapaz" da casa. Agora, havia também um rapaz de gorro branco na cozinha, parecido com ele no passado.

- Tudo bem, chefe?

- Tudo bem.

O cheiro não mudara. Cada pequeno restaurante de Paris tem seu cheiro específico, e aqui, por exemplo, sobre um fundo de aperitivos e álcool, um especialista teria identificado o buquê um pouco forte dos vinhos do Loire. Quanto à cozinha, predominavam o estragão e a cebolinha.

Maigret lia mecanicamente o menu rabiscado no quadro: pescadinhas da Bretanha e fígado de vitela cozido. Ao mesmo tempo, na sala de refeições com toalhas de papel, podia ver Lucas, que parecia ter-se refugiado ali não para almoçar, mas para conversar em paz com um desconhecido, já que ainda não havia ninguém às mesas.

Lucas o viu, hesitou, levantou-se e veio até ele:

- Tem um minuto, chefe? Acho que isso poderia interessar ao senhor...

O comissário acompanhou-o, copo na mão. O desconhecido levantou-se. Lucas fez as apresentações:

-Antonio Farano... Conhece-o?...

O nome não dizia nada ao comissário, mas parecia já ter visto esse belo rosto de italiano que poderia ser o de um jovem galã de cinema. Sem dúvida, o carro esporte vermelho em frente à porta lhe pertencia. Combinava com sua aparência, com as roupas claras muito bem cortadas, com a pesada cabeleira bem cuidada.

Lucas prosseguiu, enquanto se sentavam:

- Ele foi me procurar no Quai des Orfèvres, quando eu acabara de sair. Lapointe disse que talvez me encontrasse aqui...

Maigret observou que, enquanto Lucas tomava o mesmo aperitivo que ele, Farano contentava-se com um suco de frutas.

- É o cunhado de Emile Boulay... Dirige um de seus cabarés, o Paris-Strip, na rua de Berri...

Lucas piscou discretamente para seu chefe.

- Repita o que acabou de me dizer, Farano...

- Bem, meu cunhado desapareceu... Conservava o sotaque de seu país.

- Quando? - perguntou Lucas.

- Na noite passada, provavelmente... Ninguém sabe ao certo...

Maigret o intimidava e, para se mostrar à vontade, tirou uma cigarreira do bolso.

- Permite?

- Fique à vontade...

Lucas explicava para o comissário:

- Conhece Boulay, chefe. É aquele homenzinho que chegou do Havre há quatro ou cinco anos...

- Sete - corrigiu o italiano.

- Está bem, sete anos... Ele comprou um primeiro cabaré na Rua Pigalle, o Lotus, e agora possui quatro...

Maigret se perguntava por que Lucas quis que ele se envolvesse nesse caso. Desde que dirigia a Brigada Criminal, era raro ocupar-se desse meio, que conhecera bem no passado, mas que, de certa maneira, perdera de vista. Havia pelo menos dois anos que não punha os pés num cabaré. Quanto aos maus elementos de Pigalle, só conhecia alguns, os antigos, pois trata-se de um pequeno mundo que muda constantemente.

- Eu me pergunto - intervinha ainda Lucas - se isso não tem relação com o caso Mazotti...

Ah, bom! Começava a entender. Quando tinha sido mesmo que Mazotti fora morto, saindo às três da manhã de um bar na Rua Fontaine? Fazia quase um mês. Fora em meados de maio. Maigret se lembrava de um relatório da polícia do 9º. distrito, que entregara a Lucas, dizendo:

- Certamente um ajuste de contas... Veja o que consegue...

Mazotti não era italiano como Farano; era um corso que estreara na Côte d'Azur antes de vir para Paris com seu pequeno bando.

- Meu cunhado não matou Mazotti... - declarou Farano com convicção. - O senhor bem sabe, Sr. Lucas, que isso não é do gênero dele... Aliás, o senhor o interrogou duas vezes em seu escritório...

- Jamais o acusei de ter matado Mazotti... Inter-roguei-o como interoguei todos que Mazotti perseguia... Não são poucos...

E para Maigret:

- Enviei-lhe uma intimação para hoje às onze horas e fiquei surpreso por ele não ter comparecido...

- Ele nunca dorme fora? - perguntou casualmente o comissário.

- Nunca!... Vê-se que o senhor não o conhece... Isso também não é do gênero dele... Ele ama minha irmã, a vida em família... Nunca retornava depois das quatro da manhã...

- E na noite passada não retornou? É isso?

- É...

- Onde o senhor estava?

- No Paris-Strip... Não fechamos antes das cinco horas... Para nós, é o auge da estação, pois Paris já está tomada pelos turistas... Quando eu estava fechando a caixa, Marina me telefonou para me perguntar se eu tinha visto Emile... Marina é minha irmã... Eu não vira meu cunhado a noite toda... Ele raramente vinha aos Champs-Élysées...

- Onde ficam suas outras boates?

- Todas em Montmartre, a algumas centenas de metros uma da outra... Era a ideia dele e deu certo... Com cabarés, por assim dizer, um ao lado do outro, é possível fazer com que os artistas passem de um a outro durante a mesma noite e diminuir as despesas gerais...

"O Lotus fica bem no alto da Rua Pigalle, o Train Bleu, a dois passos, na rua Victor-Massé, e o Saint-Trop, um pouco mais abaixo, na rua Notre-Dame-de-Lorette..."

"Emile hesitou em abrir um cabaré em outro bairro, e é o único do qual quase não se ocupava... Me encarregou da direção..."

- Sua irmã telefonou então um pouco depois das cinco horas?

- Sim. Ela está tão acostumada a ser acordada pelo marido...

- O que o senhor fez?

- Primeiro telefonei ao Lotus, onde me disseram que ele saía por volta das onze da noite... Passou também no Train Bleu, mas a caixa não soube dizer a que horas... Quanto ao Saint-Trop, estava fechado quando tentei telefonar...

- Ao que sabe, seu cunhado não tinha nenhum compromisso na noite passada?

- Nenhum... Já lhe disse: era um homem tranquilo, fiel a seus hábitos... Depois de ter jantado com a família...

- Qual é o endereço dele?

- Rua Victor-Massé...

- No mesmo prédio que o Train Bleu?

- Não. Três casas adiante... Depois do jantar, ia primeiro ao Lotus supervisionar os preparativos... É a boate mais importante, e ele a dirigia pessoalmente... Depois ia para o Saint-Trop, onde ficava um tempo, depois ao Train Bleu, e recomeçava a inspeção... Fazia-a duas ou três vezes durante a noite, vigiava tudo...

- Vestia um *smoking*?

- Não... Usava um terno escuro, azul-marinho, mas nunca *smoking*... Preocupava-se pouco com a elegância...

- Fala dele no passado...

- Porque certamente aconteceu alguma coisa com ele...

Em várias mesas começava-se a comer, e Maigret cobiçava os pratos e as jarras de Pouilly. Embora seu copo estivesse vazio, resistia ao desejo de pedir um segundo.

- Que fez depois?

- Fui me deitar depois de pedir a minha irmã que me avisasse, caso tivesse alguma notícia.

- Ela voltou a telefonar?

- Por volta das oito horas.

- Onde o senhor mora?

- Na Rua de Ponthieu.

- É casado?

- Sim. Com uma italiana. Passei a manhã telefonando para os empregados dos três cabarés... Queria saber onde e quando ele fora visto pela última vez... Não é fácil... Durante boa parte da noite, as boates ficam lotadas e cada um cuida somente de seu trabalho... Além disso, Emile não chamava atenção... Era pequeno, muito magro, e ninguém, entre os fregueses, se dava conta de que era o dono, e ocorria-lhe ficar muito tempo em frente à porta em companhia do *pisteur*.

Lucas concordava, mostrando que era tudo verdade.

- Parece certo que ninguém o viu depois das 23h30.

- Quem foi o último a vê-lo?

- Não pude interrogar todo mundo... Alguns garçons, *barmen* e músicos não têm telefone...

Quanto às moças, não sei o endereço da maioria... Só à noite poderei me informar precisamente, quando cada um estiver em sua função...

"Até o momento, o último a falar com ele foi o *pisteur* do Lotus, Louis Boubée, um homem não mais alto nem mais gordo do que um jóquei, conhecido em Montmartre pelo apelido de Mickey..."

"Entre onze e onze e meia, portanto, Emile saiu do Lotus e ficou um certo tempo em pé na calçada, junto a Mickey, que abria a porta cada vez que um carro parava..."

- Eles se falaram?

- Emile não falava muito... Parece que olhou várias vezes para o relógio antes de caminhar rua abaixo... Mickey pensou que ele se

dirigia ao Saint-Trop...

Seu cunhado tinha carro?

- Não. Não depois do acidente...

- Que acidente?

- Foi há sete anos... Ele ainda morava no Havre, onde tinha um pequeno cabaré, o Mônaco... Um dia, ia de carro com a mulher para Rouen...

- Já estava casado com sua irmã?

- Refiro-me à primeira mulher, uma francesa dos arredores do Havre, Marie Pirouet... Ela esperava um bebê... Iam a Rouen justamente para consultar um especialista. Chovia... Numa curva, o carro deu uma guinada e se espatifou contra uma árvore... A mulher de Emile morreu na hora.

- E ele?

- Ele se salvou com um ferimento no rosto cuja cicatriz tem até hoje... Em Montmartre, a maioria das pessoas imagina que é a marca de uma facada...

- Ele amava a mulher?

- Muito... Conhecia-a desde a infância.

- Ele nasceu no Havre?

- Numa cidade das redondezas, não sei qual... Ela era da mesma cidade... Depois de sua morte, ele nunca mais pegou no volante de um carro e, na medida do possível, evitava andar de automóvel... Assim, em Paris, era raro que tomasse um táxi... Caminhava muito e, quando necessário, tomava o metrô... Aliás, evitava sair do 9o distrito...

- Acredita que tenham dado sumiço nele?

- Digo apenas que, se nada tivesse acontecido, teria voltado para casa há muito tempo...

- Ele mora sozinho com sua irmã?

- Não. Minha mãe mora com eles, e também minha outra irmã, Ada, que trabalha como secretária dele... Sem contar as duas

crianças... Emile e Marina têm dois filhos, um menino de três anos, Lucien, e uma garotinha de dez meses...

- Suspeita de alguém? Antonio negou com cabeça.

- Acha que o desaparecimento de seu cunhado está ligado ao caso Mazotti?...

- Estou certo de que Emile não matou Mazotti... Maigret voltou-se para Lucas, que se ocupara da investigação.

- E você?

- Também é o que penso, chefe... Interroguei-o duas vezes e me deu a impressão de responder francamente... Como diz Antonio, é um homem mais para o franzino, quase tímido, que não se espera encontrar à frente de tantas casas noturnas... Por outro lado, no que se refere a Mazotti, ele soube se defender...

- Como?

- Mazotti e seu bando organizaram um golpe que nada tem de original, mas que eles aperfeiçoaram... Sob pretexto de proteção, exigiam semanalmente quantias mais ou menos substanciais de cada proprietário de cabaré...

"A maioria deles, de início, recusava... Então, armavam uma pequena representação bem organizada... No momento em que a boate estava cheia, Mazotti chegava em companhia de um ou dois brutamontes... Instalavam-se numa mesa, se houvesse alguma desocupada, ou no bar, se não houvesse, pediam champanhe e, no meio da apresentação, desencadeavam uma briga... Ouviam-se a princípio murmúrios, depois vozes exaltadas... O *barman* ou o gerente eram chamados à parte, acusados de ladrões...

"Isso acabava em copos quebrados, numa confusão generalizada e, obviamente, a maioria dos fregueses ia embora jurando nunca mais voltar... "Os proprietários, na próxima visita de Mazotti, preferiam pagar..."

- Emile não pagou?

- Não. Também não apelou para leões-de-chácara, como alguns de seus colegas, para os quais, aliás, isso não adiantou, pois

Mazotti acabava por comprá-los... Sua ideia foi trazer do Havre alguns estivadores que se encarregaram de fazer com que Mazotti e seus homens andassem na linha...

- Quando foi a última briga?

- Na mesma noite da morte de Mazotti... Ele tinha ido ao Lotus, por volta de uma da manhã, com dois de seus companheiros... Os estivadores de Emile Boulay os expulsaram... Houve troca de murros...

- Emile estava presente?

- Escondera-se atrás do balcão, porque tem horror a pancadaria... Mazotti, então, foi se recobrar num bar da rua Fontaine, Chez Jo, que era como seu quartel-general. Eram quatro ou cinco bebendo no fundo da sala... Quando saíram, às três da manhã, passou um carro e Mazotti foi atingido por cinco tiros, enquanto um de seus companheiros levou um no ombro... O carro não foi encontrado... Ninguém falou... Interroguei a maioria dos donos de boates... Continuo investigando...

- Onde estava Boulay no momento em que os tiros foram disparados?

- O senhor sabe, chefe, nesse meio isso não é fácil de saber... Parece que estaria no Train Bleu, mas não confio muito nos testemunhos...

- Emile não matou Mazotti... - repetiu o italiano.

- Ele portava arma?

- Sim, uma automática... Tinha autorização emitida pela polícia... Não foi com essa arma que Mazotti foi morto...

Maigret suspirou, fez sinal à garçonete para que enchesse os copos, o que já queria ter feito há muito tempo.

Lucas explicava:

- Preferi colocá-lo a par, chefe, e achei que estaria interessado em ouvir Antonio...

- Eu só disse a verdade...

Lucas continuava:

- Convoquei Emile para hoje de manhã... Confesso que o fato de ele ter desaparecido exatamente na noite passada me deixa confuso...

- O que você queria perguntar a ele?

- Coisas de rotina... Ia fazer pela última vez as mesmas perguntas, para comparar com suas primeiras respostas e com os outros depoimentos...

- Nas duas vezes em que você o teve em sua sala, ele mostrava-se assustado?

- Não. Diria aborrecido... Acima de tudo, fazia questão de não ver seu nome nos jornais... Repetia que isso prejudicaria muito seus negócios, que seus cabarés eram tranquilos, que nunca acontecia nada neles e que, se o envolvessem num ajuste de contas, jamais se recuperaria...

- É verdade... - disse Antonio, fazendo menção de se levantar.

Acrescentou:

- Não precisam mais de mim?... Preciso encontrar com as minhas irmãs e a minha mãe, que estão muito alarmadas...

Alguns momentos depois, ouvia-se o ronco do carro vermelho, que arrancava em direção à Pont Neuf. Maigret bebeu lentamente um gole de aperitivo, lançou um olhar de esguelha para Lucas, suspirou:

- Esperam você em algum lugar?

- Não... Eu pensava...

- Em comer aqui?

E, como ele concordou, Maigret decidiu:

- Nesse caso, vamos comer os dois... Vou dar um telefonema para minha mulher... Pode ir pedindo...

- Vai comer pescadinhas?

- E fígado de vitela cozido.

Era, sobretudo, o fígado de vitela que o tentava, e também a atmosfera da *brasserie*, onde não punha os pés há semanas.

O caso não era tão importante e, até o momento, Lucas se ocupava dele sozinho. Ninguém, a não ser no meio, preocupava-se com a morte de Mazotti. Todos sabem que esses ajustes de contas acabam sempre encontrando sua solução, ainda que através de um outro ajuste de contas.

A vantagem, nesse tipo de caso, é que a promotoria e os juízes não ficam pressionando a polícia. Como dizia um magistrado:

- É um a menos para manter durante anos na prisão...

Os dois homens almoçaram e conversaram. Maigret ficou sabendo um pouco mais a respeito de Emile Boulay e acabou se interessando por esse homenzinho curioso.

Filho de um pescador normando, aos 16 anos, Emile entrara para a Marinha, no posto mais baixo. Foi antes da guerra. Viajava a bordo do *Normandie* e estava em Nova York quando começaram as hostilidades na França.

Como, pequeno e fraco, tinha sido aceito entre os marines americanos? Fizera toda a guerra nessa arma até retomar seu trabalho, como despenseiro auxiliar, dessa vez a bordo do *Ile-de-France*.

- Sabe, chefe, quase todos sonham em se fixar um dia por conta própria e, após dois anos de casado, Boulay comprou um bar no Havre, que não demorou a transformar em boate... Era o começo do *strip-tease* e, ao que parece, ele juntou rapidamente um pé-de-meia respeitável...

"Quando ocorreu o acidente e a mulher morreu, já tinha intenção de estender sua atividade até Paris..."

- Mantém o cabaré do Havre?

- Passou a administração para outro... Um de seus ex-colegas do *Ile-de-France* o dirige...

"Em Paris, comprou o Lotus, que não ia tão bem como agora... Era uma boate de segunda categoria, uma armadilha para turistas como tantas que surgem nos arredores da Praça Pigalle..."

- Onde encontrou a irmã de Antonio?

- No Lotus... Ela trabalhava no vestiário... Tinha apenas 18 anos...

- O que Antonio fazia na época?

- Operário da Renault, da carroceria... Foi o primeiro da família a chegar à França... Depois fez vir a mãe e as irmãs... Moravam no bairro de Lavei.

- Em resumo, Emile parece ter se casado com toda a família... Você foi à casa dele?

- Não... Dei uma olhada no Lotus e nas outras boates, mas não achei necessário ir ao apartamento dele...

- Você está convencido de que ele não matou Mazotti?

- Por que o faria?... Tinha a situação sob controle...

- Pode ter tido medo...

- Ninguém, em Montmartre, acha que foi ele... Tomaram o café em silêncio e Maigret recusou o calvados que o dono, como de hábito, ofereceu-lhe. Bebera dois aperitivos, mas depois se contentou com um único copo de Pouilly e, dirigindo-se para a Polícia Judiciária com Lucas, sentia-se satisfeito consigo mesmo.

Em seu escritório, tirou o paletó, afrouxou a gravata e lançou-se aos relatórios administrativos. Tratava-se apenas de uma reorganização de todos os serviços, sobre a qual um relatório seu era aguardado, e ele dedicava-se a isso como um aluno aplicado.

Durante a tarde, pensou em Emile Boulay, no pequeno império que o ex-marinheiro construía em Montmartre, no jovem italiano do carro vermelho, no apartamento da rua Victor-Massé onde as três mulheres moravam com as crianças.

Enquanto isso, Lucas telefonava aos hospitais, aos diversos postos policiais. Distribuía também a descrição de Boulay, mas, às

18h30, as investigações não tinham chegado a nenhum resultado.

A noite foi quase tão quente quanto o dia, Maigret saiu com sua mulher e passou cerca de uma hora num café da praça de la Republique, diante de um único copo de cerveja.

Tinham falado principalmente sobre as férias. Muitos homens levavam o paletó no braço, e a maioria das mulheres usava vestido de algodão estampado.

O dia seguinte era uma quinta-feira. Mais uma manhã ensolarada. Os relatórios da noite não mencionavam Emile Boulay; Lucas não tinha novidades.

Um temporal por volta das onze horas, violento, mas breve, após o qual um vapor parecia subir do calçamento. Maigret foi almoçar em casa, voltou em seguida para o escritório e para a pilha de relatórios.

Ao sair do Quai des Orfèvres, ainda não se sabia nada sobre o destino do homenzinho do Havre, e foi em vão que Lucas passou a tarde toda em Montmartre.

- Parece, chefe, que foi mesmo Boubée, esse que chamam de Mickey e que há anos fica na porta do Lotus, que o viu por último... Ele diz se lembrar que Emile dobrou a esquina da rua Pigalle com a rua Notre-Dame-de-Lorette, como que para se dirigir ao Saint-Trop, mas não deu importância ao fato... Voltarei a Montmartre hoje à noite, quando cada um estará em seu posto...

Lucas não ficaria sabendo de mais nada. Sexta-feira pela manhã, às nove horas, Maigret acabava de folhear os relatórios diários, quando chamou Lucas ao seu escritório.

- Foi encontrado - anunciou-lhe, tornando a acender o cachimbo.
- Vivo?
- Morto.
- Em Montmartre? No Sena?

Maigret estendeu-lhe um relatório do 20º distrito. Nele era comunicado que um cadáver fora encontrado, no início da manhã, na rua des Rondeaux, que margeia o cemitério Père-Lachaise. O corpo estava estendido transversalmente na calçada, a pouca distância da via férrea. Vestia um terno azul-escuro, e na carteira, que continha uma determinada quantia de dinheiro, uma carteira de identidade trazia o nome de Emile Boulay.

Lucas, as sobrancelhas franzidas, ergueu a cabeça.

- Eu me pergunto... - começou.

- Continue a ler...

A continuação, realmente, espantaria ainda mais o inspetor. O relatório dizia que o corpo, conduzido ao Instituto Médico Legal, achava-se em adiantado estado de decomposição.

Esta parte da rua des Rondeaux, que termina num beco sem saída, não era realmente muito frequentada. No entanto, um cadáver não poderia permanecer ali, na calçada, durante dois dias, nem mesmo durante algumas horas, sem ser descoberto.

- O que você acha?

- É curioso...

- Leu até o fim?

- As últimas linhas não...

Emile Boulay desapareceu na noite de terça para quarta. Era muito provável, em vista do estado do corpo, que tivesse sido morto naquela noite.

Dois dias inteiros tinham transcorrido, dois dias de muito calor.

Era difícil imaginar a razão pela qual os assassinos ficaram com o corpo durante todo esse tempo.

- É ainda mais estranho! - exclamou Lucas, colocando o relatório sobre a mesa.

O mais estranho, na verdade, é que, de acordo com as primeiras constatações, o crime não fora cometido com arma de fogo, nem com faca.

Ao que se podia julgar, enquanto se aguardava a autópsia, Emile Boulay fora estrangulado.

Mas nem Maigret, nem Lucas, apesar de seus muitos anos de serviço na polícia, lembravam-se de um único crime, nesse meio, cometido por estrangulamento.

Cada bairro de Paris, cada classe social, tem, por assim dizer, sua maneira de matar, bem como sua forma de suicídio. Existem ruas nas quais as pessoas se atiram pela janela, outras onde se asfixiam com gás, outras ainda onde ingerem barbitúricos.

Há os bairros de facadas, aqueles em que se utiliza um porrete e aqueles em que, como em Montmartre, predominam as armas de fogo.

Não somente o pequeno proprietário de boates foi estrangulado, mas, durante dois dias e três noites, o assassino não se livrou do corpo.

Maigret já abria o armário para pegar o paletó e o chapéu.

- Vamos lá! - resmungou.

Tinha finalmente uma desculpa para abandonar sua penitência administrativa.

Era uma bela manhã de junho, com uma brisa fresca, quando os dois homens se dirigiam para o Instituto Médico Legal.

Capítulo II

Os PRÉDIOS COR-DE-ROSA do Instituto Médico Legal, no Quai de la Rapée, pareciam mais um laboratório de produtos farmacêuticos, por exemplo, do que o antigo necrotério, sob o grande relógio do Palácio de Justiça.

Atrás de um guiché, num escritório iluminado, um funcionário imediatamente reconheceu Maigret e Lucas e disse-lhes, com um sorriso solícito:

- Imagino que vieram por causa do sujeito da rua des Rondeaux?

Atrás dele, o relógio marcava 10h05 e, pela janela, viam-se, do outro lado do Sena, os barcos atracados em frente às docas dos Magazins Généraux.

- Já há alguém aguardando - continuava o funcionário, querendo puxar conversa. - Parece que é um parente...

- Disse o nome?

- Perguntarei quando tiver reconhecido o corpo e for assinar a declaração...

Esse funcionário só se ocupava dos cadáveres de uma maneira teórica, sob forma de fichas.

- Onde está ele?

- Na sala de espera... É preciso que tenha um pouco de paciência também, Sr. Maigret... O Dr. Morel está em pleno trabalho...

O corredor era branco, de piso claro, a sala de espera também clara, com os dois bancos e as cadeiras em madeira envernizada, a mesa grande na qual não faltavam revistas para que as pessoas

pudessem imaginar-se no dentista. As paredes, pintadas a óleo, estavam nuas, e Maigret sempre se perguntava que tipo de quadros ou gravuras poderiam ser pendurados ali.

Antonio estava sentado numa das cadeiras, o queixo entre as mãos, e, embora continuasse um belo rapaz, seu rosto estava um pouco inchado, como se não tivesse dormido, e a barba não fora feita.

Levantou-se à entrada dos policiais.

- Os senhores o viram? - perguntou.

- Ainda não.

- Eu também não. Há mais de meia hora que espero. É de fato a carteira de identidade de Emile que me mostraram...

- Quem?

- Um inspetor que tem um nome esquisito... Deixe-me ver... Mornique?... Bornique?...

- Sim, Bornique...

Maigret e Lucas entreolharam-se. Com Bornique, do 20º distrito, não poderiam falhar. Havia alguns como ele nas delegacias dos bairros, não somente inspetores, mas alguns comissários também, que se obstinavam em competir com a Polícia Judiciária e para os quais era uma questão de honra chegar antes dela.

Maigret só soube que o corpo fora encontrado através dos relatórios diários e, desde essa descoberta, o pessoal do 20º distrito não ficara de braços cruzados. Era justamente para evitar esses excessos de zelo que Maigret se dedicava há várias semanas a um remanejamento dos serviços.

- Acha que o médico ainda vai demorar muito? As mulheres estão fora de si...

- Foi Bornique quem as avisou?

- Ainda não eram oito da manhã. Elas acabavam de se levantar e se ocupavam das crianças. Ele perguntou:

- Qual das senhoras se chama Marina Boulay? Depois, entregou uma carteira de identidade à minha irmã.

- É a identidade de seu marido? Reconhece a fotografia? Quando o viu pela última vez?...

"O senhor pode imaginar a cena. Ada telefonou imediatamente para minha casa. Eu estava dormindo. Não tive tempo de comer nada, nem mesmo de preparar uma xícara de café. Alguns minutos depois, estava na rua Victor-Massé, e por pouco o inspetor não me trata como suspeito.

- O senhor, quem é?

- O cunhado...

— Dessa senhora?

— Não, do marido..."

Antonio estava exasperado.

- Tive de discutir muito para conseguir vir reconhecer o corpo no lugar de minha irmã. Ela insistia em me acompanhar. Como eu imaginava que não seria nada agradável, obriguei-a a ficar em casa... Acendeu nervosamente um cigarro.

- O inspetor não o acompanhou?

- Não. Parece que tinha outra coisa para fazer. Avisou-me que o funcionário daqui me daria uma folha para preencher e assinar...

Depois de um momento, acrescentou:

- O senhor vê que eu tinha razão em me preocupar. Anteontem, o senhor não parecia acreditar em mim. Onde fica a rua des Rondeaux?

- Na lateral do cemitério Père-Lachaise.

- Não conheço o local. Que espécie de bairro é? Uma porta se abriu. O dr. Morel, de jaleco branco, gorro na cabeça, uma máscara de gaze pendendo sob o queixo, procurava o comissário com os olhos.

- Informaram-me que me aguardava, Maigret... Quer vir?...

Introduziu-os numa sala onde a luz só chegava através de vidraças e onde as paredes eram cobertas de arquivos de metal, como em uma repartição pública, com a diferença de que as gavetas eram de um tamanho inusitado. Um corpo, coberto com um lençol, estava estendido sobre uma maca.

- Seria preferível que seu cunhado o reconhecesse primeiro - disse o comissário.

E houve a seguir o gesto tradicional de levantar o lençol na altura do rosto. O morto tinha uma barba de cerca de um centímetro, os pelos ruivos, como os cabelos. A pele tinha reflexos azulados e distinguia se nitidamente, na face esquerda, a cicatriz que Antonio mencionara na Brasserie Dauphine.

Quanto ao corpo, sob o lençol, parecia miúdo e magro.

- É ele mesmo?

- É ele, evidentemente...

Percebendo que o italiano estava nauseado, Maigret mandou-o ao escritório com Lucas, para as formalidades.

- Pode guardá-lo? - perguntou o médico, fazendo sinal para um homem de jaleco cinza que já abrira uma das gavetas. - Vem comigo, Maigret?

Levou-o para um gabinete com uma pia e, enquanto falava, lavou as mãos e o rosto, retirou o jaleco, readquirindo o aspecto de um homem comum.

- Suponho que deseja algumas indicações, enquanto aguarda meu relatório?... Será necessário, como de hábito, fazer análises que levarão vários dias... O que posso lhe dizer, desde já, é que o corpo não apresenta nenhuma marca de ferimento... O homem foi estrangulado, ou, mais exatamente...

Morel procurava as palavras, como se não estivesse muito seguro.

- Isso não é oficial, não é mesmo?... Não serei tão categórico em meu relatório... Se tivesse de reconstituir o assassinato segundo as informações da autópsia, diria que a vítima foi atacada por trás,

que lhe passaram um braço pelo pescoço e que deram uma gravata tão violenta que uma vértebra cervical foi fraturada... É um pouco o que se chama o *coup au lapin* ...

- Então ele estava em pé?

- Em pé, ou sentado... Mas acho que estava em pé e não esperava o ataque... Não houve luta... Ele não se defendeu... Examinei cuidadosamente suas unhas e não encontrei nenhum fiapo de tecido, o que não seria o caso se ele tivesse se agarrado às roupas do agressor, nem sangue, nem pelos; também não há arranhões em suas mãos. Quem é ele?

- Um proprietário de cabarés. Tem ideia de quando ele morreu?

- Decorreram dois dias inteiros, pelo menos, três no máximo. Ainda oficiosamente, sem garantir, acrescento um detalhe: na minha opinião, o corpo não ficou exposto ao ar livre durante todo esse tempo... Receberá um primeiro relatório hoje à noite...

Lucas apareceu.

- Assinou os papéis.... Que faço com ele?... Mando-o de volta à casa da irmã?

Maigret fez sinal que sim, porque ainda lhe faltava examinar as roupas de Emile e o conteúdo dos bolsos. Mais tarde, no decorrer do dia, esse trabalho seria repetido mais cientificamente no laboratório.

Estes objetos estavam numa outra sala, empilhados numa mesa. O terno azul-escuro não apresentava nenhum rasgão e estava pouco empoeirado. Nada de sangue. Estava apenas amarrotado. Quanto aos sapatos pretos, estavam tão limpos como os de um homem que acaba de sair de casa, apenas com esfoladuras recentes no couro.

Maigret juraria que o crime não fora cometido na rua, mas numa casa, e que só se livraram do corpo, deixando-o na calçada da rua des Rondeaux, no fim da noite anterior.

De onde o trouxeram? Era quase certo que utilizaram um carro. Não o arrastaram pela calçada. Quanto ao conteúdo dos bolsos, era

bastante decepcionante. Emile Boulay fumava? Parecia que não. Efetivamente, não havia nem cachimbo, nem cigarros, nem isqueiro, nem fósforos. Tampouco os resquícios de fumo que sempre se encontram no fundo dos bolsos de um fumante.

Um relógio de ouro. Na carteira, cinco notas de cem francos e três notas de cinquenta. As de dez francos estavam em desordem num dos bolsos, e, noutro, os trocados.

Um molho de chaves, um canivete, um lenço amarrotado e um outro lenço, bem dobrado, no bolso de fora. Uma caixinha de aspirina e balas de menta.

Lucas, que esvaziava a carteira, exclamou:

- Olhe! Minha intimação...

Uma intimação à qual Emile Boulay teria tido muita dificuldade de atender.

- Pensei que ele tinha o hábito de portar uma automática - resmungou Maigret.

A arma não se encontrava entre os objetos espalhados sobre a mesa, mas havia um talão de cheques que o comissário folheou. O talão era praticamente novo. Apenas três cheques foram utilizados. O único que chamou a atenção era um cheque de meio milhão de francos com a especificação: "Para mim mesmo."

Era datado de 22 de maio e Lucas observou imediatamente:

- Veja! É o dia em que o convoquei pela segunda vez ao Quai des Orfèvres. Eu o recebi uma primeira vez no dia 18 de maio, dia seguinte ao da morte de Mazotti...

- Pode telefonar para o laboratório, para que venham buscar as coisas dele e examiná-las?

Alguns minutos depois, os dois homens entravam novamente no carro preto que Lucas dirigia com cuidadosa lentidão.

- Aonde vamos, chefe?

- Primeiro, à rua des Rondeaux... Quero ver o local onde o encontraram...

À luz do sol, apesar do cemitério e dos trilhos de trem, o lugar não era sinistro. De longe, viram alguns curiosos que dois agentes controlavam, donas-de-casa nas janelas, crianças que brincavam. Quando o carro parou, Maigret foi recebido pelo inspetor Bornique, que disse com falsa modéstia:

- Aguardava-o, senhor diretor... Imaginava que viria e cuidei de...

Os agentes se afastavam, deixando ver sobre a calçada acinzentada a silhueta de um corpo desenhado a giz.

- Quem o encontrou?

- Um empregado da companhia de gás que começa seu trabalho às cinco da manhã e que mora nessa casa... É a mulher dele que o senhor pode ver na janela do terceiro andar... Tenho seu depoimento, é claro... Ocorre que eu estava de serviço...

Não era o momento, diante dos curiosos, de lhe dirigir recriminações.

- Diga-me, Bornique, acha que o corpo foi jogado de um carro ou colocado na calçada?

- Foi colocado, sem dúvida...

- De barriga para cima?

- De barriga para baixo... À primeira vista, poderia-se pensar num bêbado curtindo seu porre... Afora o cheiro... Pois, quanto ao cheiro, prefiro lhe dizer...

- Suponho que interrogou os vizinhos.

- Todos os que estão em casa... Sobretudo mulheres e velhos, pois os outros foram para o trabalho...

- Ninguém viu ou ouviu nada?

- Só uma velha lá em cima, no quinto andar, que, ao que parece, sofre de insónia. É verdade que a zeladora afirma que ela já não sabe muito bem o que diz... Sustenta que, por volta de 3h30, ouviu o ruído dos freios de um carro... Não passam muitos por essa parte da rua, que não leva a lugar algum...

- Ela não ouviu alguma voz?

- Não. Apenas uma porta que se abria, depois passos, depois a porta que se fechava...

- Não olhou pela janela?

- É praticamente inválida... Seu primeiro pensamento foi que havia alguém doente no prédio e que haviam chamado uma ambulância... Ela esperava ouvir a porta se abrir e fechar, mas o carro se foi novamente, quase que de imediato, após uma manobra para mudar de direção... Bornique acrescentou, como homem que conhece seu trabalho:

- Retornarei ao meio-dia e à noite, quando os homens voltarem para casa...

- A perícia veio?

- Logo cedo. Foi tudo muito rápido. Uma simples formalidade...

Maigret e Lucas entraram novamente no carro, sob os olhares dos curiosos.

- Rua Victor-Massé...

Nas carrocinhas dos vendedores ambulantes, entre as quais se metiam as donas-de-casa, viam-se montes de cerejas e pêssegos. Paris estava muito alegre nessa manhã, com mais pessoas nas calçadas sombreadas do que quando o sol é muito forte.

Na rua Notre-Dame-de-Lorette, vislumbraram a fachada amarela do Saint-Trop, cuja entrada estava fechada por uma grade, à esquerda da qual havia um painel com fotografias de mulheres nuas. Na rua Victor-Massé, um painel quase igual estava exposto na fachada mais ampla do Train Bleu, e Lucas estacionou um pouco mais adiante, em frente a um elegante prédio residencial. Era acinzentado, bastante luxuoso, com duas placas de cobre que anunciavam, uma, um médico e, outra, uma imobiliária.

- O que foi? - perguntou uma zeladora pouco amigável, abrindo sua porta envidraçada.

- A sra. Boulay...

- Terceiro andar à esquerda, mas... Observando os dois homens, ela reconsiderava:

- São da polícia?... Nesse caso, podem subir... Essas pobres mulheres devem estar num estado... Havia um elevador mais ou menos silencioso, uma passadeira vermelha na escada, que era melhor iluminada do que as da maioria dos velhos prédios de Paris. No terceiro andar, ouviam-se vozes por trás de uma porta. Maigret tocou a campainha, e as vozes se calaram, passos se aproximaram, Antonio surgiu no umbral. Tirara o paletó e segurava um sanduíche.

- Entrem... Desculpem a desordem...

Um bebê chorava num quarto. Um garotinho agarrava-se ao vestido de uma mulher jovem, já bastante gorda, que não tivera tempo de se pentear e cujos cabelos pretos caíam sobre as costas.

- Minha irmã Marina...

Seus olhos estavam vermelhos, como era de esperar, e ela parecia um pouco perdida.

- Por aqui...

Levou-os a uma sala em desordem, com um cavalo de madeira derrubado no tapete, xícaras e copos sujos sobre a mesa.

Uma mulher mais velha, muito mais gorda, vestindo um penhoar azul-celeste, surgia numa outra porta e encarava os recém-chegados com desconfiança.

- Minha mãe... - apresentou Antonio. - Ela quase não fala francês... Nunca vai conseguir...

O apartamento parecia amplo, confortável, mobiliado com o tipo de móveis rústicos que se encontram nas lojas de departamentos.

- Onde está sua outra irmã? - perguntou Maigret, olhando em torno.

- Com o bebê... Já vem...

- Como explica isso, senhor comissário? -perguntou Marina, que tinha menos sotaque que o irmão.

Ela tinha 18 ou 19 anos quando Boulay a conheceu. Portanto, tinha agora 25 ou 26, e era ainda muito bonita, a tez morena, os olhos escuros. Conservara sua vaidade? As circunstâncias não eram favoráveis para julgá-lo, mas o comissário apostaria que ela já não se preocupava com a forma nem com roupas, que vivia feliz com a mãe, a irmã, os filhos e o marido, sem preocupar-se com o resto do mundo.

Assim que entrou, Maigret sentiu o cheiro dominante, que lhe lembrava o dos restaurantes italianos.

Antonio, evidentemente, transformara-se no chefe da família. Já não o seria um pouco na época de Emile Boulay? Não foi a ele que o ex-marinheiro teve de pedir a mão de Marina?

Sempre com o sanduíche na mão, ele perguntou:

- O senhor descobriu alguma coisa?

- Gostaria de saber se, quando saiu na noite de terça-feira, ele estava com a automática no bolso.

Antonio olhou para a irmã, que hesitou um instante e correu para um outro cômodo. A porta ficou aberta e foi possível ver a sala de jantar, que ela atravessava para entrar num quarto. Abriu a gaveta de uma cômoda e retornou com um objeto escuro na mão.

Era a automática, que ela manjava com prudência, como alguém que tem medo de armas.

- Estava no lugar... - disse.

- Ele não andava sempre com ela?

- Sempre não... Não nos últimos tempos... Antonio interveio:

- Depois da morte de Mazotti e a partida do seu bando para o sul, Emile já não sentia necessidade de andar armado...

Era significativo. Saindo de casa na noite de terça- feira, Emile Boulay não esperava, portanto, um encontro perigoso.

- A que horas ele a deixou, minha senhora?

- Alguns minutos antes das nove, como de hábito. Jantamos às oito. Depois, ele foi beijar as crianças na cama, como sempre fazia

antes de sair...

- Não lhe pareceu preocupado?

Ela fazia esforço para refletir. Tinha olhos muito bonitos que, em épocas normais, deviam ser alegres e meigos.

- Não... Não creio... O senhor sabe, Emile não era muito expansivo, e as pessoas que não o conheciam deviam pensar que tinha um temperamento fechado...

Duas lágrimas subiram aos seus olhos.

- No fundo, era muito bom, muito atencioso...

Ela voltou-se para a mãe, que ouvia, as mãos sobre o ventre, disse-lhe algumas palavras em italiano, a mãe balançou a cabeça num gesto afirmativo.

- Sei o que se pensa das pessoas que dirigem casas noturnas... Imagina-se que são gangsteres, e é verdade que alguns são...

Ela enxugou as lágrimas e olhou para o irmão, como se pedisse permissão para continuar.

- Mas ele era muito tímido... Talvez não nos negócios... Vivia entre dúzias de mulheres, com as quais poderia fazer o que quisesse, mas, em vez de tratá-las como a maioria de seus colegas, considerava-as funcionárias e, se era firme com elas, também era respeitador... Sei bem porque trabalhei para ele antes de me tornar sua esposa... "Acredite se quiser: passou semanas me rondando, como um rapazinho... Quando me falava, durante o espetáculo, era para me fazer perguntas: onde nasci, onde vivia minha família, se minha mãe estava em Paris, se tinha irmãos e irmãs...

"Em momento algum, durante todo aquele tempo, tocou em mim. Também nunca se propôs a me levar para casa..."

Antonio concordava com ar de quem diz que não teria permitido que fosse diferente.

- É claro - continuava ela - que ele conhecia as italianas, pois há sempre duas ou três no Lotus... Certa noite, perguntou se podia conhecer meu irmão...

- Ele agiu certo! - reconhecia Antonio.

A mãe devia compreender um pouco de francês e, de vez em quando, abria a boca como que para intervir, mas, por não encontrar as palavras, acabava se calando.

Entrou uma jovem, vestida de preto, já penteada e arrumada. Era Ada, que tinha apenas 22 anos e que devia ser o retrato da irmã nessa idade. Ela observou os visitantes com curiosidade, avisou a Marina:

- Ela dormiu...

Depois, para Maigret e Lucas:

- Não querem se sentar?

- Parece-me, senhorita, que era a secretária de seu cunhado?

Ela também tinha pouco sotaque, apenas o suficiente para lhe dar um charme a mais.

- É um pouco de exagero... Emile se ocupava pessoalmente de todos os seus negócios... E são negócios que não exigem muita papelada...

- Ele tinha um escritório?

- Chamam isso de escritório, sim... Duas peças pequenas na sobreloja do Lotus...

- Quando ele costumava ir lá?

- Ele dormia quase sempre até o meio-dia e almoçava conosco... Por volta das três horas, nós dois íamos à praça Pigalle...

Maigret observava sucessivamente as duas irmãs, perguntando-se, por exemplo, se não havia em Marina um certo ciúme em relação à caçula. Não encontrou nenhum sinal em seu olhar.

Marina, pelo que se podia julgar, até três dias atrás, era uma mulher satisfeita com seu destino, satisfeita em levar uma vida bastante calma, com a mãe e os filhos, no apartamento da rua Victor-Massé, e, certamente, se o marido tivesse vivido, ela teria tido uma família numerosa.

Muito diferente, mais definida, mais enérgica, Ada prosseguia:

- Havia sempre pessoas aguardando, artistas, músicos, o gerente ou o *barman* deste ou daquele cabaré, sem falar dos representantes de vinhos e champanhe...

- O que Emile Boulay fez no dia em que desapareceu?

- Espere... Era terça-feira, não é?... Descemos à sala para ver o ensaio de uma dançarina espanhola que ele contratara... Depois, ele recebeu o representante de uma empresa de refrigeração de ar... Tinha intenção de instalar ar-condicionado nos seus quatro cabarés... No Lotus, principalmente, havia problemas de ventilação...

Maigret se lembrava de um catálogo visto entre os pertences do morto.

- Quem se ocupava da parte financeira?

- O que quer dizer?

- Quem pagava as contas, os empregados?...

- O contador, é claro...

- Ele também tem um escritório em cima do Lotus?

- Sim, uma saleta dando para o pátio... É um velho senhor, que resmunga o tempo todo e que, cada vez que é preciso gastar dinheiro, sofre como se fosse dele... Chama-se Raison... Sr. Raison, como todos dizem, porque, se não o tratam de senhor...

- Ele está agora na praça Pigalle?

- Sem dúvida. É o único que trabalha de manhã, porque está livre ao final da tarde e à noite...

A mãe, que desaparecera por alguns minutos, retornou com uma garrafa de Chianti e copos.

- Imagino que cada cabaré tem um diretor? Ada sacudiu a cabeça.

-Não. Não é assim. Antonio dirige o Paris-Strip, porque fica em outro bairro, com uma clientela diferente, um estilo diferente... Entende o que quero dizer?... Além disso, Antonio é da família...

"Os outros três cabarés ficam quase lado a lado... Durante a noite, alguns artistas vão de um para outro... Emile também passava de lá para cá e controlava tudo... Acontecia de, por volta das três da manhã, enviarem caixas de champanhe do Lotus para o Train Bleu, por exemplo, ou garrafas de uísque... Se uma das boates estava cheia e faltava pessoal, mandava-se reforço de outra onde havia menos público..."

- Em outras palavras, Emile Boulay dirigia pessoalmente os três cabarés de Montmartre.

- Praticamente... Embora em cada um houvesse um gerente responsável...

- Com o sr. Raison ocupando-se da contabilidade e da papelada...

- É isso mesmo.

- E a senhorita?

- Quanto a mim, acompanhava meu cunhado e fazia anotações... Encomendar isto ou aquilo... Marcar hora com tal fornecedor ou tal representante... Telefonar a uma artista que se apresentava em outro lugar, para tentar contratá-la...

- Acompanhava-o também à noite?

- Somente parte da noite...

- Até que horas geralmente?

- Dez ou onze horas... O que mais demora é a preparação, por volta das nove... Sempre falta alguém, um garçom, um músico, uma dançarina... Ou então é uma entrega de champanhe ou de saíotes que está atrasada...

Maigret comentou, o ar pensativo:

- Começo a ter uma ideia... Estava com ele na terça-feira à noite?

- Como nas outras noites...

Ele olhava novamente para Marina e não descobria nenhum sinal de ciúme em seu rosto.

- A que horas deixou seu cunhado?
- As 22h30...
- Onde estava então?
- No Lotus... Lá é uma espécie de quartel-general... Já tínhamos passado no Train Bleu e no Saint-Trop...
- Não notou nada de especial?
- Nada... Pensei apenas que ia chover...
- Choveu?
- Algumas gotas no momento em que saía do Lotus... Mickey quis me emprestar um guarda-chuva, mas esperei e, cinco minutos depois, a chuva parou...
- Anotava os compromissos de Boulay?
- Lembrava-lhe, quando necessário. Era muito raro, porque ele pensava em tudo. Era um homem calmo, ponderado, que dirigia seus negócios com seriedade...
- Ele não tinha nenhum encontro naquela noite?
- Não que eu soubesse...
- A senhorita saberia?
- Suponho que sim... Não quero me atribuir uma importância que eu não tinha... Por exemplo, ele não discutia comigo nem seus negócios nem seus projetos... Mas falava deles na minha frente... Quando recebia pessoas, quase sempre eu estava presente... Não me lembro de ter me pedido para sair alguma vez. Dizia-me coisas como:
 - Será preciso trocar a forração do Train Bleu...
- "Eu tomava nota e lembrava-o, no dia seguinte à tarde..."
- Qual foi a reação dele quando soube que Mazotti tinha sido morto?
- Eu não estava junto com ele. Deve ter tomado conhecimento durante a noite, como toda Montmartre, porque essas notícias voam.

- E, no dia seguinte, quando se levantou?
- Imediatamente me pediu os jornais... Fui comprá-los ali na esquina...
- Ele não tinha o hábito de ler os jornais?
- Uma olhadela no da manhã e outra no da tarde...
- Apostava em corridas de cavalos?
- Nunca... Nem corridas, nem cartas, nem jogo nenhum...
- Falou à senhorita da morte de Mazotti?
- Disse-me que achava que seria intimado e me pediu para telefonar para o gerente do Lotus, para saber se a polícia já tinha estado lá...

Maigret voltou-se para Lucas, que compreendeu sua pergunta silenciosa.

- Dois inspetores do 9o distrito foram lá - disse ele.
- Boulay parecia inquieto?
- Temia uma publicidade prejudicial... Era a vez de Antonio entrar na conversa.
- Essa foi sempre sua grande preocupação... Também a mim recomendava frequentemente que zelasse pela compostura de meu estabelecimento.
- Não é porque ganhamos a vida mostrando mulheres nuas - dizia ele -, que somos gângsteres... Sou um comerciante honrado e faço questão de que todo mundo saiba disso..."

- É verdade... Eu também o ouvi dizer isso... O senhor não bebe, comissário?

Embora Chianti às 11h30 não lhe apetecesse, não deixou de aceitar um copo.

- Ele tinha amigos?

Ada olhou em torno de si, como se isso fosse a resposta.

- Não precisava de amigos... Sua vida era aqui...
- Falava italiano?

- Italiano, inglês, um pouco de espanhol... Aprendeu línguas a bordo, depois nos Estados Unidos...

- Ele falava da primeira mulher?

Nenhum constrangimento em Marina, enquanto a irmã respondia:

- Visitava seu túmulo todos os anos, e o retrato dela permanece na parede de seu quarto...

- Mais uma pergunta, srta. Ada... Quando morreu, Boulay tinha no bolso um talão de cheques... A senhorita sabia?

- Sim. Levava-o sempre consigo, mas pouco o utilizava... Os pagamentos substanciais eram feitos pelo sr. Raison... Emile também trazia sempre em seu bolso um maço de notas... Isso é necessário no meio...

- Seu cunhado foi chamado à Polícia Judiciária no dia 18 de maio...

- Lembro-me...

- Acompanhou-o ao Quai des Orfèvres?

- Até a entrada... Esperei-o na calçada...

- Tomaram um táxi?

- Ele não gostava de táxis, nem de automóveis em geral... Fomos de metrô...

- Depois ele recebeu uma intimação para o dia 23 de maio...

- Estou a par... Isso o atormentava...

- Por causa da publicidade?

- Sim.

- Mas, no dia 22 de maio, ele retirou uma quantia bastante grande do banco, meio milhão de francos... A senhorita sabia?

-Não.

- Não cuidava de seu talão de cheques?

Ela sacudiu a cabeça.

- Ele não permitia?

- Não era bem isso... Era seu talão pessoal e nunca me ocorreu abri-lo... Ele não o escondia, deixava-o sobre a cômoda do quarto...

- Era comum que ele retirasse grandes quantias do banco?

- Não creio... Não era necessário... Quando precisava de dinheiro, tirava-o da caixa do Lotus ou de um dos cabarés e deixava um vale no lugar...

- Não tem nenhuma ideia da razão pela qual ele retirou esse dinheiro?

- Nenhuma...

- Não tem como descobrir?

-Tentarei... Perguntarei ao sr. Raison... Pesquisarei sua correspondência...

- Faça o favor de cuidar disso hoje mesmo e de me telefonar se descobrir alguma coisa...

No saguão, Antonio perguntou, com ar um pouco constrangido:

- O que se deve fazer com os cabarés?

E, como Maigret o olhasse sem compreender, precisou:

- Ainda assim abrimos?

- Pessoalmente, não vejo nenhuma razão para... Mas suponho que isso diz respeito à sua irmã, não?

- Se fecharmos, as pessoas se perguntarão se...

Maigret e Lucas entraram no elevador que acabava de parar no andar, deixando o italiano perplexo.

Capítulo III

NA CALÇADA, MAIGRET ACENDIA O CACHIMBO, ofuscado pelo sol, e ia dirigir a palavra a Lucas, quando diante deles ocorreu uma pequena cena característica da vida de Montmartre. O Train Bleu não ficava longe, com o letreiro de neon apagado e os postigos fechados. Exatamente em frente à casa dos Boulay, uma mulher jovem saía precipitadamente de um hotelzinho, com um vestido de noite preto, uma echarpe de tule jogada sobre os ombros nus. À luz do dia, seus cabelos tinham duas tonalidades, e ela não se dera ao trabalho de refazer a maquiagem.

Era alta e magra, do calibre das *girls* de *music-hall*. Atravessou a rua correndo, com os saltos muito altos, entrou num pequeno bar onde certamente ia tomar um café e comer *croissants*. Outra pessoa saía do hotel imediatamente depois dela, um homem entre quarenta e cinco e cinquenta anos, típico homem de negócios nórdico, que, após uma olhadela para a esquerda e para a direita, tomou a direção da esquina para pegar um táxi.

Maigret olhou mecanicamente para as janelas do terceiro andar do prédio de onde saíra, para o apartamento no qual três mulheres em torno de duas crianças haviam reconstituído uma pequena Itália.

- São 11h15. Estou com vontade de ir ver o sr. Raison em seu escritório. Enquanto isso, você poderia fazer algumas perguntas pelo bairro, sobretudo nas lojas, no açougue, na leiteria etc.

- Onde encontro o senhor, chefe?

- Por que não no Chez Jo?

O bar onde Mazotti foi morto. Maigret não seguia um plano preestabelecido. Não tinha nenhuma ideia. Estava um pouco como um cão de caça que vai e vem a farejar. E, no fundo, o fato de

reencontrar o ar de Montmartre, que não respirava há anos, não o desagradava.

Dobrou a esquina da rua Pigalle, parou em frente à grade que fechava o Lotus, procurou uma campainha inexistente. A porta, por trás da grade, estava fechada. Ao lado havia outro cabaré, menor, bastante decrépito com sua fachada pintada de uma cor violeta agressiva, depois a vitrine estreita de uma lojinha de *lingerie*, onde estavam expostas calcinhas e sutiãs extravagantes.

Por via das dúvidas, entrou no corredor de um prédio e encontrou em seu cubículo uma zeladora rabugenta.

- O Lotus? - perguntou.

- Não viu que está fechado?

Ela o observava com desconfiança, talvez farejando o policial.

- Quero ver o contador, o sr. Raison...

- A escada à esquerda, no pátio...

Um pátio interno estreito e sombrio, entupido de latas de lixo, para o qual davam janelas que, na maioria, não tinham cortinas. Uma porta marrom estava entreaberta e dava para uma escada ainda mais escura, cujos degraus o peso de Maigret fez estalar. Numa das portas, na sobreloja, uma placa de zinco com palavras mal gravadas: Pleine Lune. Era o nome do cabaré vizinho ao de Emile.

Em frente, um letreiro de papelão: Lotus.

Tinha-se a impressão decepcionante de penetrar num teatro pela entrada dos funcionários. O cenário embaçado, empoeirado, quase miserável, não fazia pensar nem nos vestidos de noite, nem nos corpos nus, nem no champanhe e na música. Ele bateu, não ouviu nada, bateu uma segunda vez, decidiu-se a girar a maçaneta esmaltada. Deparou-se com um corredor estreito, onde a pintura descascava, uma porta ao fundo, outra à direita. Foi nela que bateu novamente e, no mesmo momento, ouviu um certo rebuliço. Deixaram-no à espera um bom tempo antes de dizer:

- Entre...

Ele se deparou com o sol que atravessava as vidraças sujas, um homem gordo, de idade indefinida, mais para idoso, alguns cabelos grisalhos ajeitados de modo a esconder a careca, ajeitando a gravata, enquanto uma jovem mulher, num vestido florido, mantinha-se de pé, tentando mostrar-se à vontade.

- Sr. Raison?

- Eu mesmo... - respondeu o homem, sem encará-lo.

O comissário, evidentemente, os perturbara.

- Comissário Maigret...

O ar da saleta, impregnada de um forte perfume, era sufocante.

-Vou embora, sr. Jules... Não esqueça o que lhe pedi...

Constrangido, ele abriu uma gaveta e de uma carteira gasta e recheada de notas extraiu duas ou três, estendendo-as. Num piscar de olhos, as notas passaram para a bolsa da moça, que se afastou sobre seus saltos extremamente altos e finos.

- Elas são todas iguais - suspirou o sr. Raison, limpando o rosto com o lenço, talvez por medo de que tivessem ficado marcas de batom. - Pagamos no sábado e já na quarta-feira elas vêm pedir um adiantamento...

Estranho escritório e estranho homenzinho! Não se imaginaria estar nos bastidores de um cabaré, mas numa espelunca mais ou menos suspeita. Não havia fotografias de artistas nas paredes, como era de se esperar, mas um calendário, arquivos de metal, prateleiras abarrotadas de dossiês. Os móveis poderiam ter sido comprados de segunda ou terceira mão, e a cadeira que o sr. Raison indicava ao comissário tinha um pé consertado com barbante.

- O senhor o encontrou?

O contador ainda não recuperara inteiramente o prumo. A mão peluda tremia um pouco ao acender um cigarro, e Maigret observou que os dedos estavam escurecidos pela nicotina.

Do escritório, que dava para o pátio, não se ouvia praticamente nenhum barulho da rua, apenas um vago rumor. Era um outro

mundo. O sr. Raison estava em mangas de camisa, com grandes círculos de suor sob os braços, e o rosto mal barbeado estava também coberto de suor.

Maigret apostaria que não era casado, não tinha família, morava sozinho em algum lugar sombrio do bairro e preparava suas refeições num fogareiro a álcool.

- O senhor o encontrou? - repetiu ele. - Está vivo?

- Morto...

O sr. Raison suspirou, baixou piedosamente as pálpebras.

- Já desconfiava. O que aconteceu?

- Foi estrangulado...

Ele levantou bruscamente a cabeça, tão surpreso quanto ficara o comissário no Quai de la Rapée.

- Sua mulher sabe?... E Antonio?...

- Estou vindo de lá... Antonio reconheceu o corpo... Gostaria de lhe fazer algumas perguntas...

- Farei o melhor possível para respondê-las...

- Emile Boulay tinha inimigos?

Os dentes eram amarelos. O sr. Raison devia ter mau hálito.

- Depende do que o senhor chama de inimigos... Concorrentes, sim... Era muito bem-sucedido para o gosto de alguns... É uma profissão difícil, não há tréguas...

- Como explica que em alguns anos Boulay tenha conseguido comprar quatro cabarés?

O contador começava a se sentir melhor e se achava agora em terreno conhecido.

- Se quer minha opinião, é porque o sr. Emile cuidava deles como teria cuidado, por exemplo, de mercearias... Era um homem sério.

- Está querendo dizer que ele não consumia sua mercadoria? - o comissário não pôde deixar de ser irônico.

O outro sentiu a alfinetada.

- Se é em Léa que está pensando, está enganado... Eu poderia ser pai dela... Quase todas vêm me fazer confidências, me contar seus problemas...

- E lhe pedir um adiantamento...

- Elas sempre estão precisando de dinheiro...

- Se entendo bem, Boulay só mantinha com elas relações de patrão e empregadas?

- Sem dúvida. Ele amava sua mulher, sua família... Não apostava em corridas, não possuía nem carro, nem casa no campo ou à beira-mar... Não jogava dinheiro fora, nem tentava impressionar ninguém... Isso é raro na profissão... Ele teria tido êxito em qualquer tipo de comércio...

- Então, os concorrentes não gostavam dele...

- Não a ponto de matá-lo... Quanto ao meio, o sr. Emile conseguiu se fazer respeitar...

- Graças aos seus estivadores...

- Refere-se ao caso Mazotti?... Posso afirmar que ele não estava envolvido no assassinato... Simplesmente se recusou a pagar e, para colocar esses senhores na linha, mandou vir alguns brutamontes do Havre... Foi suficiente...

- Onde estão eles no momento?

- Faz 15 dias que retornaram à sua cidade... O inspetor encarregado do caso deu permissão... Era de Lucas que falava.

- Boulay fazia questão de agir legalmente... O senhor pode se informar com seu colega da Brigada de Entorpecentes, que está em Montmartre quase todas as noites e sabe quem vale o quê...

Uma ideia passou pela cabeça de Maigret.

- Permite que eu telefone?

Ligou para a casa do dr. Morel, a quem, pela manhã, deixara de fazer uma pergunta.

- Diga-me, doutor, é possível, antes do resultado das análises, informar-me aproximadamente quanto tempo depois de sua refeição Boulay foi morto?... Como?... Não, não peço uma resposta precisa... Uma hora, mais ou menos... Sei que, pelo conteúdo do estômago... Ele jantou às oito da noite... O que diz ?... Entre meia-noite e uma da manhã?... Muito obrigado...

Era uma pequena casa do tabuleiro que se preenchia.

- Suponho, sr. Raison, que não trabalha à noite?

O contador solitário sacudiu a cabeça quase com indignação.

- Jamais ponho os pés num cabaré... Não é meu trabalho...

- Suponho que seu patrão o mantinha a par dos negócios?

- Em princípio, sim...

- Por que em princípio?

- Porque não me falava, por exemplo, de seus projetos. Quando comprou o Paris-Strip para ali colocar o cunhado, eu só soube na véspera da assinatura da escritura... Ele era discreto...

- Não lhe disse nada a respeito de um encontro que teria na noite de terça-feira?

- Absolutamente nada... Vou tentar fazer o senhor entender o funcionamento da casa... Estou aqui de manhã e à tarde... Pela manhã, quase sempre sozinho... A tarde, o patrão vinha em companhia de Ada, que servia de secretária...

- Onde é o escritório dele?

- Vou lhe mostrar...

Era no fundo do corredor, um escritório nem maior nem mais luxuoso do que esse de onde saíam os dois homens. Num canto, uma mesa de datilografia com sua máquina de escrever. Alguns arquivos. Nas paredes, fotografias de Marina e das duas crianças. Um outro retrato de mulher, loura de olhos melancólicos, que Maigret supôs ser a primeira mulher de Boulay.

- Ele só me chamava quando precisava de mim... Eu só me encarregava de transmitir os pedidos e pagar as contas...

- Então era o senhor que efetuava todos os pagamentos...
Inclusive os não escriturados?

- Que quer dizer?

Se Maigret nunca pertencera à Brigada de entorpecentes, nem por isso conhecia menos a vida noturna.

- Suponho que alguns pagamentos eram feitos em espécie, sem recibo, quanto mais não fosse para escapar ao fisco...

- O senhor se engana, sr. Maigret, se permite que o contradiga... Sei que é a ideia que todos fazem do meio, e isso parece fácil... Mas justamente o que distinguia o sr. Boulay dos outros é que ele fazia questão, já disse antes, de que tudo fosse legal...

- O senhor encarregava-se de sua declaração de renda?

- Sim e não... Eu mantinha a contabilidade em dia e a enviava, quando chegava o momento, ao advogado...

- Suponhamos que num dado momento Boulay tenha precisado de uma quantia bastante substancial, de um meio milhão de francos...

- É muito simples... Ele teria tirado essa quantia da caixa de um dos cabarés, substituindo-a por um vale...

- Isso aconteceu?

- Não com montantes tão elevados... Cem mil... Duzentos mil francos...

- Não tinha, então, motivo algum para retirar dinheiro do banco?

Dessa vez, o sr. Raison refletiu um momento, intrigado pela pergunta.

- Espere... Pela manhã estou aqui, e há sempre uma quantia grande no cofre... Só por volta de meio-dia vou depositar no banco a receita da véspera... Aliás, a bem dizer, jamais o vi no escritório pela manhã, já que dormia... À noite, como falei, bastava-lhe recorrer à caixa do Lotus, do Train Bleu ou do Saint-Trop... À tarde é diferente... Se tivesse precisado de meio milhão durante a tarde, certamente teria passado no banco...

- Foi o que fez no dia 22 de maio... A data não lhe diz nada?...

- Absolutamente nada...

- Não tem nenhum comprovante de pagamento efetuado nessa data ou no dia seguinte?

Tinham retornado ao escritório do sr. Raison, que consultava um registro encadernado de preto.

- Nada! - confirmou.

- Tem certeza de que seu patrão não mantinha alguma ligação com alguém?

- Para mim, essa hipótese é absolutamente inverossímil...

- Ninguém o chantageava? Pode verificar, nos extratos de banco, se Boulay tirou outros cheques do mesmo modo?...

O contador foi pegar um dossiê em seus arquivos, percorreu as colunas com um lápis.

- Nada em abril... Nem em março... Nem em fevereiro... Nada também em janeiro...

- É suficiente...

Uma única vez, então, no decorrer dos últimos meses, Emile Boulay retirara pessoalmente dinheiro do banco. O cheque continuava a preocupar o comissário. Sentia que alguma coisa lhe escapava, sem dúvida algo importante, estava confuso. Ele repetiu uma pergunta já feita.

- Tem certeza de que seu patrão não fazia pagamentos não escriturados?

- Não vejo o que poderia pagar assim... Sei que é difícil acreditar, mas pode interrogar o advogado Gaillard... Nesse ponto o sr. Emile era quase obsessivo... Sustentava que é exatamente quando se exerce uma profissão um pouco marginal que é preciso manter a maior correção...

"Não esqueça que desconfiam de nós, que a polícia está permanentemente de olho em nós, não somente o Departamento de Entorpecentes, mas também a Delegacia de Defraudações..."

Com relação à Delegacia de Defraudações, lembro-me de uma história... Há dois anos, no Saint-Trop, um inspetor descobriu um uísque falsificado em garrafas originais...

"Não preciso dizer que isso se faz em vários lugares... Claro que tentaram nos processar... O sr. Emile jurou que não estava a par... Seu advogado cuidou do caso... Foi provado que era o *barman* que fazia a troca, exclusivamente para lucro próprio.

"De toda maneira, houve um acordo, mas não preciso dizer que o *barman* foi despedido...

"Outra vez, eu o vi ainda mais enraivecido... Ele tinha notado, entre a clientela do Train Bleu, algumas pessoas suspeitas... Quando se está habituado com a clientela, detectam-se imediatamente as pessoas que não se acham ali pelos mesmos motivos, entende?

"Nessa ocasião, a polícia não precisou intervir... O sr. Emile descobriu antes dela que um músico recém-contratado era traficante de drogas, aliás, em pequena escala..."

- E colocou-o na rua?
- Na mesma noite...
- Há quanto tempo foi isso?
- Foi antes do caso do *barman*, faz quase três anos...
- Que fim levou o músico?
- Deixou a França algumas semanas depois e trabalha na Itália...

Nada disso explicava os quinhentos mil francos e menos ainda a morte de Boulay, cujo corpo havia sido escondido durante dois dias e três noites, Deus sabe onde, antes de abandoná-lo numa rua deserta, junto ao Père-Lachaise.

- Este escritório tem comunicação com o cabaré?
- Por aqui...

Ele abria uma porta que Maigret confundira com a de um armário. Teve de acender a luz, porque a escuridão era quase total, e pôde-se então ver uma escada íngreme em caracol.

- O senhor quer descer?

Por que não? Acompanhou o sr. Raison escada abaixo, chegando a uma peça onde roupas femininas, algumas cobertas de lantejoulas ou de pérolas falsas, estavam penduradas ao longo das paredes. Uma penteadeira pintada de cinza estava abarrotada de potes de cremes, pinturas, lápis. Reinava um odor desagradável, bastante enjoativo.

Era ali que as artistas trocavam suas roupas de passeio pela indumentária profissional antes de fazerem sua entrada sob a luz dos refletores, e homens pagavam o champanhe cinco ou seis vezes mais caro para admirá-las.

Tinham ainda de atravessar, como faziam Maigret e o sr. Raison, uma espécie de cozinha, que separava o camarim da sala de espetáculos.

Dois ou três raios de sol filtravam-se pelos postigos. As paredes eram de cor violeta, o teto, coberto de serpentinas e bolas multicoloridas. O cheiro de champanhe e de fumo persistia, e um copo quebrado tinha ficado a um canto, perto dos instrumentos da orquestra cobertos por suas capas.

- As faxineiras só vêm à tarde. São as mesmas que de manhã fazem a limpeza do Train Bleu. Às cinco horas vão para a rua Notre-Dame-de-Lorette, de maneira que, a partir das nove horas, está tudo pronto para receber os clientes...

Aquilo ali era tão deprimente como, por exemplo, uma praia no inverno, com suas casas e cassinos fechados. Maigret olhava em torno, como se o cenário fosse lhe dar uma ideia, um ponto de partida.

- Posso sair diretamente por aqui?

- A chave da grade está lá em cima, mas se faz questão...

- Não se incomode...

Subiu novamente a escada para tornar a descer, pouco depois, a que dava para o pátio, após haver apertado a mão úmida do sr. Raison.

Dava-lhe prazer, depois daquilo, levar um encontro de um menino que corria pela calçada e sentir o cheiro bom ao passar por uma banca de legumes.

Conhecia bem o bar do Jo, a quem chamavam de Jo, o Boxeador. Conhecia-o há pelo menos vinte anos, talvez mais, e o bar tivera vários proprietários. Seria por sua posição estratégica, a dois passos de Pigalle, da praça Blanche e das calçadas nas quais, durante a noite, algumas mulheres iam e vinham incansavelmente?

Dez vezes fechado pela polícia, nem por isso o bar deixara de ser ponto de encontro de maus elementos. E, antes de Mazotti, alguns deles haviam sido mortos ali.

O lugar, no entanto, era tranquilo, pelo menos a essa hora. Tinha a decoração tradicional dos bistrôs de Paris, com seu balcão de zinco, seus espelhos nas paredes, suas banquetas e, a um canto, quatro jogadores de bisca, enquanto dois gesseiros de jaleco, o rosto sujo de branco, bebiam vinho no balcão.

Lucas já estava lá, e o dono, um homem enorme, com as mangas arregaçadas, anunciou-lhe ao ver entrar o comissário:

-Aí está seu chefe!... O que sirvo, sr. Maigret?

Ele conservava esse ar zombeteiro durante os interrogatórios mais delicados, e respondera a um bom número deles durante sua carreira, que, aliás, não incluía nenhuma condenação.

- Um vinho branco...

A fisionomia de Lucas dizia-lhe que o inspetor não descobrira nada importante. Isso não decepcionava Maigret. Estava ainda naquela etapa em que, como dizia habitualmente, mergulhava no caso.

Os quatro jogadores de baralho, de vez em quando, lançavam-lhe um olhar rápido, no qual havia mais ironia do que temor. Havia também um quê de ironia na voz de Jo quando perguntou:

- Então, encontrou-o?

- Quem?

- Ora! Ora, senhor comissário... Esquece que está em Montmartre, onde as notícias voam... Se Emile desapareceu há três dias e se o senhor é visto rondando o bairro...

- O que sabe a respeito de Emile?

- Eu?

Jo, o Boxeador bancava, propositalmente, o palhaço.

- O que eu poderia saber? Será que um cavalheiro como ele, um comerciante virtuoso, frequenta meu estabelecimento?

Isso provocava sorrisos nos jogadores de baralho, mas o comissário fumava seu cachimbo sem se dar por achado. Pronunciou com a maior seriedade do mundo:

- Encontraram-no...

- No Sena?

- Não exatamente... Eu quase poderia dizer que o encontraram no cemitério...

- Quis economizar o enterro?... Vindo dele, não me espantaria... Sem brincadeira, Emile está morto?

- Há três dias...

Dessa vez, Jo franziu as sobrancelhas exatamente como Maigret pela manhã.

- Está querendo dizer que morreu há três dias e só o encontraram esta manhã?

- Estendido sobre uma calçada na rua des Rondeaux...

- Onde é isso?

- Já falei... Uma rua sem saída, na lateral do Père-Lachaise...

Os jogadores prestavam atenção e percebia-se que estavam tão surpresos quanto o dono do bar.

- Mas ele não estava lá há três dias?...

- Foi colocado lá na noite passada...

- Então, se quer minha opinião, há alguma coisa errada... O tempo está muito quente, não?... E, com um tempo desse, é meio

desagradável conservar um cadáver em casa... Isso, sem falar que é um bairro estranho para depositar esse tipo de encomenda... A não ser que se trate de um maluco...

- Diga-me, Jo, você pode falar sério por um minuto?

- Sério como um papa, sr. Maigret.

- Mazotti foi morto no momento em que saía do seu estabelecimento...

- Sempre a minha sina!... Pergunto a mim mesmo se não o fazem deliberadamente, para que cassem a minha licença...

- Há de reconhecer que não o incomodamos...

- Só que passei três manhãs com o seu inspetor... - replicou Jo, apontando para Lucas.

- Não estou perguntando se sabe quem atirou.

- Não vi nada... Tinha descido à adega para buscar umas garrafas...

- Pouco importa se isso é ou não verdade... Em sua opinião, poderia ter sido Emile?...

Jo ficara sério e, para ter tempo de pensar, servia-se de um copo de vinho, tornava a encher os de Maigret e Lucas. Deu também uma olhada para a mesa dos jogadores, como se quisesse pedir a opinião deles ou fazer com que compreendessem sua situação.

- Por que pergunta isso a mim?

- Porque é um dos homens mais bem-informados a respeito do que acontece em Montmartre...

- É a fama que eu tenho...

Apesar de tudo, isso o envaidecia.

- Emile era um amator... - murmurou, meio a contragosto.

- Não gostava dele?

- Isso é outra história... Pessoalmente, não tinha nada contra ele...

- E os outros?

- Que outros?

- Os concorrentes dele... Disseram-me que ele pretendia comprar outros cabarés...

- E daí?

Maigret retornava ao ponto de partida.

- Boulay teria sido capaz de eliminar Mazotti?

- Respondi que era um amador. O caso de Mazotti não é um caso de amador, o senhor sabe tão bem quanto eu. Também os estivadores dele não teriam agido daquela maneira...

- Segunda pergunta...

- Quantas são?

- Talvez seja a última.

Os gesseiros ouviam, trocando piscadelas de olhos.

- Diga! Verei se posso responder.

- Acaba de admitir que o sucesso de Emile não agradava a todo mundo...

- O sucesso de alguém nunca agrada aos outros...

- Só que se trata de um meio onde se joga duro, onde os lugares são caros...

- De acordo. E daí?

- Acredita que Emile tenha sido morto por um colega?

- Também já respondi.

- Como?

- Não disse que não é agradável ter um morto em casa por dois ou três dias, sobretudo com esse tempo?... Admitamos que as pessoas a que se refere sejam sensíveis... Ou, ainda, que sejam bastante vigiadas para não correrem riscos... Como ele foi morto?

De toda maneira, a história estaria nos jornais da tarde.

- Estrangulado.

- Então, a resposta é ainda mais categórica, e o senhor sabe por quê... Com Mazotti foi um trabalho limpo... Se o pessoal daqui quisesse eliminar Emile, teria agido da mesma maneira... O senhor encontrou os que acertaram suas contas com Mazotti?... Não!... E, mesmo com seus informantes, não os encontrará... Enquanto que sua história de homem estrangulado, conservado em casa durante três dias e depositado junto ao muro de um cemitério cheira mal, devo dizer... É isso aí quanto à segunda pergunta...

- Agradeço-lhe.

- De nada. Mais um?

Mantinha a garrafa suspensa sobre o copo.

- Não agora...

- Não me diga que pensa em voltar... Pessoalmente, nada tenho contra o senhor, mas nessa profissão preferimos não vê-lo com muita frequência...

- Quanto lhe devo?

- A segunda rodada é por minha conta... No dia em que me interrogou durante três horas, seu inspetor me ofereceu um copo de cerveja e um sanduíche... Do lado de fora, Maigret e Lucas ficaram em silêncio durante muito tempo. Em determinado momento, Maigret ergueu o braço para parar um táxi, e o inspetor teve de lhe lembrar que tinham ido com um carro da Polícia Judiciária. Trataram de encontrá-lo.

- Para minha casa... - resmungou Maigret.

Ele não tinha nenhuma razão para almoçar fora. A bem da verdade, ainda não sabia por onde começar o caso. Jo, o Boxeador apenas lhe confirmara o que ele pensava desde a manhã, e não duvidava da sinceridade de Jo.

Era verdade que Emile Boulay era um amador que paradoxalmente se incrustara em plena Montmartre.

E, coisa curiosa, parecia ter sido morto por outro amador.

- E você? - perguntou a Lucas.

Este compreendeu o sentido da pergunta.

- As três mulheres são bem conhecidas pelos comerciantes do bairro. Chamam-lhes "as italianas". Eles caçoam um pouco da velha e do seu mau francês. Conhecem menos Ada, que raramente aparece em seus estabelecimentos e que vem passar em companhia do cunhado...

"As pessoas que interroguei ainda não sabem... A família parece ter um fraco pelos prazeres da mesa... A acreditar no açougueiro, é incrível o que conseguem comer, e exigem os melhores pedaços... À tarde, Marina vai passear no jardim de Anvers, empurrando o carrinho do bebê com uma das mãos, segurando o menino com a outra..."

- Eles não têm empregada?

- Somente uma faxineira, três vezes por semana...

- Você tem o nome e endereço dela?

Lucas enrubesceu.

- Poderei obtê-los hoje à tarde...

- Que mais dizem?

- A mulher do peixeiro me disse:

- É um espertalhão... "Referia-se a Emile, é claro. - Ele casou-se com a mais velha quando ela tinha 19 anos... Quando viu que ela começava a engordar, mandou vir a irmã caçula... Aposto que arranjará uma outra irmã ou uma prima na Itália, quando Ada engordar..."

Maigret também pensara nisso. Não era a primeira vez que via um marido apaixonado pela cunhada.

- Tente obter mais informações sobre Ada... Procure saber, especialmente, se tem algum amigo ou amante...

- É o que acha, chefe?

- Não. Mas não se pode deixar nada de lado... Gostaria também de saber mais sobre Antonio... Se você passasse hoje à tarde pela rua de Ponthieu...

- Certo...

Lucas parou o carro em frente ao prédio em que Maigret morava. Este, ao erguer a cabeça, viu a esposa à janela. Ela dirigiu-lhe um discreto aceno de mão. Ele respondeu com outro e meteu-se pela escada.

Capítulo IV

QUANDO O TELEFONE TOCOU, Maigret, com a boca cheia, fez sinal para que a mulher atendesse.

- Alô!... Quem quer falar?... Sim, ele está almoçando... Vou chamá-lo...

Ele a olhava, aborrecido, sobrancelhas franzidas.

- É Lecoin...

Levantou-se ainda mastigando e limpou a boca com o guardanapo. Exatamente cinco minutos antes, tinha pensado em seu colega Lecoin, o chefe da Brigada de Entorpecentes, a quem se prometera procurar no decorrer da tarde. Os contatos de Maigret com Montmartre, Pigalle em particular, começavam a ficar obsoletos, ao passo que Lecoin estava atualizado.

- Alô!... Sim, estou ouvindo... Claro que não... Isso não tem importância... Estava pensando em ir vê-lo daqui a pouco...

O chefe da Brigada de Entorpecentes, que tinha uns dez anos menos que Maigret, morava perto do Boulevard Richard-Lenoir, no Boulevard Voltaire, num apartamento sempre com muita algazarra, pois tinha seis ou sete filhos.

- Estou aqui com alguém que você certamente conhece... - explicava ele. - Há muito tempo é um dos meus informantes... Prefere não ser visto no Quai e, quando tem algo a me dizer, vem à minha casa... Mas hoje é a você que a informação dele interessa mais... Claro, não sei o que vale isso... Quanto ao homem, fora os floreios que sempre acrescenta, pois é um artista, pode-se confiar nele...

- Quem é?

- Louis Boubée, que chamam Mickey, *pisteur* num cabaré de...

- Mande-o para mim imediatamente...
- Você não se incomoda que ele vá à sua casa?

Maigret terminou o almoço rapidamente e, quando a campainha tocou, sua mulher acabara de servir- lhe o café, que ele levou para a sala.

Há anos que não via o tal Mickey, mas reconheceu-o imediatamente. Aliás, não poderia deixar de ser assim, porque Boubée era um ser extraordinário. Que idade poderia ter agora? O comissário tentou calcular. Era ainda um inspetor bastante jovem quando seu visitante já trabalhava como mensageiro em Montmartre.

Boubée não crescera um milímetro. Ainda tinha a altura de um menino de 12 ou 13 anos, e o mais extraordinário é que conservava também o aspecto de um menino. Um garoto magro, com grandes orelhas de abano, grande nariz pontudo, a boca zombeteira que parecia de borracha.

Era preciso olhar mais de perto para descobrir que seu rosto estava cheio de rugas...

- Faz um tempão... - exclamou ele, olhando em torno, o boné na mão. - O senhor se lembra do Tripoli e da Tétoune?

Os dois homens deviam ter quase a mesma idade, dois ou três anos de diferença.

- Eram bons tempos, hein!...

Fazia alusão a uma *brasserie* que existira na rua Duperré, que, assim como a dona, tivera sua época de celebridade antes da guerra.

A Tétoune era uma marselhesa vistosa, que tinha a fama de fazer a melhor comida sulista de Paris e o hábito de receber os clientes com grandes beijos e tratá-los informalmente.

Quando se chegava, era uma tradição ir vê-la na cozinha. Seu estabelecimento tinha uma clientela surpreendente.

- Lembra-se de Louis, o Gordo, proprietário de três casas na rua Provence? E de Eugène Zarolho? E do belo Fernand, que acabou no

cinema?...

Maigret sabia que era inútil pedir a Mickey que deixasse de rodeios. Era uma vaidade sua: queria realmente fornecer informações à polícia, mas à sua maneira, sem demonstrá-lo.

Os homens de que falava eram os grandes chefões de então, os proprietários de bordéis que na época ainda existiam, e eles se encontravam no estabelecimento de Tétoune. Lá também iam seus advogados, na maioria, juristas ilustres, e, conforme a moda, também se viam lá atrizes e até ministros.

- Naquele tempo eu me ocupava das apostas nas lutas de boxe...

Outra particularidade de Mickey é que a ausência de cílios e de sobrancelhas lhe conferia um olhar estranho.

- Desde que o senhor se tornou o chefe da Criminal já não o vemos em Montmartre... O sr. Lecoin vai lá de tempos em tempos. Presto a ele um pequeno serviço ocasionalmente, como fazia antigamente com o senhor... O senhor sabe, ouve-se tanta coisa...

O que ele não acrescentava é que precisava que a polícia fechasse os olhos para algumas de suas atividades. Os clientes do Lotus, que lhe davam gorjeta ao sair, não imaginavam que Mickey também trabalhava por conta própria.

Sussurrava no ouvido de alguns deles:

- Quadros vivos, senhor?

Podia dizê-lo numa dezena de línguas, com uma piscadela esclarecedora. Feito isso, passava furtivamente às mãos do homem o endereço de um apartamento próximo.

Não era, aliás, de todo mau. O que se via lá com grande mistério era mais ou menos, de maneira mais encoberta, mais sórdida, o mesmo espetáculo apresentado em qualquer cabaré de Pigalle. Com a diferença de que as mulheres já não tinham vinte anos, mas frequentemente o dobro ou mais.

- Aquele seu inspetor, o gordinho...

- Lucas...

- Sim... Ele me interrogou há mais ou menos três semanas, depois da morte de Mazotti, mas eu não sabia muita coisa....

Ele chegava ao ponto lentamente, à sua maneira.

- Disse a ele que certamente não era obra de meu patrão e não estava enganado... Agora, tenho uma informação. Como sempre se mostrou compreensivo comigo, passo-a ao senhor, mas pode ser que não tenha importância... Entenda bem que não estou falando com a polícia... É com um homem que conheço há muito tempo... Estamos conversando... Começamos, por acaso, a falar de Mazotti que, cá entre nós, não era nenhuma ameaça...

"Então, só lhe repito o que me disseram... É inútil procurar em Pigalle o responsável... Na Páscoa... Quando foi a Páscoa este ano?..."

- No final de março...

- Bem! Na Páscoa, então, Mazotti, que era um cafetãozinho de nada, mas queria provar ser um homem, foi a Toulon... Lá encontrou a bela Yolande... O senhor a conhece?... É a mulher de Mattei... E Mattei é o chefe dos Narizes Quebrados de Marselha, que cometeram uns vinte assaltos antes de serem pegos... Está me entendendo? "Mattei está enjaulado... Mazotti, que achava que podia fazer o que quisesse, retornou a Paris com Yolande... Não preciso entrar em maiores detalhes... Ainda há homens de Mattei em Marselha, e dois ou três deles vieram a Paris para acertar contas..."

Era plausível. Isso explicava a forma como ocorrera o caso da rua Douai. Trabalho de profissionais, impecável.

- Achei que isso interessaria ao senhor e, como não sabia seu endereço, fui procurar o seu colega...

Mickey não fazia menção de partir, o que significava que ainda não dissera tudo, ou que esperava perguntas. Efetivamente, Maigret perguntou com ar inocente:

- Já soube da notícia?

- Que notícia? - perguntou o outro com a mesma inocência.

Depois, sorriu com malícia.

- Está falando do sr. Emile? Ouvi dizer que foi encontrado...
- Esteve no bar do Jo ainda agora?
- Jo e eu não somos muito amigos, mas a notícia correu...
- O que aconteceu a Emile Boulay me interessa mais do que o caso Mazotti...
- Nesse caso, senhor comissário, tenho de dizer que nada sei... E é a pura verdade...
- Que acha dele?
- O que disse ao sr. Lucas... O que todo mundo acha...
- Ou seja?
- Trabalhava à sua maneira, mas estava dentro da lei...
- Lembra-se da noite de terça-feira?
- Tenho uma ótima memória...

Sorria o tempo todo, como se cada uma de suas palavras merecesse ser enfatizada, e tinha a mania de piscar o olho:

- Não aconteceu nada de extraordinário?
- Depende do que considera extraordinário... O sr. Emile chegou por volta de nove horas, com a srta. Ada, para os preparativos, como todas as noites... O senhor sabe como é... Depois, foi dar uma olhada no Train Bleu e passou também pela rua Notre-Dame-de-Lorette.
- A que horas voltou a vê-lo?
- Espere... A orquestra tinha começado a tocar... Portanto, devia passar das dez... A boate estava quase vazia... É inútil tentar atrair os clientes, eles só chegam depois do cinema e do teatro...
- A secretária permaneceu com ele?
- Não... Ela voltou para casa...
- E você a viu entrar no prédio?
- Creio que a acompanhei com os olhos, porque é uma moça bonita e sempre dou uma paquerada nela, mas não poderia

garantir...

- E Boulay?

- Voltou ao Lotus para telefonar.

- Como sabe que telefonou?

- Foi Germaine, a moça do vestiário, quem me disse... O telefone fica perto do vestiário... A cabine tem uma porta de vidro... Ele ligou para um número que não respondia e quando saiu parecia contrariado...

- Por que isso chamou a atenção da moça do vestiário?

- Porque habitualmente, quando telefonava à noite, era para um de seus cabarés, ou para seu cunhado, e sempre atendiam... Além disso, 15 minutos depois, tornou a ligar...

- Sempre sem resultado?

- Sim... Ligava, portanto, para alguém que não estava em casa, e isso parecia irritá-lo... Entre uma chamada e outra, circulava pelo salão... Chamou a atenção de uma dançarina cujo vestido estava desbotado e mostrou-se desagradável para com o *barman*...

"Após uma terceira ou quarta tentativa, veio tomar ar na calçada."

- Falou com você?

- Sabe, ele não era falante... Postava-se diante da porta... Olhava o céu, o movimento de carros e era capaz de dizer se o público da noite seria grande ou não...

- Acabou conseguindo a ligação?

- Por volta das onze horas...

- Foi embora?

- Não imediatamente... Retornou à calçada... Era um de seus hábitos... Vi-o tirar o relógio do bolso duas ou três vezes... Finalmente, depois de uns vinte minutos, começou a descer a rua Pigalle...

- Em outras palavras, tinha um encontro...

-Vejo que temos a mesma impressão...

- Ao que parece, ele quase nunca tomava táxis...

- É verdade... Desde o acidente não gostava de automóveis...
Preferia o metrô...

- Tem certeza de que se dirigiu para a parte de baixo da rua Pigalle? Não para cima?

- Tenho certeza!

- Se fosse tomar o metrô, teria subido a rua...

- Era o que fazia quando ia dar uma olhada na rua de Berri...

- De maneira que, segundo todas as probabilidades, seu encontro era no bairro...

- Primeiro pensei que ia ao Saint-Trop, na rua Notre-Dame-de-Lorette, mas não o viram lá...

- Acha que tinha uma amante?

- Certamente não.

E, com nova piscadela, o "menino" enrugado acrescentou:

- Sabe, tenho uma certa experiência... Entendo um pouco do assunto, não é verdade?

- Onde mora o sr. Raison?

A pergunta surpreendeu Mickey.

- O contador? Há pelo menos trinta anos que mora no mesmo prédio, no Boulevard Rochechouart...

- Sozinho?

- É claro!... Também ele, acredite, não tem amante... Não que despreze as mulheres, mas suas possibilidades não estão à altura de seus desejos e contenta-se em mexer com as moças que vão pedir um adiantamento em seu escritório...

- Sabe o que faz à noite?

- Joga bilhar, sempre no mesmo café, na esquina da Praça d'Anvers... Já não há muitos bilhares no bairro... Ele é quase um campeão...

Mais uma perspectiva que parecia estar descartada. Ainda assim, Maigret fazia perguntas, não querendo que nada ficasse obscuro:

- De onde vem esse Sr. Raison?

- De um banco... Foi caixa, não sei por quantos anos, na agência em que o patrão tinha sua conta, na Rua Blanche... Suponho que lhe tenha passado informações... O Sr. Emile precisava de alguém de confiança para a contabilidade, porque nessa profissão facilmente ocorrem desvios de dinheiro... Ignoro quanto ele ganha, mas deve ser bastante, já que deixou o banco...

Maigret acabava sempre voltando à noite de terça-feira. Já se tornava uma obsessão. Acabava tendo diante de seus olhos o magro sr. Emile, parado debaixo do letreiro luminoso do Lotus, olhando o relógio de vez em quando, caminhando finalmente, com passo decidido, pela rua Pigalle abaixo.

Não ia longe, do contrário teria tomado o metrô que ficava a cem metros. Se tivesse precisado de um táxi, apesar da sua aversão a carros, eles passavam incessantemente em frente ao seu cabaré.

Formava-se uma espécie de mapa na mente de Maigret, o de um pequeno pedaço de Paris ao qual tudo o conduzia. Os três cabarés do ex-marinheiro ficavam próximos uns dos outros, a única exceção era o Paris-Strip, dirigido por Antonio.

Boulay e suas três italianas moravam na rua Victor-Massé. O bar de Jo, o Boxeador, em cuja entrada Mazotti fora assassinado, era praticamente visível da entrada do Lotus.

O banco em que Emile tinha sua conta também não ficava longe, e o contador morava no bairro. Era um pouco como uma cidade, da qual Emile quase não saía, e quando o fazia era a contragosto.

- Não tem nenhuma ideia da pessoa com a qual ele poderia ter um encontro?

- Juro...

Mickey confessava após um silêncio:

- Também me perguntei, por pura curiosidade... Gosto de entender as coisas... Na minha profissão, é indispensável compreender as coisas, não é?...

Maigret levantou-se, suspirando. Não via nenhuma outra pergunta a ser feita. O *pisteur* forneceu-lhe detalhes que ele ignorava e que poderia continuar ignorando por muito tempo, mas tais detalhes continuavam não explicando a morte de Boulay, menos ainda o fato, quase inacreditável, de que tivessem ficado com seu corpo durante três noites e dois dias antes de jogá-lo junto do Père-Lachaise.

- Agradeço-lhe, Boubée...

E o homenzinho, quando ia saindo:

- O senhor ainda se interessa por boxe?

- Por quê?

- Porque há uma luta amanhã, sobre a qual tenho uma informação... Se o senhor quiser...

- Obrigado...

Não deu dinheiro a ele. Não era por dinheiro que Mickey vendia seus serviços, mas em troca de uma certa indulgência.

- Se souber de alguma coisa, telefone...

Quarenta e cinco minutos depois, em seu escritório da Polícia Judiciária, Maigret rabiscou numa folha de papel, ligou para a sala dos inspetores, fez com que lhe enviassem Lapointe.

Este não tinha necessidade de olhar duas vezes para o chefe para saber em que ponto estava. Em parte alguma! Exibia o aspecto pesado, obstinado, dos piores momentos de uma investigação, quando não se sabe por onde amarrá-la e tenta-se, sem segurança, em todas as direções.

-Você vai ao Boulevard Rochechouart informar-se sobre um certo sr. Raison... É o contador do Lotus e de outras boates de Emile Boulay... Parece que ele joga bilhar todas as noites num café da Praça d'Anvers, não sei qual, mas você o encontrará... Tente saber o máximo possível sobre ele, sobre seus hábitos. Gostaria de saber,

sobretudo, se ele estava no café terça-feira à noite, a que horas saiu, a que horas voltou para casa...

- Vou para lá, chefe...

Enquanto isso, Lucas cuidava de Ada e também de Antonio. Para acalmar sua impaciência, Maigret mergulhou nos relatórios administrativos. Por volta de 16h30, fartou-se e, vestindo o paletó, foi tomar um chope solitário na Brasserie Dauphine. Quase pediu um segundo, não por sede, mas para desafiar o amigo Pardon, que lhe recomendara abstinência.

Tinha horror a não compreender as coisas. Aquilo se transformava num caso pessoal. Retornava sempre às mesmas imagens: Emile Boulay de terno azul, na entrada do Lotus, voltando ao cabaré, telefonando, não conseguindo a ligação, circulando, telefonando novamente, e de novo, sob o olhar indiferente da moça do vestiário.

Ada voltara para casa. Antonio ocupava-se dos primeiros clientes na rua de Berri. Nos quatro cabarés, os barmen arrumavam os copos e as garrafas, os músicos afinavam seus instrumentos, as moças se preparavam em cubículos sórdidos antes de tomar seu lugar em frente às mesas. Boulay falara finalmente com seu interlocutor, mas não foi embora em seguida. Portanto, o encontro não era imediato. Tinham marcado uma hora.

Ele esperava novamente em frente à porta, tirou várias vezes o relógio do bolso e, de repente, dirigiu-se para o lado de baixo da Rua Pigalle...

Jantara às oito horas. Segundo o médico-legista, morreria quatro ou cinco horas depois, isto é, entre meia-noite e uma da manhã.

Eram 23h30 no momento em que saía do Lotus. Restava-lhe de meia hora a uma hora e meia de vida.

Ora, ele nada tinha a ver com a morte de Mazotti.

O que sobrava do bando do curso sabia disso e não tinha razão alguma para eliminá-lo.

Enfim, ninguém desse meio agiria como o assassino de Emile agira, estrangulando-o, guardando o corpo durante dois dias e correndo depois o risco de desová-lo na rua des Rondeaux...

Ada não estava a par de nenhum encontro do patrão. O sr. Raison também não. Antonio dizia não saber de nada. O próprio Mickey, que tinha bons motivos para se informar sobre tudo que ocorria, nada sabia a respeito.

Maigret andava de um lado para o outro em seu escritório, mal-humorado, o cachimbo apertado entre os dentes, quando Lucas bateu à porta, sem o ar triunfante de alguém que acaba de fazer uma descoberta.

Maigret limitou-se a olhá-lo em silêncio.

- Não sei mais do que hoje de manhã, chefe... A não ser que Antonio não saiu de seu cabaré na terça-feira à noite em nenhum momento...

Ora essa! Isso teria sido muito fácil.

- Estive com sua mulher, uma italiana que está esperando um bebê... Moram num apartamento elegante na rua de Ponthieu...

O olhar inexpressivo do comissário deixava Lucas sem jeito.

-Não é culpa minha... Todo mundo gosta muito deles... Falei com a zeladora, com os fornecedores, com os vizinhos do cabaré... Depois retornei à rua Victor-Massé... Pedi ao contador, que encontrei em seu escritório, o endereço de algumas das artistas que trabalham no Lotus e se apresentam nas outras boates... Duas delas ainda estavam dormindo no mesmo hotel...

Ele tinha a impressão de estar falando com uma parede, e algumas vezes Maigret dava-lhe as costas para olhar para o Sena.

- Uma outra, que mora na rua Lepic, tem um bebê e...

Lucas perturbou-se, tão exasperado parecia-lhe o comissário.

- Só posso lhe dizer o que sei... É claro que elas têm um pouco de ciúmes de Ada... Têm a impressão de que, cedo ou tarde, ela se tornaria amante do patrão, mas que isso ainda não tinha

acontecido... Sem falar que, ao que parece, isso não deixaria de provocar dificuldades com Antonio...

- É tudo?

Lucas movia as mãos num gesto de desânimo.

- Que faço agora?

- O que quiser.

Maigret voltou cedo para casa, depois de haver se dedicado ainda por um tempo, ranzinza, ao trabalho desagradável de reorganização dos serviços que, de toda maneira, não seria feita como ele sugeria.

Relatórios, sempre relatórios! Pediam sua opinião. Solicitavam-lhe planos detalhados. Depois, aquilo interrompia-se em algum ponto da burocracia administrativa e não era mais mencionado. A menos que se tomassem disposições contrárias às que ele sugeria.

- Vou sair esta noite... - avisou à mulher num tom azedo.

Ela sabia que era melhor não fazer mais perguntas. Ele se sentou à mesa, olhava a televisão, resmungando de vez em quando:

- Quanta idiotice!...

Depois, foi para seu quarto, trocou de camisa e de gravata.

- Não sei a que horas voltarei... Vou a Montmartre, às boates...

Parecia querer que ela sentisse ciúmes e ficava decepcionado ao vê-la sorrir.

- Você deveria levar o guarda-chuva... O rádio está anunciando temporal...

No fundo, se sentia-se tão mal-humorado é porque tinha a impressão de estar perdido por sua própria culpa. Estava certo de que, em dado momento do dia, não poderia precisar qual, estivera prestes a encontrar uma boa pista.

Alguém dissera-lhe algo significativo. Mas quem? Falara com tanta gente!

Eram nove horas quando tomou um táxi, 21h20 quando chegou ao Lotus, onde Mickey o recebeu com um piscar de olhos cúmplice e abriu-lhe a porta estofada de veludo vermelho.

Os músicos de *smoking* ainda não estavam em seus lugares e conversavam a um canto. O *barman* secava os copos no balcão. Uma ruiva bonita, com um grande decote, lixava as unhas num canto.

Ninguém lhe perguntava o que fazia ali, como se todos já soubessem. Limitavam-se a lhe dirigir olhares rápidos e curiosos.

Os garçons colocavam baldes de champanhe nas mesas. Ada, de *tailleur* escuro, saiu da sala dos fundos, caderno e lápis na mão, viu Maigret e, após um momento de hesitação, dirigiu-se a ele.

- Foi meu irmão que me aconselhou a abrir os cabarés... - explicou, um pouco embaraçada. - No fundo, nenhum de nós sabe exatamente o que fazer... Parece que não é hábito fechar em caso de morte...

Olhando o caderno e o lápis, ele perguntou:

- O que estava fazendo?

- O que meu cunhado fazia todas as noites a essa hora... Verificar com os *barmen* e os gerentes os estoques de champanhe e de uísque... Em seguida, organizar os deslocamentos de artistas de um cabaré ao outro... Nunca está tudo certo... Todos os dias é preciso fazer modificações de última hora... Passei no Train Bleu...

- Como está sua irmã?

- Muito mal... Felizmente, Antonio passou a tarde conosco... Os homens da funerária estiveram lá... O corpo deverá ser levado para casa amanhã de manhã... O telefone não parou de tocar... E também foi preciso tratar das participações fúnebres...

Ela não perdia a cabeça e, enquanto falava, vigiava a arrumação, como teria feito Boulay. Até se interrompeu para dizer a um jovem *barman*:

- Não, Germain... Não ponha gelo nos baldes ainda...

Um novato, certamente!

Maigret perguntou, especulando:

- Ele deixou um testamento?

- Não sabemos e isso complica as coisas, porque não sabemos que providências tomar...

- Ele tinha um tabelião?

- Não que eu saiba... Certamente, não... Telefonei a seu advogado, o dr. Jean-Charles Gaillard, mas ele não estava... Viajou de manhã cedo para Poitiers, para defender uma causa, e só regressará no fim da noite.

Quem já lhe falara do advogado? Maigret procurava se lembrar, revia a imagem pouco atraente do sr. Raison em seu pequeno escritório na sobreloja. De que se tratava naquele momento? Maigret perguntara se alguns pagamentos não eram feitos sem recibo, para evitar os impostos. Relembrou o encadeamento da conversa. O contador afirmara que o sr. Emile não era homem de praticar falcatruas e correr o risco de ter aborrecimentos, fazia questão de que tudo estivesse dentro da ordem e que suas declarações de renda fossem feitas pelo advogado...

- Acha que seu cunhado teria se dirigido a ele para fazer seu testamento?

- Aconselhava-se com ele a respeito de tudo... Não esqueça que, quando começou, não entendia nada de negócios... Quando abriu o Train Bleu, alguns vizinhos tentaram um processo, já não sei por quê... Provavelmente porque a música os impedia de dormir...

- Onde ele mora?

- O dr. Gaillard?... Na rua la Bruyère, numa mansão na metade da rua...

Rua la Bruyère! Apenas a quinhentos metros do Lotus. Para ir até lá, bastava descer a rua Pigalle, atravessar a rua Notre-Dame-de-Lorette e, um pouco mais embaixo, virar à esquerda.

- Seu cunhado o via frequentemente?

- Uma ou duas vezes por mês...

- À noite?

- Não. No fim da tarde. Geralmente depois das seis horas, quando o dr. Gaillard regressava do Palácio de Justiça.

- A senhora o acompanhava? Ela fez que não com a cabeça.

Talvez fosse ridículo, mas o comissário já não parecia ranzinza.

- Posso telefonar?

- Prefere subir ao escritório ou telefonar da cabine?

- Da cabine...

Como fizera Emile Boulay, com a diferença de que ele só começara a telefonar por volta das dez da noite. Através do vidro via Germaine, a moça do vestiário, que arrumava cartões cor-de-rosa numa velha caixa de charutos.

- Alô! Da casa do dr. Gaillard?

- Não, senhor... Da farmácia Lecot...

- Desculpe...

Devia ter discado errado. Insistiu, prestando mais atenção, ouviu um chamado distante. Um minuto, dois minutos se passaram e ninguém atendeu.

Por três vezes repetiu o número, sem sucesso. Quando saiu da cabine, procurou por Ada e encontrou-a no cubículo onde duas mulheres trocavam de roupa. Elas não prestaram atenção nele nem procuraram esconder os seios nus.

- O dr. Gaillard é solteiro?

- Não sei. Nunca o ouvi falar da mulher. Talvez tenha uma. Nunca fui à sua casa.

Pouco depois, na calçada, Maigret interrogava Mickey.

- Conhece Jean-Charles Gaillard?

- O advogado? Conheço-o de nome. Foi ele que defendeu Lucien, o Grande há três anos e consegui absolvê-lo.

- Também era o advogado de seu patrão...

- Isso não me surpreende... Tem fama de ser astucioso...

- Sabe se é casado?

- Desculpe, sr. Maigret, mas esse tipo de pessoa não pertence a meu raio de ação e, mesmo com a melhor boa vontade do mundo, nada posso dizer... O comissário retornou à cabine, voltou a discar o número, sem resultado.

Então, experimentou ligar para um membro da Ordem dos Advogados, Chavanon, que conhecia há muito tempo e que teve a sorte de encontrar em casa.

- Aqui é Maigret... Não, não tenho um cliente para você em meu escritório... Aliás, não estou no Quai des Orfèvres... Quero uma informação... Você conhece Jean-Charles Gaillard?

- Conheço, claro, como todo mundo... Cruzo com ele no Palácio de Justiça e tive a oportunidade de almoçar com ele uma vez. Mas é um senhor importante demais para mim...

- Casado?

- Creio que sim... Espere... Tenho certeza que sim... Casou-se pouco depois da guerra com uma cantora ou dançarina do Cassino de Paris... Enfim, foi o que ouvi dizer...

- Nunca a viu? Não foi à casa dele?

- Nunca fui convidado...

- Eles não se divorciaram?... Vivem juntos?...

- Que eu saiba...

- Suponho que não sabe se ela o acompanha quando vai defender alguma causa no interior.

-Não é o hábito...

- Obrigado...

Tornou a ligar inutilmente para Gaillard, e a moça do vestiário o observava cada vez mais curiosa. Finalmente decidiu ir embora do Lotus e, após acenar para Mickey, desceu lentamente a rua Pigalle. Na rua la Bruyère logo localizou uma mansão que não passava de um prédio burguês, como existem muitos no interior e como ainda se encontram em determinados bairros de Paris. Todas as janelas

estavam às escuras. Uma placa de cobre trazia o nome do advogado. Apertou o botão acima dessa placa e uma campainha soou dentro da casa.

Não se ouviu um ruído. Tocou duas, três vezes, tão inutilmente como havia telefonado.

Por que cruzou a rua para observar o prédio todo? No momento em que erguia a cabeça, uma cortina se moveu numa janela do primeiro andar, que não estava iluminada, e ele juraria que por um momento viu um rosto.

Capítulo V

PODERIA-SE DIZER QUE MAIGRET parecia dono de cabaré e que, apesar da diferença de estatura e peso, tentava imitar Emile Boulay. Sem se apressar, perambulava pelas poucas ruas que constituíam o antigo universo do ex-marinheiro, e tais ruas, com o passar das horas, mudavam de aspecto. Os anúncios luminosos tornavam-se mais numerosos, os porteiros de uniformes surgiam nas soleiras.

Não somente o jazz emergindo dos cabarés proporcionava uma vibração diferente, mas também as pessoas eram diferentes, e os táxis da noite começavam a trazer sua clientela, enquanto um outro grupo passava e repassava da sombra à claridade.

Mulheres o abordaram. Ele caminhava com as mãos atrás das costas. O sr. Emile também caminharia assim? De toda maneira, não fumava como o comissário. Chupava balas de menta. Maigret descia a rua Notre-Dame-de-Lorette até o Saint-Trop. Conhecera a boate anteriormente, com outro nome, quando era frequentada principalmente por mulheres vestidas como homens...

Teria Montmartre mudado tanto? O ritmo das orquestras já não era o mesmo. Havia mais néon, mas as pessoas se pareciam com as que conhecera; algumas simplesmente haviam mudado de emprego, como o porteiro do Saint-Trop, que cumprimentou o comissário com familiaridade.

Tratava-se de um homem enorme, de barba branca, um refugiado russo que durante anos, num outro cabaré do bairro, cantara velhas baladas de seu país, com uma bela voz de baixo, acompanhado da balalaica.

- Lembra-se da noite da última terça-feira?

- Lembro-me de todas as noites que Deus me concedeu viver — respondeu o ex-oficial enfaticamente.

- Seu patrão esteve aqui nessa noite?

- Por volta de 21h30 com a bela senhorita.

- Refere-se a Ada? Ele não retornou sozinho depois?

- Juro por são Jorge!

Por que são Jorge? Maigret entrou, deu uma olhada no bar, nas mesas em torno das quais os primeiros fregueses estavam envoltos numa luz alaranjada. Sua presença certamente fora anunciada, porque o pessoal, gerentes, músicos e mulheres, acompanhava-o com um olhar de curiosidade mesclada de um pouco de intranquilidade.

Boulay se demoraria mais? Maigret retirou-se, fez um aceno a Mickey em frente ao Lotus, outro à moça do vestiário, a quem pediu uma ficha.

Na cabine envidraçada, discou mais uma vez, sem êxito, o número da rua la Bruyère.

Depois entrou no Train Bleu, cuja decoração imitava o ambiente de um vagão de luxo. Ali, a orquestra tocava tão alto que ele bateu em retirada, mergulhou na tranquilidade e na escuridão da segunda parte da rua Victor-Massé, chegou à praça d'Anvers, onde apenas dois cafés estavam abertos.

Um deles, com a tabuleta de Chope d'Anvers, assemelhava-se a uma velha *brasserie* provinciana. Junto às janelas, frequentadores habituais jogavam cartas e, ao fundo, via-se um bilhar em torno do qual dois homens giravam lentamente com movimentos quase solenes.

Um deles era o sr. Raison em mangas de camisa. Seu parceiro, uma barriga enorme, um charuto entre os dentes, usava suspensórios verdes. Maigret não entrou, ficou ali um momento, como que fascinado pelo espetáculo, enquanto, na verdade, pensava em outra coisa, e teve um sobressalto quando uma voz lhe murmurou:

- Boa-noite, chefe...

Era Lapointe, que ele encarregara de se ocupar do contador e que explicava:

- Estava justamente indo embora... Verifiquei o que ele fez na terça-feira... Saiu do café às 23h15... Nunca passa das 23h30... Menos de dez minutos depois estava em casa...

"A zeladora é categórica... Não estava deitada, porque, naquela noite, seu marido e sua filha estavam no cinema, e ela os esperou..."

"Viu o sr. Raison chegar e tem certeza de que não tornou a sair..."

O jovem Lapointe estava confuso, pois Maigret não parecia ouvi-lo.

- Há novidades? - arriscava. - Quer que fique com o senhor?

- Não. Vá dormir...

Preferia ficar sozinho para recomeçar a inspeção e não demorou muito a colocar os pés no Train Bleu, mais exatamente a entreabrir a cortina e lançar um olhar lá para dentro, como certos fregueses que, antes de entrar, asseguram-se de que vão encontrar o que estão buscando.

Também o Lotus. Nova piscadela de Mickey, em conversa sigilosa com dois americanos a quem devia prometer distrações inéditas.

Maigret já não precisava pedir fichas de telefone e, mais uma vez, este tocou na casa cuja fachada agora conhecia e onde estava convencido de que uma cortina se movera.

Teve um sobressalto quando uma voz de homem respondeu:

- Alô!...

Já não esperava por isso.

- Dr. Jean-Charles Gaillard?

- Ele mesmo... Quem fala?...

- Comissário Maigret, da Polícia Judiciária...

Um silêncio. Depois, a voz um pouco impaciente:

- Sim! Pode falar...

- Peço desculpas por incomodá-lo a essa hora...

- É um milagre ter me encontrado... Acabo de voltar de Poitiers e estava dando uma espiada na minha correspondência antes de subir para me deitar...

- Poderia me receber por alguns minutos?

- Está telefonando do Quai des Orfèvres?

- Não... Estou a dois passos daí...

- Estou à sua espera...

Mickey continuava na entrada, a rua cada vez mais barulhenta, uma mulher surgiu de um canto escuro, colocou a mão no braço do comissário e recuou repentinamente, ao reconhecê-lo.

- Não foi por mal... - balbuciou.

Ele reencontrava, como um oásis, o ambiente tranquilo da rua la Bruyère, onde, em frente à casa do advogado, estava estacionado um grande automóvel americano azul. Havia luz por sobre a porta. Maigret subiu os três degraus da entrada e, antes que tocasse a campainha, a porta se abriu dando para um vestíbulo de piso branco.

Jean-Charles Gaillard era tão alto e tinha os ombros tão largos quanto o porteiro russo do Saint-Trop. Era um homem de aproximadamente 45 anos, corado, com a resignação de um jogador de *rugby*, que devia ter sido puro músculo e estava começando a engordar um pouco.

- Entre, comissário...

Fechou a porta, conduzindo o visitante ao final do corredor, onde o introduziu em seu escritório. O aposento, bastante amplo, confortavelmente mobiliado, mas sem luxo ostensivo, estava iluminado apenas pela lâmpada do abajur verde colocado sobre uma escrivaninha parcialmente coberta de cartas que acabavam de ser abertas.

- Sente-se, por favor... Tive um dia cansativo e peguei um temporal na estrada, o que me atrasou...

Maigret estava fascinado pela mão esquerda do interlocutor, à qual faltavam quatro dedos. Só restava o polegar.

- Gostaria de lhe fazer duas ou três perguntas a respeito de um de seus clientes...

O advogado estava inquieto? Ou simplesmente curioso? Era difícil dizer. Os olhos eram azuis, os cabelos louros, cortados à escovinha.

- Se o sigilo profissional me permitir responder... - murmurou, sorrindo.

Acabara sentando-se em frente ao comissário, e sua mão direita brincava com um corta-papel de marfim.

- Hoje de manhã foi encontrado o corpo de Boulay...

- Boulay? - repetiu o outro, como que buscando em sua memória.

- O dono do Lotus e de três outros cabarés...

-Ah! Sim... Sei...

- Ele o visitou recentemente, não?

- Isso depende do que entende por recentemente...

- Terça-feira, por exemplo...

- Terça-feira desta semana?

- Sim...

Jean-Charles Gaillard sacudiu negativamente a cabeça.

- Se veio, não estive com ele... É possível que tenha passado enquanto eu me encontrava no Palácio de Justiça... Terei de perguntar a minha secretária amanhã...

Encarando Maigret, fez uma pergunta:

- O senhor diz que encontraram seu corpo... O fato de que esteja aqui indica que a polícia se ocupa do caso... Devo concluir que não se trata de uma morte natural?

- Ele foi estrangulado...

- Curioso...

- Por quê?

- Porque, apesar de sua profissão, era homem bastante honesto, e eu não sabia que tivesse inimigos... É verdade que não era mais do que um cliente entre tantos outros...

- Quando o viu pela última vez?

- Devo responder com precisão... Um instante... Levantou-se, passando ao escritório ao lado, onde acendeu a luz, remexeu numa gaveta, e retornou com uma agenda vermelha.

- Minha secretária anota todas as minhas reuniões... Espere...

Folheou as páginas, começando pelo fim, murmurou nomes sem se deter. Virou assim umas vinte páginas.

- Aqui está!... 22 de maio às cinco horas... Há a menção de uma outra visita no dia 18 de maio às onze da manhã...

- Não o viu depois de 22 de maio?

- Não que me lembre...

- Ele não lhe telefonou?

- Se ligou para meu gabinete, só encontrou minha secretária, e é ela quem poderá responder. Estará aqui amanhã às nove horas...

- O senhor cuida de todos os assuntos de Boulay?

- Isso depende do que chama de todos os assuntos dele...

E acrescentou, sorrindo:

- Sua pergunta é perigosa... Não estou necessariamente a par de todas as atividades dele...

- Ao que parece, era o senhor que se encarregava de suas declarações de renda...

- Não vejo inconveniente em responder a essa pergunta... É verdade... Boulay tinha pouca instrução e teria sido incapaz de se encarregar disso pessoalmente...

Outro silêncio, após o qual especificou:

- Devo acrescentar que jamais me pediu que sonegasse... É verdade que, como todo contribuinte, procurava pagar o mínimo possível de imposto, mas se mantendo dentro da lei... Do contrário, eu não teria me ocupado de seus assuntos.

- O senhor mencionou uma visita que ele lhe fez a 18 de maio... Na noite anterior, um tal de Mazotti foi assassinado não longe do Lotus...

Muito calmo, Gaillard acendeu um cigarro, estendeu a cigareira de prata a Maigret, recolheu-a, observando que este fumava seu cachimbo.

- Não vejo inconveniente algum em lhe revelar o que veio fazer. Mazotti tentara com ele o golpe da proteção e, para se livrar disso, Boulay providenciou a ajuda de três ou quatro brutamontes do Havre, sua cidade natal...

- Estou a par...

- Quando soube da morte de Mazotti, achou que a polícia poderia interrogá-lo... Nada tinha a esconder, mas temia ver seu nome nos jornais...

- Pediu-lhe conselho?

- Exatamente. Disse-lhe que respondesse com toda a franqueza... Creio, aliás, que isso deu certo... Se não me engano, foi chamado uma segunda vez ao Quai des Orfèvres, dia 22 ou 23, e veio me ver novamente antes dessa entrevista... Suponho que nunca suspeitaram dele?... Em minha opinião, seria um erro...

- Tem certeza de que ele não retornou aqui nesta semana, terça-feira, por exemplo?

- Não somente tenho certeza, como, repito, a entrevista, se houvesse ocorrido, estaria registrada na agenda... Veja o senhor mesmo... Estendeu-a ao comissário, que evitou tocá-la.

- O senhor estava em casa terça-feira à noite? Dessa vez, o advogado franziu as sobrancelhas.

- Isso está começando a parecer um interrogatório - observou -, e confesso que me pergunto o que tem em mente...

Sacudindo os ombros, continuava, ainda assim, a sorrir.

- Fazendo um esforço de memória, poderia certamente lembrar do que fiz... Passo a maioria de minhas noites neste escritório, porque é o único momento em que tenho tranquilidade para trabalhar...

Pela manhã, é um desfile incessante de clientes... À tarde, estou no Palácio de Justiça...

- Não jantou fora?

- Quase nunca janto fora... Sabe, não sou um advogado dado a prazeres mundanos...

- Na noite de terça-feira, então?...

- Hoje é sexta, não é?... Na verdade, sábado, pois já passa de meia-noite... De manhã bem cedo, peguei a estrada para Poitiers...

- Sozinho?

A pergunta pareceu surpreendê-lo.

- Sozinho, evidentemente, já que fui para defender uma causa... Ontem, não saí de meu gabinete a noite toda... Definitivamente é um alibi o que o senhor quer?...

Conservava seu tom leve, irônico.

- O que me intriga é que esse alibi diz respeito à noite de terça, enquanto a morte de meu cliente, se bem compreendi, é muito recente... Enfim!... Sou como o coitado do Boulay: faço questão de não fugir da regra... Quinta-feira não houve saída... Quarta-feira à noite... Vejamos!... Quarta-feira, trabalhei até as dez horas e, como estava com um pouco de dor de cabeça, fui caminhar pelo bairro... Quanto à terça... Defendi uma causa à tarde na cível... Um caso complicado que se arrasta há três anos e que está longe de terminar... Voltei para casa para jantar.

- Com sua mulher?

O olhar de Gaillard fixou-se no comissário e ele falou:

- Sim, com minha mulher...

- Ela está aqui?

- Está lá em cima...
 - Saiu hoje à noite?
 - Não sei praticamente nunca, por causa de sua saúde... Minha mulher, há vários anos, não está bem e sofre muito...
 - Peço que me desculpe...
 - Não há problema... Então, jantamos... Desci para esse escritório, como de hábito... A tarde no Palácio de Justiça me cansou... Peguei meu carro com a ideia de sair por uma hora ou duas para relaxar, coisa que às vezes faço... Pratiquei muito esporte no passado e o ar livre me faz falta... Passando pelos Champs-Élysées, vi que estava em cartaz um filme russo muito elogiado...
 - Em suma, o senhor foi ao cinema...
 - Exatamente... Como vê, não há nenhum mistério... Depois, fui beber qualquer coisa no Fouquets antes de voltar para casa...
 - Ninguém o esperava?
 - Ninguém.
 - Não recebeu nenhum telefonema?
- Ele parecia novamente buscar na memória.
- Não me parece, não... Devo ter fumado um ou dois cigarros antes de subir para me deitar, porque tenho dificuldade de dormir... Agora, deixe-me dizer que estou bastante surpreso...
- Foi a vez de Maigret aparentar inocência.
- Por quê?
 - Esperava que o senhor me interrogasse sobre meu cliente... Ora, foi sobre mim e sobre minhas atividades que o senhor me interrogou... Poderia me sentir ofendido com isso...
 - Na realidade, estou tentando reconstituir as idas e vindas de Emile Boulay...
 - Não compreendo...
 - Ele não foi morto na noite passada e sim na de terça para quarta...

- No entanto, o senhor me disse...
 - Disse que foi encontrado hoje de manhã...
 - O que significa que desde terça-feira seu corpo... Maigret aprovou com a cabeça. Assumira um ar de bom menino e parecia inclinado às confidências.
 - É mais ou menos certo que terça-feira à noite Boulay tinha um encontro... Provavelmente um encontro no bairro...
 - E o senhor imaginou que ele tivesse vindo aqui? O comissário riu.
 - Não estou acusando o senhor de ter estrangulado seu cliente...
 - Ele foi estrangulado?
 - É o que mostra a autópsia... Seria muito longo enumerar os indícios que levantamos... Ele tinha o hábito de vir lhe pedir conselhos...
 - Não o teria recebido à meia-noite...
 - Ele poderia estar numa situação delicada... Se alguém, por exemplo, o tivesse chantageado...
- Gaillard acendeu um novo cigarro e soprou lentamente a fumaça à sua frente.
- Seu talão de cheques revela que retirou, há pouco tempo, uma quantia bastante elevada do banco...
 - Posso perguntar quanto?
 - Meio milhão de francos. Isso não estava em seus hábitos... Normalmente, tirava o dinheiro de que precisava da caixa de um de seus cabarés...
 - Isso ocorreu apenas uma vez?
 - Que saibamos, uma única vez... Terei certeza amanhã, quando examinar sua conta bancária.
 - Continuo não vendo qual o meu papel nesse caso...
 - Chego lá... Suponhamos que ele tenha cedido uma primeira vez e que tenham voltado à carga, que tenham marcado um

encontro com ele na noite de terça para quarta... Ele poderia ter tido a ideia de lhe pedir conselho... Teria discado seu número várias vezes durante a noite, enquanto o senhor estava no cinema... Quem atende o telefone à noite, quando o senhor não está?

- Ninguém...

E como Maigret parecesse surpreso:

- Como lhe disse, minha mulher não está bem... Começou com uma depressão nervosa que só se agravou... Além do mais, ela sofre de uma polinevrite da qual os médicos não conseguem curá-la... Praticamente não sai do primeiro andar e tem sempre com ela uma criada que é, na realidade, uma enfermeira... Minha mulher não sabe disso... Desliguei o telefone lá em cima...

- As empregadas?

- São duas e dormem no segundo andar... Para voltar à sua pergunta, que estou entendendo melhor, não estou a par de nenhuma chantagem de que meu cliente fosse vítima... Acrescento que a existência de tal chantagem me surpreenderia, porque, conhecendo seus negócios, não vejo sob que pretexto extorquiriam dinheiro dele... Portanto, ele não veio me consultar na terça-feira à noite... E, *a priori*, ignoro como ele possa ter ocupado o seu tempo essa noite...

"Que tenha sido morto não me espantou muito quando o senhor me contou, porque não se chega à posição que ele ocupava, nesse meio, sem fazer grandes inimigos... Que tenha sido estrangulado me surpreende muito e, mais ainda, que só tenham encontrado o corpo hoje de manhã...

"A propósito, onde o encontraram?... Suponho que tenha sido retirado do Sena?"

- Estava estendido na calçada junto do Père-Lachaise...

- Qual foi a reação da mulher dele?

- O senhor a conhece?

-Vi-a uma única vez... Boulay era louco por ela... Fez questão de me apresentar sua mulher e seus filhos. Convidou-me para jantar

na rua Victor-Massé e foi assim que conheci toda a família.

- Inclusive Antonio?

- Inclusive o cunhado e a mulher dele... Uma verdadeira reunião de família... No fundo, Boulay era muito pequeno-burguês, e em sua casa nunca se suspeitaria que vivia do *strip-tease* de mulheres...

- Conhecia os cabarés dele?

- Fui duas ou três vezes ao Lotus, há mais de um ano... Também assisti à inauguração do cabaré da rua de Berri...

Maigret se fazia uma quantidade de perguntas sem se arriscar a pronunciá-las em voz alta. Vivendo com uma mulher doente, o advogado não buscava em outros lugares os prazeres que já não encontrava em casa?

- Conheceu Ada?

- A jovem cunhada? Claro! Estava no jantar. É uma moça encantadora, tão bonita quanto Marina, porém mais inteligente...

- Acha que era amante do cunhado?

- Coloco-me em seu lugar, comissário... Compreendo que é obrigado a pesquisar em todas as direções... Nem por isso algumas de suas hipóteses são menos surpreendentes... Se tivesse conhecido Boulay, não me faria essa pergunta... Ele tinha horror a complicações... Uma aventura com Ada teria colocado o cunhado contra ele, e, como bom italiano, Antonio tem um sentimento muito forte de família... Desculpe-me se bocejo, mas me levantei de madrugada para chegar a Poitiers a tempo do julgamento...

- Costuma deixar seu carro na rua?

- Quase sempre. Não me dou ao trabalho de levá-lo até a garagem... Quase sempre há vaga...

- Não me leve a mal por incomodá-lo... Uma última pergunta... Boulay deixou um testamento?

- Não que eu saiba... E não vejo por que teria feito um... Tem dois filhos... Além disso, casou-se em regime de comunhão de

bens... A sucessão não coloca problema algum...

- Agradeço-lhe...

- Amanhã de manhã, irei apresentar minhas condolências à viúva e colocar-me à disposição dela... Pobre mulher!...

Havia tantas perguntas que Maigret ainda gostaria de lhe fazer! Por exemplo, como perdera os quatro dedos da mão esquerda. E também a que horas deixara a rua la Bruyère de manhã. Enfim, por causa de uma frase que Mickey pronunciara, teria curiosidade em consultar a lista de clientes do advogado.

Alguns minutos depois, tomava um táxi na praça Saint-Georges e se recolhia. Ainda assim, estava de pé às oito da manhã e, às 9h30, saía do escritório do diretor da Polícia Judiciária, onde participara da reunião sem abrir a boca.

Sua primeira medida, depois de abrir a janela e tirar o casaco, foi ligar para Chavanon, a quem telefonara na véspera.

- Sou eu outra vez... Maigret!... Pode falar?...

- Estou com uma pessoa em meu gabinete...

- Só uma informação... Conhece algum de seus colegas que seja bastante íntimo de Gaillard?...

- Isso ainda! Até parece que você tem algo contra ele...

- Não tenho nada contra ele, mas gostaria de saber algumas coisas que dizem respeito a ele...

- Por que não pergunta a ele mesmo? Procure-o...

- Estive com ele.

- Então? Ele mostrou-se resistente?

- Ao contrário! Acontece que há perguntas que são muito delicadas para serem feitas repentinamente a alguém...

Chavanon não parecia animado. Maigret esperava por isso. Em quase todas as profissões existe uma solidariedade. Podem falar livremente uns dos outros entre eles, mas qualquer intrusão é mal recebida. Ainda mais quando se trata da polícia!

- Ouça... Disse-lhe o que sabia... Não sei com quem ele se dá atualmente, mas, há alguns anos, era muito amigo de Ramuel...

- O que defendeu o açougueiro da rua Caulaincourt?

- Esse mesmo. Gostaria muito, se for procurá-lo, que não me mencione. Sobretudo porque acaba de conseguir duas ou três absolvições seguidas e isso subiu à cabeça dele... Boa sorte!...

O dr. Ramuel morava na rua du Bac, e, um minuto depois, Maigret tinha sua secretária do outro lado da linha.

- É praticamente impossível... Toda a manhã está tomada... Espere... Se vier por volta de 10h50 e se ele não se prolongar com o cliente das 10h30... Deviam desfilarem em seu escritório como num dentista de bairro. O próximo!

Mesmo assim, Maigret foi à rua du Bac e, como estava adiantado, foi tomar um vinho branco numa tabacaria. As paredes da sala de espera do dr. Ramuel eram cobertas de quadros dedicados por artistas. Três pessoas aguardavam e, entre estas, uma senhora idosa que devia ser uma rica fazendeira do interior.

Às 10h55, entretanto, a secretária abriu a porta e fez um sinal discreto para que o comissário a acompanhasse.

Jovem ainda, cara de criança, o dr. Ramuel já era careca. Adiantou-se, cordial, a mão estendida. - A que devo a honra?...

O escritório era imenso, as paredes recobertas de lambris, os móveis estilo Renascença, e pisava-se em autênticos tapetes orientais.

- Sente-se... Um charuto?... Ah! Não... É verdade... Por favor, fume seu cachimbo...

Percebia-se que estava imbuído de sua importância e sentava-se em sua mesa como um subpromotor na cadeira do Ministério Público.

- Não vejo nenhum caso, dos que me ocupo...

- Não se trata de um de seus clientes, doutor... Sinto-me, aliás, muito constrangido... Gostaria que considerasse minha visita como uma visita particular...

Ramuel estava tão acostumado com julgamentos que, em sua vida privada, continuava a se comportar como se estivesse em um tribunal, com as mesmas mímicas, os mesmos gestos amplos de braços, aos quais só faltavam as mangas da toga. Começava por esbugalhar os olhos com ar cômico, depois espalmava as duas mãos para manifestar sua surpresa.

- Vejamos, comissário, não me diga que tem problemas?...
Defender o comissário Maigret...

- Apenas preciso de algumas informações sobre alguém...

- Um de meus clientes?

Assumia uma expressão perturbada.

- Não preciso lembrar...

- Não se preocupe. Não lhe peço que quebre o sigilo profissional... Por razões que eu demoraria muito para explicar, preciso conhecer um pouco um de seus colegas...

As sobrancelhas se franziram, sempre com exagero, como se o advogado representasse seu espetáculo habitual diante dos jurados.

-Também não se trata de trair uma amizade...

- Fale. Não prometo nada, certo?

Era irritante, mas o comissário não tinha escolha.

- Creio que conhece muito bem seu colega Jean-Charles Gaillard...

Expressão falsamente constrangida.

- Fomos muito amigos...

- Estão brigados?

- Digamos que nos vemos com menos frequência...

- Conhece a mulher dele?

- Jeanine? Eu a vi pela primeira vez quando ainda dançava no Cassino de Paris... Foi logo depois da guerra... Uma moça

encantadora na época... E bonita!... Chamavam-na de a Bela Lara, e os homens voltavam-se para olhá-la na rua...

- Era o nome dela?

- Não... Na realidade, ela se chamava Dupin, mas dançava usando o nome Jeanine de Lara... Provavelmente teria feito uma carreira brilhante...

- Renunciou a isso por Gaillard?

- Ele casou-se com ela prometendo que não lhe pediria para deixar o teatro...

- Não cumpriu a palavra?

Agora, era a representação da discrição. Ramuel parecia pesar os prós e os contras, suspirava, como que sacudido por sentimentos contraditórios.

- Afinal, todo mundo sabe disso... Gaillard retornava da guerra, coberto de medalhas...

- Foi na guerra que perdeu os quatro dedos?

- Sim... Estava em Dunquerque... Na Inglaterra, engajou-se nas Forças Livres... Se não me engano, fez depois a campanha da África, esteve na Síria... Era tenente de comando... Devo reconhecer que ele nunca fala disso... Não é desses que se comprazem em contar seus feitos... Numa noite em que tinha de surpreender uma patrulha inimiga, ele que foi surpreendido e só pôde salvar-se segurando com a mão a faca que lhe enfiavam no peito... É um homem forte...

"Apaixonou-se loucamente por Jeanine e convenceu-a a se casar com ele... Naquela época, era estagiário no escritório do dr. Jouane e não ganhava muito...

"Ciumento, passava as noites nos bastidores do Cassino de Paris...

"Pode adivinhar o que aconteceu a seguir... Pouco a pouco, conseguiu que sua mulher abandonasse a dança... Pôs-se a trabalhar intensamente para poder se manter... Muitas vezes envie-i-lhe clientes..."

- Ele continuou na área cível?

Dessa vez, Ramuel adotou o ar constrangido de alguém que se pergunta se seu interlocutor será capaz de compreendê-lo.

- Isso é bastante complicado... Há advogados que raramente são vistos no Palácio de Justiça e nem por isso têm clientela menos significativa... São esses os que ganham mais dinheiro... São advogados que fazem consultoria para grandes companhias... Conhecem a fundo as leis referentes às sociedades e suas menores sutilezas...

- É o caso de Gaillard?

- Sim e não... Não esqueça que já não o vejo há tempos... Defende relativamente poucas causas... Quanto à sua clientela, eu teria dificuldade em defini-la... Não tem, como seu antigo chefe, grandes bancos e grandes indústrias...

Maigret escutava pacientemente, esforçando-se por adivinhar o que havia nas entrelinhas.

- Com as leis fiscais atuais, muita gente precisa da orientação de uma pessoa bem-informada... Alguns, em função da atividade que exercem, precisam assegurar-se de que estão dentro da legalidade...

- O dono de uma cadeia de cabarés, por exemplo? Ramuel fingia surpresa, confusão.

- Não percebi que tinha sido tão preciso... Observe que não sei de quem está falando...

Maigret se lembrava de sua conversa da véspera com Louis Boubée, o Mickey. Ambos haviam evocado os tempos do Tripoli e da Tétoune, onde eram encontrados não somente os grandes caciques do meio, mas seus advogados e um certo número de políticos.

- Boulay foi morto - disse bruscamente.

- Boulay?...

- O sr. Emile... O dono do Lotus, do Train Bleu e de dois outros cabarés...

- Não tive tempo de ler o jornal de manhã... Era um cliente de Gaillard?

Sua inocência era perturbadora.

- É evidentemente uma das categorias às quais eu me referia... Em certas profissões não é fácil evitar acidentes... Que aconteceu com esse Boulay?

- Foi estrangulado...

- Que horror!

- Ainda há pouco o senhor falava da sra. Gaillard...

- Parece que o seu estado piorou depois que perdi o contato... Isso começou no tempo em que ainda éramos próximos, com depressões nervosas que se tornavam cada vez mais frequentes... Acho que não se habituava à vida burguesa... Vejamos... Que idade tem ela atualmente?... Em torno de quarenta, se não me engano... Deve ter quatro ou cinco anos a menos que ele... Mas é uma ruína... Envelheceu muito depressa...

"Mesmo sem ser médico, comissário, vi um certo número de mulheres, sobretudo entre as mais deslumbrantes, reagirem muito mal a esse tipo de mudança...

"Ouvi dizer que está quase louca e às vezes passa semanas inteiras num quarto escuro...

"Tenho pena de Gaillard... É um sujeito inteligente, um dos mais inteligentes que conheço... Trabalhou com afinco para construir uma boa reputação... Esforçou-se para dar uma vida brilhante a Jeanine... Durante certo tempo, viveram no luxo... Isso não foi suficiente... E agora..."

Se a expressão mostrava compaixão, os olhos pequenos conservavam uma chama satisfeita, irônica...

- É o que desejava saber?... Observe que não lhe disse nada de confidencial... O senhor poderia ter interrogado qualquer pessoa nos corredores do Palácio de Justiça...

- Suponho que Jean-Charles Gaillard nunca teve problemas com o conselho da Ordem dos Advogados...

Dessa vez, Ramuel estendeu os braços, perturbado.

- Ora! Ora! Que ideia é essa? Levantou-se, olhou o relógio sobre a lareira.

- Peço-lhe que me desculpe, mas, como pôde ver, há clientes à minha espera... Defendo uma causa às duas horas... Suponho que ninguém está à par de sua visita e que o que dissemos ficará entre nós?...

E, dirigindo-se para a porta com andar saltitante, suspirou teatralmente:

- Pobre Jeanine!...

Capítulo VI

ANTES DE VOLTAR PARA CASA E ALMOÇAR, Maigret passou pelo Quai des Orfèvres e disse a Lapointe, quase distraidamente:

- Queria que você fosse investigar o mais cedo possível na rua la Bruyère e redondezas. Parece que um carro americano azul-claro estaciona habitualmente, dia e noite, em frente à casa do dr. Jean-Charles Gaillard...

Estendeu-lhe um pedaço de papel, no qual rabiscou o número da placa do carro.

- Gostaria de saber a que horas o carro estava lá na terça-feira à noite e também a que horas saiu ontem de manhã ou durante a noite...

Estava com o olhar vago de quem parece não estar pensando em nada, as costas encurvadas, o andar pesado e lento.

Nessas ocasiões, as pessoas, e seus colaboradores mais do que ninguém, imaginavam que estava se concentrando. Ora, nada mais falso do que isso. Por mais que o negasse, não acreditavam nele.

O que fazia, na verdade, era um pouco ridículo, até infantil. Pegava um pedaço de frase, de ideia, e o repetia para si mesmo, como um colegial que tenta decorar a lição. Chegava a mexer os lábios, a falar baixinho, sozinho no meio de seu escritório, na calçada, em qualquer lugar.

As palavras não tinham necessariamente sentido. Chegava a ser cômico.

- Já se viram advogados mortos pelo cliente, mas nunca ouvi falar de clientes mortos pelo advogado...

Isso não significava que acusasse Jean-Charles Gaillard de ter estrangulado o infeliz dono do Lotus e de outros cabarés. Sua

mulher o deixaria muito surpreso, se lhe perguntasse bruscamente, enquanto comia:

- Em que está pensando?

Provavelmente teria respondido, com a maior boa-fé, que não pensava em nada. Havia também imagens que passavam por sua cabeça como num caleidoscópio.

Emile Boulay, à noite, na calçada diante do Lotus... Era um hábito de quase todas as noites... O homenzinho olhava o céu, a multidão que desfilava, mudando de ritmo e de natureza à medida que a noite avançava, e calculava as receitas de seus quatro cabarés...

Quanto à segunda imagem, não era cotidiana. Boulay entrava na cabine, sob o olhar da moça do vestiário, e discava um número que não respondia...

Três vezes... Quatro vezes... Entre um telefonema e outro, dava uma volta, quer no estabelecimento, quer na rua... E só na quinta ou sexta tentativa finalmente alguém atendeu...

Mas ele não partiu imediatamente... Ao lado de Mickey, na calçada, de vez em quando tirava o relógio do bolso...

- Não voltou para casa para pegar a automática... - quase pronunciou em voz alta.

Emile possuía uma licença. Tinha o direito de andar armado. Na época em que Mazotti e seu bando causavam-lhe problemas, sempre andava.

Se naquela noite não estava armado, era porque não tinha nenhuma desconfiança.

Finalmente, sem nada dizer ao *pisteur*, que parecia um menino envelhecido, punha-se a descer sem pressa a rua Pigalle.

Era essa a última imagem. Pelo menos, a última imagem de Emile vivo.

- Tem planos para amanhã?

Ele ergueu a cabeça, olhou para a mulher como que surpreso por vê-la à sua frente, perto da janela aberta.

- Amanhã? - repetiu com voz tão neutra que ela caiu na gargalhada.

- Você está longe! Desculpe...

- O que há amanhã?

- É domingo... Acha que terá de trabalhar?

Hesitou em responder. Não sabia. Não pensara no domingo, tinha horror a interromper uma investigação, acreditava que uma das principais chances de êxito é a rapidez. Quanto mais passam os dias, mais difícil é obter uma informação exata das testemunhas... Ele próprio tinha necessidade de continuar em ação, de não se desgrudar do pequeno mundo em que estava mergulhado.

E eis que havia um domingo, isto é, uma interrupção. E a tarde também seria um pouco perdida, já que para a maioria das pessoas o sábado tornou-se uma espécie de domingo.

- Ainda não sei... Telefonarei para você no correr da tarde...

Estendendo os braços da maneira enfática que vira fazer o dr. Ramuel, acrescentou:

- Desculpe... Não é culpa minha...

Claro, a vida da Polícia Judiciária já mudara de ritmo. Havia escritórios vazios, comissários, inspetores que já tinham ido para o campo.

- Lapointe não voltou?

- Ainda não, chefe.

Acabava de surpreender, na sala dos inspetores, o grandalhão Torrence mostrando a seus companheiros um molinete de pesca. Não podia exigir que todo mundo estivesse, como ele, hipnotizado por Emile Boulay.

Não sabia o que fazer enquanto aguardava Lapointe, e não tinha ânimo, num sábado à tarde, para mergulhar novamente em seus relatórios administrativos.

Acabou entrando no escritório de Lecoin, seu colega da Brigada de Entorpecentes, que lia um jornal. Lecoin lembrava mais um gângster do que um policial.

- Estou incomodando?

- Não...

Maigret foi sentar-se no parapeito da janela, sem saber ao certo por que estava ali.

-Você conhecia o dono do Lotus?

- Como conheço todos...

A conversa arrastada, sem pé nem cabeça, durou quase uma hora sem levar a nada. Para Lecoin, o ex-marinheiro era um sujeito correto, que não pertencia ao meio e que alguns em Montmartre chamavam desdenhosamente de "quitandeiro".

Às quatro horas, o domingo praticamente já começara, e o comissário abriu mais uma vez a porta da sala dos inspetores.

- Lapointe?

- Não voltou, chefe...

Sabia que aquilo não adiantaria de nada, mas ainda assim, enquanto passeava, transpôs a porta que comunicava com o Palácio de Justiça. De manhã, prometera a si mesmo que iria ao cartório para obter a lista dos clientes que Jean-Charles Gaillard defendera.

O Palácio de Justiça estava praticamente vazio, com correntes de ar nos amplos corredores, e quando empurrou a porta do cartório, não encontrou ninguém. Era curioso. Qualquer um poderia entrar, folhear os registros verdes que cobriam as paredes até o teto. Qualquer um também poderia pegar uma toga no vestiário dos advogados, ou se sentar na cadeira de um presidente de corte.

- O Jardim Botânico é mais bem vigiado... - resmungou.

Finalmente, encontrou Lapointe em seu escritório...

- Não descobri nada, chefe... No entanto, interroguei quase todos os moradores da rua... Pelo menos os que não foram passar o fim de semana fora.

"O carro americano azul é bem conhecido... Alguns sabem a quem pertence... Outros o veem todas as manhãs, ao ir para o trabalho, sem demonstrar curiosidade... Quando lhes falei da noite de terça para quarta, a maioria ergueu os olhos para o céu...

"Para eles, isso já ficou longe... Uns já estavam dormindo às dez da noite... Outros voltaram do cinema às 23h30, sem prestar atenção nos carros, que a essa hora estão estacionados ao longo de toda a rua...

A resposta mais frequente foi:

— Ele está quase sempre aí...

Têm o hábito de vê-lo em seu lugar, entende, de maneira que, mesmo que não estivesse lá, imaginariam que estava...

Fui às oficinas do bairro. Somente numa se lembram do carro e de um sujeito de rosto avermelhado, grandalhão, que às vezes vai encher o tanque... Mas não é um freguês regular...

Restam duas oficinas onde não pude interrogar ninguém, pela simples razão de estarem fechadas até segunda de manhã...

Maigret estendeu novamente os braços como o dr. Ramuel. Que fazer?

- Você volta na segunda-feira... - suspirou.

O telefone tocou. Reconheceu a voz de Antonio. Por um momento esperou que ele tivesse novidades.

- É o senhor, sr. Maigret?... Estou com o funcionário da funerária... Ele propõe que o enterro seja feito na segunda-feira às dez da manhã... Não quero dar uma resposta sem sua autorização...

Que importava isso a Maigret?

- De acordo...

- O senhor receberá uma participação... A cerimônia será rezada na igreja de Notre-Dame-de-Lorette...

Desligou, com um olhar vazio, voltou-se para Lapointe, que aguardava instruções.

- Pode ir... Bom domingo!... Se Lucas estiver por aí, mande-o aqui...

Lucas estava.

- Novidades, chefe?

- Nada, absolutamente!... Gostaria que na segunda-feira de manhã, à primeira hora, você fosse ao cartório do tribunal e obtivesse a lista dos casos em que Jean-Charles Gaillard foi o advogado de defesa... Não é preciso ir muito longe. Os dois ou três últimos anos...

- O senhor voltará a Montmartre hoje à noite? Ele sacudiu os ombros. Para quê?

Repetiu para Lucas, como fizera com Lapointe:

- Bom domingo!

E tirou o fone do gancho.

- Ligue para a minha casa... Alô!... É você?...

Como se não soubesse que só podia ser ela e como se não reconhecesse sua voz!

- Lembra-se do horário dos trens para Morsang?... Hoje, sim. Antes do jantar, se possível... Às 17h52?... Gostaria de passar lá a noite e o dia de amanhã?... Bom!... Prepare a mala.... Não... Eu mesmo telefonarei...

Era às margens do Sena, a alguns quilômetros acima de Corbeil. Havia um albergue, o Vieux Garçon, onde há mais de vinte anos os Maigret, de vez em quando, passavam o domingo.

Maigret o descobrira durante uma investigação, isolado à beira d'água, frequentado sobretudo por pescadores.

O casal já tinha seus hábitos. Davam-lhe quase sempre o mesmo quarto, a mesma mesa no almoço e no jantar, sob as árvores do terraço.

- Alô! Ligue para o Vieux Garçon em Morsang... Por Corbeil... O Vieux Garçon, sim... É um albergue... Ele descobriu, consultando alguns livros antigos, que, no passado, o local era frequentado por

Balzac e Alexandre Dumas, e, mais tarde, almoços literários reuniam lá os irmãos Goncourt, Flaubert, Zola, Alphonse Daudet e alguns outros.

- Alô!... Aqui é Maigret... Como diz?... O tempo está bom, sim...

Isso ele sabia, tanto quanto a dona.

- Nosso quarto está ocupado?... Tem outro, mas que não dá para o Sena?... Não faz mal... Chegaremos para jantar...

Assim, afinal de contas, apesar de Emile Boulay, iam passar um domingo despreocupados. A clientela do Vieux Garçon mudara com o tempo. Quase todos os pescadores que os Maigret encontravam no passado haviam desaparecido. Ou estavam mortos, ou velhos demais para se deslocarem.

Outros haviam ocupado seu lugar, tão fanáticos como eles, alguns preparando suas iscas com vários dias de antecedência.

Ouviam-se os que se levantavam já às quatro da manhã para amarrar seu barco na corrente entre duas estacas.

Havia uma nova clientela, mais jovem, sobretudo casais que possuíam um pequeno barco a vela, e estes dançavam no terraço, ao som de uma vitrola, até uma hora da manhã.

Ainda assim Maigret dormiu, ouviu cantarem os galos, ouviu os passos dos que iam pescar e só se levantou às nove da manhã.

Por volta das dez, quando acabavam de tomar o café-da-manhã sob as árvores, vendo as velas navegarem, a sra. Maigret murmurou:

- Você não vai pescar?

Ele estava sem seus caniços e instrumentos de pesca, mas podia pedir alguns emprestados à dona.

Por que razão um advogado mataria seu cliente? Sabe-se de pessoas que matam seus médicos, convencidas de que foram mal-atendidas. O contrário é raríssimo. Só se lembrava do caso de Bougrat...

Emile Boulay não era do tipo agressivo... Não podia imaginar que seu advogado o traía, já que nunca fora condenado e sua ficha judicial era limpa...

- Escolha o caniço que quiser. As linhas estão no armário, e encontrará as iscas no lugar de sempre...

Seguiram pela ribanceira, um atrás do outro, escolheram um lugar sombreado, perto de uma árvore morta, e quis o acaso que, após uma meia hora, Maigret já tivesse pescado uns 15 *gardons* (1). Se dispusesse de mais equipamentos, certamente teria puxado o *chevesne* de mais de meio quilo que arrebitou a linha.

É verdade que a seguir não houve mais puxão algum. Sua mulher lia uma revista, interrompendo-se de vez em quando para olhá-lo com um sorriso divertido.

Almoçaram em seu canto, como sempre, com pessoas virando-se em sua direção e cochichando. Será que um chefe da Brigada Criminal não tem o direito de passar um domingo no campo, como todo mundo, e de pescar, se tiver vontade? Retornou à beira do rio, não pescou mais nada e, às seis da tarde, ele e a mulher encontravam-se no trem abarrotado de viajantes de volta a Paris. Comeram carnes frias, vendo cair a noite, as ruas ainda vazias, as casas em frente, onde algumas luzes começavam a ser acesas.

Boulay não passava os domingos no campo. Seus cabarés funcionavam de domingo a domingo, e ele não era homem para deixá-los sem vigilância. Quanto às três mulheres, não deviam ter vontade de sair da pequena Itália da rua Victor-Massé.

Às nove horas, na segunda-feira de manhã, Maigret passou pelo Quai des Orfèvres, para verificar se havia algo de novo, e às 9h45 um táxi o deixou na rua Pigalle. Na grade do Lotus, estava afixado um aviso fúnebre tarjado de preto. Na rua Victor-Massé, havia outro à porta do Train Bleu.

A calçada em frente ao que fora a casa de Boulay fervilhava de gente. De vez em quando, alguém, ou um pequeno grupo, afastava-se para entrar no prédio cuja porta estava coberta por um pano preto.

Ele fez como os outros, esperou a vez em frente ao elevador onde já se sentia o odor desagradável de flores e velas. Emile estava sendo velado no salão, e, em torno do caixão, silhuetas escuras mantinham-se de pé, a de Antonio, do sr. Raison, de um velho gerente de uma das casas, considerado da família, enquanto se ouvia uma mulher soluçando num aposento ao lado.

Apertou as mãos de algumas pessoas, tornou a descer, aguardou com os outros. Reconhecia rostos vislumbrados nos cabarés de Boulay. Todo o pessoal estava presente, e as mulheres, de saltos altíssimos, mostravam fisionomias cansadas, olhos que pareciam surpresos por ver o sol da manhã.

- Há muita gente, hein?

Era o nanico. Louis Boubée, o Mickey, vestido de preto, atraindo a atenção do comissário e parecendo orgulhoso do sucesso do enterro.

- Estão todos aí...

Queria dizer todos os donos de cabarés de Paris, inclusive os dos Champs-Élysées e Montparnasse, os músicos, os *barmen*, os gerentes...

- O senhor viu Jo?

Apontava para Jo, o Boxeador, que, devido às circunstâncias, também trajava luto e dirigiu um aceno ao comissário.

- Há de tudo, não é?

Roupas chamativas, chapéus muito claros, anéis grossos e sapatos de camurça ou de crocodilo... Todos tinham caprichado. Por mais que não pertencesse ao meio e merecesse o apelido de "quitandeiro", Boulay pertencia à vida noturna de Montmartre.

- Continua sem saber quem o matou?

Nesse momento, o advogado saía do prédio, onde Maigret não o vira entrar, mas o carro fúnebre, que acabava de estacionar junto à calçada, fez o comissário perdê-lo de vista quase imediatamente. Havia tantas flores e coroas que foi preciso ocupar dois carros inteiros com elas. As três mulheres entraram num automóvel. Atrás,

a pé, Antonio caminhava sozinho, seguido pelo pessoal e pelas dançarinas distribuídos em várias filas. Depois, era uma mistura de gente que formava um cortejo de mais de cem metros de extensão.

À sua passagem, os comerciantes saíam de seus estabelecimentos, as donas-de-casa paravam na beira da calçada e pessoas se debruçavam nas janelas. Finalmente, correndo ao longo do cortejo, fotógrafos tiravam retratos.

Os órgãos ressoaram no momento em que seis homens cruzaram a entrada da igreja carregando o caixão. A seguir, vinham as mulheres, cobertas com véus espessos. Por um instante, os olhares de Jean-Charles Gaillard e do comissário cruzaram-se, depois, foram separados pela multidão.

Maigret permaneceu no fundo da igreja, onde, a cada vez que a porta se abria, penetrava um raio de sol. E continuava a repassar as mesmas imagens em sua mente, como um jogo de cartas. Boulay tirando seu relógio do bolso... Boulay aguardando alguns minutos antes de descer a rua Pigalle...

Antonio preparara tudo muito bem. Era não somente uma absolvição, mas uma missa cantada.

A saída foi lenta. Quatro ou cinco carros aguardavam a família e os colaboradores mais próximos, porque já não havia lugar no cemitério de Montmartre e o corpo de Boulay ia para o de Ivry. Antonio conseguiu se desviar da multidão para se aproximar do comissário.

- Deseja um lugar?

Maigret fez sinal que não. Acompanhava com os olhos o advogado, que se afastava a pé, e teve de forçar passagem para alcançá-lo.

- Um belo enterro!... - disse um pouco como Mickey fizera na rua Victor-Massé. - Não vai ao cemitério?

- Tenho trabalho à minha espera... Além disso, não me convidaram...

- Toda Montmartre estava presente...

Uma parte da multidão continuava a sair, enquanto o carro fúnebre e os automóveis se afastavam.

- Deve ter reconhecido alguns clientes seus...
- Qualquer advogado estaria na mesma situação...

Mudando de assunto, como se este o desagradasse, Gaillard perguntou:

- Tem alguma pista?
- Digamos um início de pista...
- O que quer dizer?
- Falta-me o principal, isto é, o motivo...
- Tem o resto?
- Lamentavelmente, ainda não tenho provas!... O senhor foi para o campo ontem?

Seu interlocutor olhou-o surpreso.

- Por que pergunta isso?

Subiam, como muitos outros, a rua Notre-Dame-de-Lorette, que raramente estivera tão movimentada a essa hora, passavam em frente ao Saint-Trop, onde haviam retirado da fachada o quadro com as fotografias de mulheres nuas para substituí-lo pelo aviso fúnebre.

- Por nada... - respondeu Maigret. - Porque eu fui com minha mulher... Porque, aos domingos, a maioria dos parisienses vai para o campo ou para a beira-mar...

- Há muito tempo que minha mulher não sai...
- De maneira que passa o domingo sozinho na rua la Bruyère?
- Aproveito para estudar meus processos...

Jean-Charles Gaillard perguntava-se por que o comissário o acompanhava. Normalmente, Maigret teria descido para o centro. Mas continuava a caminhar passo a passo com o advogado e logo chegavam à rua la Bruyère, onde o carro azul estava em seu lugar, em frente à casa.

Houve um momento de constrangimento. Maigret não mostrava intenção de ir embora. O advogado estava com a chave na mão.

- Não o convido para entrar porque sei como está ocupado...
- Ia exatamente pedir-lhe licença para dar um telefonema...

A porta se abria.

- Venha até meu escritório...

A porta que comunicava com o escritório ao lado estava aberta, e uma secretária de aproximadamente trinta anos levantou-se. Sem dar atenção a Maigret, dirigiu-se ao chefe.

- Houve dois telefonemas, um de Cannes...
- Daqui a pouco, Lucette... Gaillard parecia preocupado.
- É para Paris que quer telefonar?... Aí está o telefone...
- Obrigado...

Através da janela, via-se um pátio calçado de paralelepípedos, em cujo centro erguia-se uma bela tília.

De pé, Maigret discou o número.

-Alô!... O inspetor Lapointe voltou?... Passe para ele, sim?... Obrigado!... Sim... Alô!... Lapointe?... Encontrou o que procurava?...

Permaneceu muito tempo escutando, enquanto o advogado, sem se sentar, trocava os processos de lugar.

- Sim... Sim... Compreendo... Tem certeza das datas?... Fez com que assinasse uma declaração?... Não, estou na rua la Bruyère... Lucas retornou?... Ainda não?...

Enquanto falava, observava o pátio, dois melros que saltitavam nos paralelepípedos, a sombra do advogado que passava repetidamente em frente à janela.

- Sim, me espere... Não demorarei e talvez haja novidades...

Ele também tinha o direito de fazer seu teatro! Quando desligou o telefone, mostrava embaraço, coçava a cabeça com ar perplexo.

Ambos continuavam de pé, e o advogado o observava com curiosidade. Propositadamente, Maigret deixava que o silêncio se

prolongasse. Quando falou, foi para dizer, com um leve tom de censura:

- O senhor não tem uma memória muito boa, dr. Gaillard...

- O que está querendo insinuar?

- Ou então, por razões que não consigo descobrir, não me disse a verdade...

- A respeito de quê?

- Não sabe?

- Juro...

Poucos instantes atrás, o homem era grande e forte, seguro de si. Agora, o rosto parecia o de um garoto apanhado em falta que insiste em se fazer de inocente.

- Realmente não entendo o que quer dizer...

- Permite que fume?

- À vontade.

Maigret encheu lentamente o cachimbo, descontente, como alguém que tem uma tarefa desagradável a cumprir.

O outro propôs:

- Não quer se sentar?

- Não vou demorar... Quando vim vê-lo na sexta-feira, falei de seu carro...

- É possível... Tivemos uma conversa fragmentada e eu estava bastante impressionado pelo que acabava de saber para conseguir memorizar os detalhes...

- O senhor me disse que habitualmente o carro fica estacionado em frente à sua casa e que o deixa ali a noite inteira...

- Exato... Também ficou ali na noite passada e na anterior... Pôde vê-lo ao entrar...

- Mas, recentemente, houve dias em que não estava ali...

Ele fez que buscava na memória.

- Espere...

De repente, ficou muito vermelho, e Maigret quase sentiu pena. Percebia-se que só conservava um ar seguro graças a um terrível esforço.

- Já não sei se foi na semana passada ou na anterior que o carro precisou de conserto... Posso perguntar à minha secretária... Foi ela quem telefonou para a oficina para que viessem buscá-lo e colocá-lo em ordem...

No entanto, não se dirigia à porta de comunicação.

- Chame-a!...

Ele finalmente abriu a porta.

- Quer vir aqui um momento?... O comissário quer fazer-lhe uma pergunta...

- Não se preocupe, senhorita... É uma pergunta bastante inocente... Gostaria de saber que dia chamou a oficina da rua Baliu para que viessem buscar o carro...

Ela olhou para o patrão como que para pedir permissão para responder.

- Segunda-feira à tarde — disse, finalmente.

- Trata-se realmente de segunda-feira passada?

- Sim...

Era bonita, simpática, e o vestido branco de nylon revelava um corpo de belas formas. Será que entre ela e Gaillard...? No momento, isso não interessava a Maigret.

- Tratava-se de um conserto caro?

- Posso mostrar a conta... Recebi-a hoje de manhã... Tiveram de trocar um amortecedor... Achavam que poderiam entregar o carro já na quarta-feira de manhã...

- E não entregaram?

- Telefonaram para se desculpar... É um carro americano... Ao contrário do que esperavam, não havia peça de reposição em Paris e tiveram de telefonar ao depósito do Havre...

Jean-Charles Gaillard fingia desinteresse pela conversa e, sentado diante de sua escrivaninha, folheava um dossiê.

- Quando o carro foi entregue?

- Quinta ou sexta... Dá licença?... Está anotado em minha agenda...

Foi ao seu escritório e retornou em seguida.

- Quinta-feira à noite... Mandaram vir um amortecedor e trabalharam o dia inteiro...

- A senhorita não retornou após o jantar? Novo olhar para o advogado.

- Não... Isso raramente acontece... Só quando há um trabalho urgente...

- Não foi o caso na semana passada?

Sem hesitação, ela sacudiu negativamente a cabeça.

- Há pelo menos 15 dias não trabalho à noite...

- Obrigado, senhorita...

Ela se retirou, fechou a porta, e Maigret permaneceu de pé, cachimbo na boca, no meio do escritório.

-Aí está!... - Acabou por resmungar.

-Aí está o quê?

- Nada... Um pequeno fato que pode ter muita importância, como também pode não ter nenhuma... O senhor conhece bastante nossa profissão para saber que não temos o direito de negligenciar nada...

- Não vejo o que meu carro...

- Se estivesse em meu lugar, veria... Agradeço-lhe por haver permitido que telefonasse... É hora de retornar ao meu escritório...

O advogado se levantou.

- Não tem mais nada a perguntar?

- O que eu perguntaria? Sexta-feira, fiz-lhe as perguntas que tinha a fazer. Suponho que tenha respondido com toda a

franqueza?...

- Não tenho razão alguma para...

- É claro. No que se refere a seu carro, no entanto...

- Confesso que tinha esquecido completamente... Nos últimos meses, é a terceira ou quarta vez que esse carro precisa de conserto, e é por isso que tenho a intenção de trocá-lo...

- Utilizou táxis durante esses três dias?...

- Exato... Costumo tomar táxis mesmo quando o carro está em frente à minha porta... Assim não há necessidade de procurar vaga...

- Entendo... Vai defender alguma causa hoje à tarde?

-Não... Já lhe disse que raramente faço isso... Sou mais um advogado de consultoria...

- Então ficará em casa o dia inteiro?

- A menos que tenha um encontro... Um instante...

Mais uma vez abriu a porta do escritório ao lado.

- Lucette!... Quer ver se vou ter de sair hoje à tarde?...

Maigret teve a impressão de que a moça chorara. Nem seus olhos nem seu nariz estavam vermelhos, mas o olhar parecia nublado, perturbado.

- Creio que não... Todos os seus compromissos são aqui...

No entanto, consultava uma agenda vermelha.

- Não...

- Já tem a resposta... - concluiu o advogado.

- Obrigado.

- Acha que precisará de mim?

- Não tenho em mente nada de concreto, mas nunca se sabe...

Até logo, senhorita...

Ela fez-lhe um sinal de cabeça, sem levantar os olhos em sua direção. Quanto a Jean-Charles Gaillard, conduzia o comissário pelo corredor. A porta de uma sala de espera estava entreaberta e, ao

passar, vislumbravam-se as pernas de alguém que aguardava, pernas de homem.

- Mais uma vez, obrigado pelo telefonema.
- De nada...
- E desculpe...

Quando Maigret voltou-se para trás, após percorrer uns cinquenta metros na calçada, Gaillard continuava de pé na soleira e o seguia com o olhar.

Capítulo VII

ACONTECERA VÁRIAS VEZES, até com frequência, mas nunca de maneira tão nítida, tão característica. Trabalhamos em determinada direção, tão mais obstinados quanto menos estamos seguros ou com menos elementos nas mãos.

Dizemo-nos que continuamos livres para, chegado o momento, dar meia-volta e procurar em nova direção.

Enviamos inspetores para todos os lados. Temos a impressão de marcar passo, depois descobrimos um pequeno elemento novo e começamos a avançar com prudência.

E eis que, de repente, quando menos esperamos, a investigação nos escapa das mãos. Já não temos controle sobre ela. São os acontecimentos que comandam e nos obrigam a tomar medidas que não previmos, para as quais não estamos preparados.

Nesses casos há que se passar uma ou várias horas desagradáveis. Nos questionamos. Nos perguntamos se, desde o início, não partimos da pista errada, e se não iremos desembocar no vazio ou, pior, numa realidade diferente da que havíamos imaginado.

Em definitivo, qual fora o único ponto de partida de Maigret? Uma simples convicção, sustentada, é verdade, pela experiência: as pessoas do meio, os "profissionais", como se diz atualmente, não estrangulam. Utilizam revólver, às vezes faca, mas, nos anais da Polícia Judiciária, não havia referência a um único crime por estrangulamento que pudesse ser atribuído a eles.

Uma segunda ideia aceita é que eles abandonam a vítima no local. Também nenhum caso nos arquivos em que um "profissional" tivesse mantido um cadáver consigo durante vários dias, antes de desová-lo numa calçada.

Assim, o comissário ficou hipnotizado pela última noite de Emile Boulay, pelas suas chamadas telefônicas, por sua espera, na beira da calçada, ao lado de um Mickey uniformizado, até o momento em que o ex-marinheiro afastou-se deliberadamente em direção à parte de baixo da rua Pigalle.

Toda construção de Maigret era sustentada por essa base e pela história do meio milhão retirado do banco em 22 de maio.

Supunha que não havia nenhum drama passional na pequena Itália da rua Victor-Massé, que as três mulheres se entendiam tão bem quanto aparentavam, que Boulay não tinha amante e, finalmente, que Antonio era um rapaz honesto. Bastava que uma única dessas hipóteses - dessas convicções, mais precisamente - estivesse errada para que toda a investigação caísse por terra.

Era por isso que continuava com o seu ar ranzinza e só avançava com muita relutância?

Fazia calor naquela tarde; o sol batia em cheio na janela, de maneira que o comissário baixou a persiana. Lucas e ele tiraram seus casacos e, a portas fechadas, dedicavam-se a um trabalho que, sem dúvida, teria feito o juiz de instrução dar de ombros.

É verdade que o juiz que estava encarregado do caso os deixava em paz, convencido de que se tratava de um acerto de contas sem importância, e a imprensa também não se manifestava.

"Um advogado não mata seus clientes..."

Isso se tornava um bordão, do qual Maigret não conseguia livrar-se, como ocorre com uma canção ouvida com muita frequência no rádio ou na televisão.

"Um advogado..."

No entanto, nessa manhã, após o enterro, ele fora à casa de Jean-Charles Gaillard, mas se mostrara tão prudente quanto possível. Como que por acaso, ao sair da igreja, acompanhara-o até a rua la Bruyère e, se fizera algumas perguntas, tivera o cuidado de não insistir.

"Um advogado não mata..."

Isso não era mais certo, nem mais razoável, do que a outra premissa da qual partira.

"Os 'profissionais' não estrangulam..."

Só que não se convoca um advogado famoso ao Quai des Orfèvres e não é possível submetê-lo a um interrogatório de várias horas, sem correr o risco de ter de enfrentar a Ordem dos Advogados e até mesmo toda a máquina judiciária.

Algumas profissões são mais sensíveis que outras. Ele percebera isso quando telefonara a seu amigo Chavanon e quando visitara o interessante dr. Ramuel.

"Um advogado não mata seus clientes..."

Ora, era dos clientes de Jean-Charles Gaillard que os dois homens ocupavam-se, na atmosfera ensolarada do escritório de Maigret. Lucas retornara do tribunal com uma lista que um escrivão o ajudara a compor.

E também Lucas começava a esboçar uma ideia, ainda vaga. Não conseguia exprimir a origem de seu pensamento.

- O escrivão me disse uma coisa curiosa...

- O quê?

- Primeiro, quando citei o nome de Jean-Charles Gaillard, teve um sorriso estranho... Depois, pedi a lista das causas das quais ele se encarregou nos dois últimos anos e seu olhar se tornou ainda mais malicioso...

- O senhor não encontrará muitas... - disse.

- Por quê? Ele tem pouca clientela?

- Ao contrário! Ouvi dizer que tem uma enorme clientela e ganha mais dinheiro do que alguns doutores que defendem causas semanalmente nos tribunais..."

Lucas prosseguia, intrigado.

- Tentei fazê-lo falar, mas, durante algum tempo, folheou seus dossiês em silêncio. De vez em quando, anotando um nome e uma

data numa folha, grunhia:

- Uma absolvição...

Pouco depois:

- Outra absolvição...

E continuava com um ar malicioso que me irritava.

- Veja! Uma condenação... Com *sursis* (2), evidentemente...

Isso durou um bom tempo. A lista aumentava. Uma absolvição atrás da outra, condenações com *sursis* ou a penas leves...

Acabei por insinuar:

- Ele deve ser muito bom...

Então, ele me olhou como se caçoasse discretamente de mim e deixou escapar:

- Sobretudo, sabe escolher suas causas..."

Era essa a frase que intrigava Lucas, e em torno da qual o cérebro de Maigret começara a trabalhar.

Evidentemente, era mais agradável, não só para o acusado, mas também para seu defensor, ganhar um processo do que perdê-lo. Sua reputação cresce cada vez mais e sua clientela aumenta a cada novo êxito.

"Escolher suas causas..."

No momento, os dois homens esquadriavam a lista trazida por Lucas. Fizeram uma primeira triagem. O inspetor anotou numa folha as causas defendidas no nível. Como esse terreno não era familiar nem a um nem a outro, era preferível não se ocupar dele no momento.

No final, os outros casos eram pouco numerosos, uns trinta em dois anos. O que permitia a Jean- Charles afirmar:

- Não defendo causas com frequência.

Lucas tomava os nomes um a um.

- Hippolyte Tessier... Falsificação material... Absolvido em 1º de setembro...

Ambos faziam esforço de memória. Se não lembrassem de nada, Maigret ia abrir a porta da sala dos inspetores:

- Tessier... Falsificação material... Isso lhe diz alguma coisa?

- Não se trata de um ex-gerente de cassino, de algum lugar da Bretanha, que tentou montar uma casa de jogos clandestina em Paris?

Passavam ao seguinte.

- Julien Vendre... Arrombamento... Absolvido... Deste, Maigret lembrava-se. Era um homem discreto, que parecia um empregadinho triste, que se especializara em roubos de transistores. Não fora preso em flagrante e não havia nenhuma prova formal contra ele. O comissário pedira ao juiz que não o processasse, esperando que ele se comprometesse mais...

- Registre-o na terceira folha...

Enquanto isso, Torrence instalara-se na penumbra de um bistrô; em frente à casa do advogado, um carro da polícia, sem distintivo, aguardava junto à calçada, perto do carro azul americano.

Se Torrence tivesse de passar a tarde inteira diante de uma mesa, vigiando a porta em frente, quantos chopes tomaria?

- Urbain Potper... Receptação... Um ano de prisão com *sursis*...

Foi Lucas que se encarregou desse caso, alguns meses antes, e o homem compareceu várias vezes ao Quai des Orfèvres, gordo e tão desleixado como o sr. Raison, o contador, com tufos de pelos pretos saindo das narinas.

Tinha um brechó no Boulevard de la Chapelle. Lá encontrava-se de tudo, velhas lâmpadas de querosene, como também geladeiras e roupas usadas puídas.

- Sou um comerciante honesto... Modesto, mas honesto... Quando esse indivíduo veio me vender canos de chumbo, eu não sabia que eram roubados... Tomei-o por um...

A cada nome, Maigret hesitava... Dez vezes a porta da sala dos inspetores foi aberta.

- Registre...
- Gaston Mauran... Roubo de carros...
- Um ruivinho?
- Isso não está registrado no dossiê...
- Na primavera passada?
- Sim... Em abril... Trata-se de uma quadrilha que falsificava os carros e os enviava para o interior, para os revendedores...
- Chame Dupeu...

O inspetor Dupeu encarregara-se desse caso e, por acaso, encontrava-se na sala do lado.

- Trata-se de um ruivinho que nos contou a história de sua velha mãe doente?

- Sim, chefe... De fato, havia uma velha mãe doente... Ele tinha apenas 19 anos... Era o menos importante da quadrilha... Limitava-se a vigiar, enquanto Justin, o Louco roubava os carros...

Dois casos de proxenetismo; mais arrombamentos. Nada de espetacular. Nada que tivesse ocupado a primeira página dos jornais.

Em compensação, todos os clientes do advogado eram mais ou menos profissionais.

- Continue... - suspirava Maigret.
- Terminou... O senhor disse que eu não pesquisasse mais do que dois anos...

Aquilo não era o suficiente para as atividades de um advogado que morava numa mansão, ainda que esta não passasse, na realidade, de uma casa bastante comum.

Obviamente, era preciso incluir os casos que não tinham chegado até o tribunal e que eram, sem dúvida, em maior número.

Havia ainda uma outra clientela, aquela para a qual Jean-Charles Gaillard, como fazia no caso de Boulay, preparava as declarações de renda.

Maigret sentia-se mal. Estava com calor. Tinha sede. Parecia-lhe que atolava e sentia-se tentado a recomeçar tudo da estaca zero.

- Telefone para o fiscal de impostos diretos do 9º distrito...

Parecia um esforço inútil, mas, no ponto em que estava, não podia ser negligente com nada.

- Como?... Sr. Jubelin?... Pois bem! Passe-me o sr. Jubelin... O comissário Maigret... Da Polícia Judiciária, sim... Alô!... Não! O comissário deseja falar pessoalmente com o sr. Jubelin...

O fiscal devia ser um homem ocupado, talvez estivesse imbuído de suas altas funções, porque foram necessários cerca de cinco minutos para que atendesse o telefone.

-Alô!... Passo-lhe o comissário... Maigret pegou o aparelho, suspirando.

- Lamento incomodá-lo, sr. Jubelin... Desejo apenas uma informação... Como diz?... Sim, trata-se indiretamente de Emile Boulay... O senhor leu nos jornais... Compreendo... Não, não são as declarações dele que me interessam... Posso vir a precisar delas mais tarde, mas, neste caso, prometo que o farei pelas vias burocráticas... Sim! Compreendo seus escrúpulos...

"Minha pergunta é um pouco diferente... Boulay teve dificuldades com o senhor?... É o que quero dizer... O senhor chegou, por exemplo, a ameaçá-lo com ações judiciais... Não!... É o que eu pensava... Contabilidade perfeitamente em ordem... É isso... É isso..."

Escutava, sacudindo a cabeça e rabiscando no mata-borrão. A voz do sr. Jubelin era tão estridente que Lucas ouvia quase tudo o que ele dizia.

- Em resumo, tinha um bom orientador... Um advogado, sei... Jean-Charles Gaillard... É exatamente a ele que quero chegar... Suponho que se ocupava de vários de seus contribuintes?... Como disse?... De um número excessivo?...

Maigret piscou para Lucas e armou-se de paciência, porque, de repente, o fiscal tornou-se falante.

- Sim... Sim... Muito hábil, evidentemente... Como?... Declarações irrepreensíveis... O senhor tentou?... Sem resultado... Entendo... Permita-me fazer ainda uma pergunta... A que classe social pertencem os clientes de Gaillard?... Um pouco de tudo, compreendo... Sim... Muitos do bairro... Proprietários de hotéis, de restaurantes e cabarés... Evidentemente, é difícil...

Isso durou cerca de dez minutos, mas o comissário já não prestava muita atenção, porque seu interlocutor, tão reticente no início, relatava com riqueza de detalhes sua luta contra os sonegadores do imposto de renda.

- Ufa!... - suspirou ao desligar. - Você ouviu?

- Não tudo...

- Como eu já esperava, as declarações de Emile Boulay eram irrepreensíveis... Jubelin repetiu essa palavra, não sei quantas vezes, com nostalgia... Há anos tenta agarrá-lo em falta. Ainda no ano passado esquadrinhou toda a contabilidade dele sem encontrar a menor falha...

- E os outros?

- Justamente! É o que ocorre com todos os clientes de Jean-Charles Gaillard.

Maigret olhava distraidamente a lista levantada pelo inspetor. Lembrava-se das palavras do escrivão:

"- Ele sabe escolher suas causas."

Ora, também no terreno fiscal, o advogado sabia escolher seus clientes: hoteleiros de Montmartre ou de outros lugares que alugam quartos, não somente por noite, mas também por hora, donos de bares, como Jo, o Boxeador, proprietários de cabarés ou de cavalos de corridas...

Como dizia Jubelin pouco antes ao telefone:

- Com esse tipo de gente é difícil fazer a comprovação de renda e das despesas gerais...

De pé, em frente à sua mesa, Maigret percorria mais uma vez a lista com os olhos. Era preciso escolher, e de sua escolha

dependeria talvez o resto da investigação.

- Chame Dupeu...

O inspetor retornou ao escritório.

- Sabe o que é feito de Gaston Mauran, de quem nos falou ainda agora?

- Vi-o, há um mês ou dois, trabalhando na bomba de gasolina de uma oficina da avenida d'Italie... Por puro acaso... Levava minha mulher e os garotos para o campo, perguntando-me onde abasteceria o carro...

- Vá telefonar ao dono da oficina para saber se Mauran ainda trabalha lá... Não diga nada a ele... Não quero que se amedronte e nos escape...

Se as coisas não dessem certo com este, escolheria outro, depois mais outro, e assim sucessivamente, até descobrir o que procurava. Ora, o que procurava não era muito preciso. Em todos os casos do advogado, havia uma determinada característica, como um ponto em comum, que teria dificuldade em definir.

- Um advogado não mata seus clientes...

- Ainda precisa de mim, chefe?

- Sim, fique...

Falava como que para si mesmo, satisfeito por ter um ouvinte.

- No fundo, todos tinham boas razões para serem gratos a ele... Ou compareciam ao tribunal e eram absolvidos... Ou o fisco era obrigado a curvar-se ante suas declarações... Não sei se percebe o que quero dizer... De hábito, um advogado fatalmente gera descontentes... Se perde uma causa, se seu cliente é punido...

- Entendo, chefe...

- Ora, não é fácil escolher... Dupeu retornou.

- Continua a trabalhar na mesma oficina... Está, lá agora...

- Pegue um carro no pátio e traga Gaston Mauran aqui o mais rápido possível... Não o assuste... Diga que se trata de uma simples averiguação... Mas ele também não precisa ficar tranquilo demais...

Eram 16h30 e o calor não diminuía, pelo contrário. O ar estagnava. A camisa de Maigret começava a grudar em seu corpo.

- E se fôssemos tomar um chope?

Um breve intervalo na Brasserie Dauphine, enquanto aguardavam Gaston Mauran.

No momento em que os dois homens saíam do escritório, o telefone tocou. O comissário hesitou em retornar, mas, por desencargo de consciência, acabou atendendo.

- É o senhor, chefe? Aqui é Torrence...

- Reconheci sua voz. E então?

- Estou telefonando da avenida de la Grande-Armée.

- O que faz aí?

- Gaillard saiu de casa há uns vinte minutos e pegou o carro. Por sorte, um engarrafamento na esquina da rua Blanche me deu tempo de correr até o meu e alcançá-lo.

- Ele não percebeu que estava sendo seguido?

- Não, sem sombra de dúvida... Vai compreender por que tenho tanta certeza...

Ele tomou imediatamente a direção da Étoile, pelo caminho mais curto... O tráfego não permitia correr e, na avenida de la Grande-Armée, teve de reduzir ainda mais a velocidade... Passamos em frente a várias oficinas, uma atrás da outra... Ele parecia hesitar... Afinal, entrou com o carro na Oficina Moderna, perto da Porta Maillot...

"Quanto a mim, fiquei esperando de fora... Só entrei quando o vi sair a pé e se dirigir para o Bois..."

Era exatamente o pequeno fato imprevisto que ia privar Maigret de sua liberdade de agir, ou, mais precisamente, forçá-lo a agir num determinado momento, de uma determinada maneira que ele não previra.

Sua fisionomia, enquanto ouvia Torrence falar, tornava-se cada vez mais grave, e ele já não parecia pensar no chope que se

prometera.

- É um local grande, com um sistema automático para lavagem de carros... Tive de mostrar meu distintivo ao encarregado... Jean-Charles Gaillard não é freguês habitual... Não se lembram de tê-lo visto antes... Perguntou se podiam lavar seu carro em uma hora no máximo... Deverá retornar por volta de 17h30...

- Começaram o trabalho?

- Iam começar, mas pedi que aguardassem...

Era preciso tomar imediatamente uma decisão.

- Que devo fazer?

- Fique aí e impeça que toquem no carro... Vou enviar alguém que trará o carro para cá... Não tenha medo... Ele deve estar com os documentos em ordem...

- E quando Gaillard retornar?

- Haverá um inspetor com você... Ainda não sei quem... Prefiro que vocês sejam dois... Você será muito cortês, apesar disso, fará com que ele o acompanhe até aqui...

Pensou no ladrão de automóveis que estava aguardando.

- Não o leve imediatamente a meu escritório... Faça-o esperar pacientemente... Ele vai assumir uma atitude arrogante... Não se deixe impressionar... Sobretudo, impeça-o de telefonar... Torrence suspirou sem entusiasmo:

- Bem, chefe... Mas seja rápido... Com o calor que está fazendo, não é de se esperar que ele passeie durante muito tempo pelas alamedas do Bois...

Maigret hesitou, pensando se corria ao juiz de instrução para salvaguardar sua responsabilidade. Mas estava quase certo de que o magistrado o impediria de agir segundo seu instinto.

Na sala ao lado, fitou os inspetores um a um.

- Vacher...

- Sim, chefe...

- Já dirigiu algum carro americano?

- Já tive oportunidade...

- Você vai depressa para a Oficina Moderna, na avenida de la Grande-Armée. É bem embaixo, perto da Porta Maillot... Lá você encontrará Torrence, que lhe mostrará um carro azul... Traga-o aqui para o pátio, tocando nele o mínimo possível...

- Entendido...

- Você, Janin, vai acompanhá-lo, mas ficará na garagem com Torrence... Ele tem as instruções... Consultou o relógio. Fazia apenas 15 minutos que Dupeu dirigira-se para a avenida de Italie. Voltou-se para Lucas.

- Venha...

Contanto que fossem rápidos, tinham pleno direito à cerveja.

Capítulo VIII

ANTES DE DEIXAR ENTRAR O MECÂNICO, Maigret perguntara a Dupeu:

- Como foi tudo?

- De início, ele pareceu surpreso e me perguntou se trabalhava com o senhor. Tenho a impressão de que estava mais intrigado do que nervoso. Repetiu duas vezes:

- Tem certeza de que é o comissário Maigret que quer me ver?

"Depois foi lavar as mãos com gasolina e tirou o macacão. No caminho, só me fez uma pergunta:

- É possível reabrir um caso que já foi julgado?"

- O que você respondeu?

- Que não sabia, que supunha que não. Durante todo o caminho, ele permaneceu perplexo.

- Faça-o entrar e deixe-nos a sós...

Ao entrar no escritório, Mauran teria ficado muito espantado se soubesse que o famoso comissário estava mais inseguro do que ele. Maigret o via penetrar na sala, um jovem desengonçado, cabelos ruivos encaracolados, olhos de um azul translúcido, sardas no nariz.

- Das outras vezes — começou ele, como se fizesse questão de atacar -, o senhor se limitou a mandar seus inspetores me interrogarem...

Havia nele, ao mesmo tempo, astúcia e ingenuidade.

- Quero dizer, desde já, que não fiz nada...

Não sentia medo. Certamente, o fato de estar ali, a sós com o chefe, o impressionava, mas não sentia medo.

- Você está bastante seguro...

- Por que não estaria?... O tribunal reconheceu minha inocência, não é?... Enfim, minha quase inocência... E eu colaborei, o senhor sabe melhor do que ninguém...

- Está querendo dizer que dedurou seus cúmplices?

- Eles abusaram de minha ingenuidade, o advogado provou isso... Ele explicou que tive uma infância difícil, que minha mãe depende de mim, que está doente...

Enquanto ele falava, Maigret tinha uma impressão curiosa. O mecânico falava com certa ênfase, forçando seu sotaque de malandro parisiense; ao mesmo tempo havia um brilho de satisfação em seus olhos, como se estivesse contente com o papel que representava.

- Suponho que não foi por esse caso que foram me buscar? Desde então, estou retraído e desafio quem quer que seja a provar o contrário... Então?...

Sentou-se sem que o convidassem e até tirou um maço de Gauloises do bolso.

- Posso?

E Maigret, sempre a observá-lo, fez que sim com a cabeça.

- E se, por um motivo qualquer, a investigação fosse reaberta?

Mauran estremeceu, subitamente inseguro.

- Não é possível...

- Suponhamos que eu tenha alguns pontos a esclarecer...

O telefone tocou no escritório de Maigret e a voz de Torrence anunciou:

- Ele está aqui...

- Protestou?

- Não muito. Diz que está com pressa e quer vê-lo imediatamente...

- Diga-lhe que o atenderei assim que terminar. Gaston Mauran escutava, as sobrancelhas franzidas, como se perguntasse a si mesmo que peça lhe pregavam.

- É um blefe, hein? - exclamou depois que o comissário desligou.

- O que é um blefe?

- Trazer-me aqui... Tentar me amedrontar... O senhor sabe que tudo isso foi combinado...

- O que foi combinado?

- Estou sendo claro, ora essa!... Não me incomodam mais...

Nesse momento, desajeitadamente, deu uma piscada de olhos que perturbou Maigret mais do que todo o resto.

- Escute, Mauran, foi o inspetor Dupeu que se ocupou de você...

- Sim, o que acabou de me trazer aqui... Já não me lembrava do nome... Ele foi decente...

- O que você chama de decente?

- Foi decente, ora essa!...

- Mas que mais?

- Não entende?

- Está querendo dizer que não lhe preparou armadilhas e que o interrogou gentilmente?

- Suponho que me interrogou como tinha de me interrogar...

Havia por trás das palavras, na atitude do rapaz, algo de estranho que o comissário esforçava-se por definir.

- Era preciso, não?

- Por que você era inocente?

Parecia que Mauran tornava-se, por sua vez, pouco à vontade, que já não entendia, que as palavras de Maigret o desnorteavam tanto como as dele desnorteavam o comissário.

- Ora, não me diga... - ainda deixou escapar, hesitante, depois de uma tragada.

- O quê?

- Nada...

- O que quis dizer?

- Já não sei... Por que me trouxeram aqui?
- O que quis dizer?
- Parece-me que há algo errado...
- Não compreendo...
- Tem certeza? Nesse caso, é melhor que me cale...
- É um pouco tarde... O que quis dizer?... Maigret não se mostrava ameaçador, mas firme.

De pé, à contraluz, formava uma massa imponente que Gaston Mauran começava a olhar com uma espécie de pânico.

- Quero ir embora... - balbuciou, levantando-se de repente.
- Não antes de falar.
- Então é uma armadilha?... Quem falhou?... Há alguém nessa história que não obedeceu às regras do jogo?...
- Que jogo?
- Diga-me primeiro o que sabe...
- Aqui sou eu quem interrogo...
- Que jogo?...
- O senhor vai me repetir isso até amanhã, se for preciso, não é verdade?... Já tinham me dito, mas não acreditei...
- Que mais lhe disseram?
- Que seriam delicados comigo...
- Quem lhe disse isso?

O rapaz desviava o rosto, decidido a se calar, sentindo, no entanto, que terminaria cedendo.

- Isso não fazia parte do jogo... - acabou por murmurar entre os dentes.

- O quê?

Então, subitamente, Mauran se zangou e, encrespando-se, encarou o comissário:

- O senhor não sabe, não é?... E os cem mil francos então?...

Ficou tão impressionado com a expressão de Maigret que deixou os braços caírem. Viu a massa imponente avançar em sua direção, duas mãos fortes que se estenderam, o tomaram pelos ombros e começaram a sacudi-lo.

Maigret nunca ficou tão pálido em sua vida. Seu rosto e sua expressão assemelhavam-se a um bloco de pedra.

Sua voz neutra, impressionante, ordenou:

- Repita!...
- Os... Os... O senhor está me machucando...
- Repita!...
- Os cem mil francos...
- Que cem mil francos?
- Solte-me... Direi tudo...

Maigret o soltou, mas continuava pálido e, em determinado momento, levou a mão ao peito, onde o coração batia forte.

- Imagino que caí como um patinho...
- Gaillard?

Mauran fez que sim com a cabeça.

- Ele lhe prometeu que seriam gentis com você?
- Sim... Não disse gentis... Disse compreensivos...
- E que você seria absolvido?
- Que na pior hipótese conseguiria *sursis*...
- Fez você pagar cem mil francos para defendê-lo?
- Não para me defender... Isso era à parte...
- Para entregá-los a alguém?

O jovem mecânico estava tão impressionado que as lágrimas lhe subiam aos olhos.

- Ao senhor...

Maigret permaneceu imóvel durante dois bons minutos, os punhos cerrados, e afinal, lentamente, um pouco de cor voltou ao

seu rosto.

De repente, deu as costas ao seu visitante e, embora a persiana estivesse abaixada, permaneceu ainda um certo tempo postado em frente à janela. Quando voltou-se, praticamente recuperara a expressão normal, mas se juraria que envelhecera, que de repente ficara muito cansado.

Foi se sentar à sua mesa, indicou uma cadeira, pôs-se a encher maquinalmente um cachimbo.

- Fume...

Dizia isso como uma ordem, como para exorcizar sabe Deus que demônios.

Suavemente, a voz velada, surda, ele prosseguia:

- Suponho que me disse a verdade...

- Juro por minha mãe...

- Quem o mandou a Jean-Charles Gaillard?

- Um velho que mora no Boulevard de la Chapelle...

- Não tenha medo... Seu processo não será reaberto... Trata-se de um tal de Potier, que é dono de um brechó...

- Sim...

- Você roubava e passava a ele os objetos roubados...

- Isso não acontecia com frequência...

- O que ele lhe disse?

- Que fosse procurar esse advogado...

- Por que esse e não um outro?

- Porque esse estava mancomunado com a polícia... Compreendo agora que isso não é verdade... Ele me roubou cem mil francos...

Maigret refletia.

- Ouça. Dentro de instantes vão trazer alguém para cá. Você não lhe dirigirá nenhuma palavra. Apenas o olhará e em seguida acompanhará o inspetor à sala ao lado...

- Sabe, peço desculpas ao senhor... Fizeram-me acreditar que as coisas transcorriam sempre assim...

Maigret conseguiu sorrir.

- Alô!... Torrence?... Quer trazê-lo?... Tenho alguém em meu escritório que você manterá aí, para o caso de eu precisar dele... Sim, imediatamente... Fumava, aparentemente tranquilo, mas tinha um nó na garganta. Fixava a porta que ia se abrir, que se abria; via o advogado, elegante num terno cinza-claro, que dava rapidamente três ou quatro passos, um ar descontente, abria a boca para falar, para protestar e, de repente, descobria Gaston Mauran.

Torrence não conseguia entender nada dessa cena muda. Jean-Charles Gaillard estacou. Seu rosto mudou de expressão. O rapaz, pouco à vontade, levantou-se de sua cadeira e, sem olhar para o recém-chegado, dirigiu-se para a porta.

Ficaram apenas dois homens frente a frente. Maigret, as duas mãos espalmadas sobre a mesa, fazia um esforço para não se levantar, para não caminhar pesadamente em direção a seu visitante e para, embora este fosse mais alto e mais encorpado do que ele, não esbofeteá-lo.

Em vez disso, pronunciou com uma voz estranhamente baixa:

- Sente-se...

Devia estar ainda mais assustador do que quando pegou o jovem mecânico pelos ombros, pois o advogado obedeceu automaticamente, esquecendo de protestar contra a apreensão de seu carro e contra o fato de dois inspetores, sem mandado, o terem trazido ao Quai des Orfèvres, onde o fizeram esperar como um suspeito qualquer.

- Suponho - começou Maigret, com certo enfado, como se, para ele, esse caso tivesse terminado - que o senhor compreendeu a situação...

E como o advogado tentasse replicar:

- Deixe-me falar... Serei o mais breve possível, porque não gosto de permanecer frente a frente com o senhor...

- Não sei o que este rapaz...

- Mandei que se calasse... Não fiz o senhor vir aqui para interrogá-lo... Não pedirei nenhuma explicação... Se tivesse seguido meu primeiro impulso, o teria enviado ao xadrez, sem vê-lo, e o senhor aguardaria lá os resultados da perícia...

Colocava diante dele a lista número 3, a dos seus clientes que haviam passado pelo tribunal e que haviam sido absolvidos ou condenados a penas leves.

Lia os nomes num tom monótono, como se recitasse uma ladainha. Depois, erguendo a cabeça, acrescentou:

- É desnecessário dizer que essas pessoas serão interrogadas... Algumas se calarão... Ou melhor, começarão por se calar... Quando souberem que as somas desembolsadas, com um objetivo preciso, jamais chegaram ao seu destino...

A fisionomia de Gaillard também mudara. No entanto, ele esforçava-se por fazer frente à situação, começava uma frase:

- Ignoro o que esse jovem vagabundo...

Então Maigret deu um murro na mesa que fez estremecer todos os objetos.

- Cale-se! - berrou. - Proíbo-o de abrir a boca até que eu tenha pedido...

O murro foi ouvido na sala dos inspetores, onde todo mundo se entreolhava.

- Não tenho necessidade de lhe explicar como o senhor procedia... E compreendo por que escolhia cuidadosamente seus clientes... Sabendo que seriam absolvidos ou receberiam penas leves, não era difícil fazê-los acreditar que, graças a um pagamento...

Não! Já não podia falar disso.

- Tudo me faz crer que meu nome não foi o único utilizado... O senhor se ocupava de declarações de renda... Ainda agora, entrei em contato com o sr. Jubelin e terei uma longa conversa com ele...

Sua mão ainda tremia um pouco enquanto acendia o cachimbo.

- A investigação será longa, delicada. O que posso afirmar é que será conduzida com minúcia exemplar...

Gaillard desistiu de desafiá-lo com o olhar e baixou a cabeça, as mãos sobre os joelhos, na esquerda, o vazio dos quatro dedos que faltavam.

O olhar do comissário pousou nessa mão e ele teve uma hesitação.

- Quando o caso for para o tribunal, invocarão seu comportamento durante a guerra, certamente também seu casamento com uma mulher habituada a uma vida luxuosa, à doença que praticamente a suprimiu do mundo...

Recostou-se na sua cadeira, fechou os olhos.

- Encontrarão circunstâncias atenuantes... Por que tinha tais necessidades de dinheiro, se sua mulher já não saía e o senhor levava uma vida solitária, consagrada ao trabalho?... Não tenho ideia e não lhe pergunto...

"As perguntas, outros farão, talvez o senhor compreenda por quê... É a primeira vez, dr. Gaillard, que..."

Sua voz engasgou mais uma vez e, sem pudor, ele levantou-se, dirigiu-se até o armário, onde apanhou a garrafa de conhaque e um copo. Essa garrafa não estava ali para ele, mas para alguns que precisavam, durante um interrogatório longo e dramático.

Esvaziou o copo de um só gole, retornou ao lugar, reacendeu o cachimbo.

Estava um pouco mais calmo e falava agora num tom desenvolto, como se o caso já não lhe dissesse respeito pessoalmente.

- Neste exato momento, peritos passam seu carro pelo pente-fino... Não informo nada de novo, dizendo que, se ele foi usado para transportar um cadáver, há chances de que este tenha deixado traços... Tanto o senhor pensou nisso que, após minha visita dessa manhã, sentiu necessidade de mandar lavá-lo...

"Silêncio! Pela última vez, ordeno que se cale, do contrário será conduzido imediatamente a uma cela..."

"Comunico-lhe também que uma equipe de técnicos está a caminho da rua la Bruyère..."

Gaillard teve um sobressalto, balbuciou:

- Minha mulher...

- Eles não vão lá para se ocupar de sua mulher... Hoje de manhã, pela janela, avistei uma espécie de hangar no pátio... Ele será examinado centímetro por centímetro... O porão também... E o resto da casa, até o sótão, se for preciso... Hoje ainda, interrogarei suas duas empregadas... Silêncio!

"O advogado que o senhor escolher não terá dificuldade em estabelecer a ausência de premeditação... O fato de que seu carro, por acaso, estivesse enguiçado e que o senhor não tivesse nenhum outro meio de transporte para se livrar do corpo prova isso... O senhor teve de esperar que trouxessem de volta o carro e não foi agradável passar dois dias e três noites com um corpo na casa..."

Estava falando para si mesmo, sem olhar para o interlocutor. Todos os pequenos fatos colhidos durante os últimos dias retornavam-lhe à memória e se ordenavam. Todas as perguntas que fizera a si mesmo encontravam resposta...

- Mazotti foi assassinado em 17 de maio, e interrogamos todos aqueles que, nos últimos tempos, foram vítimas de seus golpes... Pelo menos um dos clientes do senhor, Emile Boulay, recebeu uma primeira convocação...

"Imediatamente, entrou em contato com o senhor, que se ocupava de seus assuntos fiscais e que interviera em dois outros casos pouco importantes?"

"Ele veio aqui em 18 de maio, e fizeram-lhe as perguntas de rotina..."

"Depois, foi convocado uma segunda vez para o dia 22 ou 23, ignoro por quê, provavelmente porque o inspetor Lucas tinha detalhes a perguntar..."

"Ora, foi no dia 22, à tarde, que Boulay foi retirar quinhentos mil francos do banco... Precisava de dinheiro vivo imediatamente... Não podia esperar até a noite para retirá-lo da caixa de seus cabarés...

"E não há sinal dessa quantia em lugar nenhum..." "Não estou perguntando se foi o senhor que a recebeu... Eu sei..."

Pronunciou as últimas palavras com um desprezo que jamais exprimira diante de um homem.

- Em 8 ou 9 de junho, Boulay recebeu uma terceira convocação para quarta-feira, 12... Estava amedrontado, pois tinha fobia de escândalo... Apesar de sua profissão, talvez justamente por causa dela, fazia questão de sua respeitabilidade acima de tudo...

"Na noite de 11 de junho, véspera de seu comparecimento, está inquieto, furioso também, porque pagou quinhentos mil francos por sua tranquilidade..."

"A partir das dez da noite, começa a telefonar para sua casa, onde ninguém atende. Torna a ligar um determinado número de vezes, e quando o tem finalmente na linha, o senhor concorda em recebê-lo 15 minutos ou meia hora mais tarde..."

"O que ele lhe disse na intimidade de seu escritório é fácil de imaginar. Ele pagou para não ser envolvido no caso Mazotti, para que seu nome não fosse citado nos jornais..."

"Ao invés de deixá-lo em paz, como ele podia esperar, a polícia pretendia interrogá-lo novamente e, nos corredores da Polícia Judiciária, ele corria o risco de encontrar jornalistas e fotógrafos."

"Sentia-se ludibriado. Estava tão indignado quanto Gaston Mauran ainda há pouco... Comunicou-lhe que falaria francamente e lembraria à polícia o contrato feito com ela..."

"Isso é tudo..."

"Se saísse vivo de sua casa, se viesse aqui na manhã do dia seguinte e manifestasse seu rancor..."

"O resto já não me diz respeito, dr. Gaillard. Não desejo receber sua confissão."

Tirou o telefone do gancho.

-Torrence?... Pode deixar o rapaz ir... Não esqueça de anotar o endereço, porque o juiz de instrução precisará dele. Em seguida, venha buscar a pessoa que está em meu escritório...

Aguardava, de pé, impaciente por se livrar do advogado.

Então, este, de cabeça baixa, murmurou com voz quase indistinta:

- O senhor nunca teve uma paixão, sr. Maigret?

Ele fingiu não ter ouvido.

- Quanto a mim, tive duas...

O comissário preferia voltar-lhe as costas, decidido a não se deixar apiedar.

- Primeiro, minha mulher, que tentei, por todos os meios, fazer feliz...

O tom era amargo. Seguiu-se um silêncio.

- Depois, quando ela ficou confinada em seu quarto e senti a necessidade de me distrair apesar de tudo, encontrei o jogo...

Ouviam-se passos no corredor, batidas discretas na porta.

- Entre!...

Torrence mantinha-se de pé no umbral.

- Conduza-o à sala dos fundos até que eu volte do Palácio de Justiça...

Não viu Gaillard sair. Quando pegou o telefone, foi para perguntar se o juiz de instrução podia recebê-lo imediatamente.

Um pouco mais tarde, cruzava a pequena porta envidraçada que separa os domínios da polícia dos magistrados.

Esteve ausente da Polícia Judiciária uma hora. Quando retornou, segurava nas mãos um documento oficial. Abriu a porta da sala dos inspetores, encontrou Lucas impaciente por notícias.

Sem explicações, estendeu-lhe o mandado de detenção em nome de Jean-Charles Gaillard.

- Ele está na sala dos fundos com Torrence... Conduza-o à prisão.

- Devemos colocar algemas?

Era a regra, para a qual havia algumas exceções. Maigret não quis parecer vingativo. As últimas palavras do advogado começavam a perturbá-lo.

-Não...

- Que digo ao guarda?... É preciso retirar gravata, cinto, cadarços?

Sempre a regra e sempre as exceções! Maigret hesitou, fez que não com a cabeça e ficou a sós em seu escritório.

Quando voltou para casa para jantar, com um certo atraso, a sra. Maigret notou que os olhos dele estavam brilhantes, um pouco fixos, e que o hálito cheirava a álcool.

Não abriu a boca durante a refeição e levantou-se para desligar a televisão, que o irritava.

- Vai sair?

- Não.

- O caso terminou?

Ele não respondeu.

Teve um sono agitado, levantou-se de mau humor, decidiu ir a pé para o Quai des Orfèvres, como fazia às vezes.

Mal acabara de entrar em seu escritório, a porta da sala dos inspetores se abriu. Lucas a fechou atrás de si, grave e misterioso.

- Tenho uma notícia para o senhor, chefe... Adivinhara o que o inspetor ia dizer? Lucas sempre se fez essa pergunta e nunca soube a resposta.

- Jean-Charles Gaillard enforcou-se em sua cela...

Maigret não se moveu, não disse uma palavra, ficou ali, de pé, olhando a janela aberta, a folhagem sussurrante das árvores, os

barcos que deslizavam no Sena e as pessoas que passavam, como formigas, na ponte Saint-Michel.

- Ainda não tenho detalhes... O senhor acha que...?

- Acho o quê? - perguntou Maigret, subitamente agressivo.

E Lucas, batendo em retirada:

- Eu me perguntava...

Tornou a fechar rapidamente a porta e foi só uma hora depois que se viu surgir um Maigret relaxado, aparentemente preocupado com assuntos corriqueiros.

Noland, 19 de junho de 1962

Notas:

1. Peixes de água doce. (NT)
2. Sursis - Termo jurídico. Dispensa do cumprimento de uma pena, no todo ou em parte

Créditos

Digitalização: Digital Source
Revisão e criação do epub: RuriaK



Jerusalém, outubro de 2013

*Venda proibida. Apenas para compartilhamento.
Se gostou da leitura, compre o livro.*